



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

ÁREA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA
MATEMÁTICA E SEUS FUNDAMENTOS FILOSÓFICO-CIENTÍFICOS

**ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS
DA LUTA DE PORECATU**

Nesta terra herdamos-se...

...histórias e resistências e (re)existências e trabalhos e lutas e...

RONILCE MAIRA GARCIA LOPES

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

**RIO CLARO - SP
2024**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

RONILCE MAIRA GARCIA LOPES

ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS
DA LUTA DE POPECATU
Nesta terra herdaram-se...



...histórias e resistências e (re)existências e trabalhos e lutas e...

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

RONILCE MAIRA GARCIA LOPES

ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS

DA LUTA DE PORECATU

Nesta terra herdamos-se...

...histórias e resistências e (re)existências e trabalhos e lutas e...

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Roger Miarka.

Rio Claro - SP

2024

L864e

Lopes, Ronilce Maira Garcia

Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu : nesta terra herdamos-se...
...história e resistências e (re)existências e trabalho e lutas e... / Ronilce Maira
Garcia Lopes. -- Rio Claro, 2024

188 p. : il., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientador: Roger Miarka

1. Educação Matemática. 2. Educação do Campo. 3. Movimento dos
Trabalhadores Rurais Sem Terra. 4. Escola Itinerante. 5. Currículo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e
Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

RONILCE MAIRA GARCIA LOPES

**ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS
DA LUTA DE PORECATU**

Nesta terra herdamos-se...

...histórias e resistências e (re)existências e trabalhos e lutas e...

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Roger Miarka - orientador

Departamento de Matemática - IGCE - Unesp - Câmpus de Rio Claro

Prof. Dr.^a Bianca Santos Chisté

Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - Câmpus de Rolim de Moura (RO)

Prof.^a Dr.^a Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Câmpus Cornélio Procopio (PR)

Prof. Dr. Thiago Donda Rodrigues

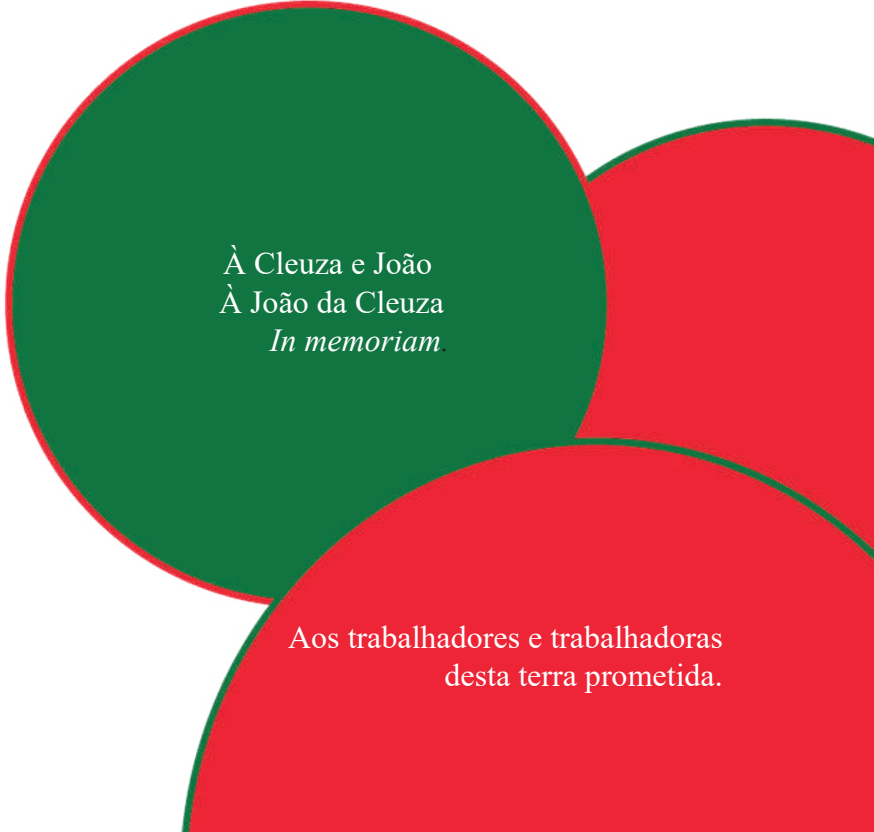
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Câmpus de Paranaíba (CPAR)

Prof.^a Dr.^a Heloísa da Silva

Departamento de Matemática - IGCE - Unesp – Câmpus de Rio Claro

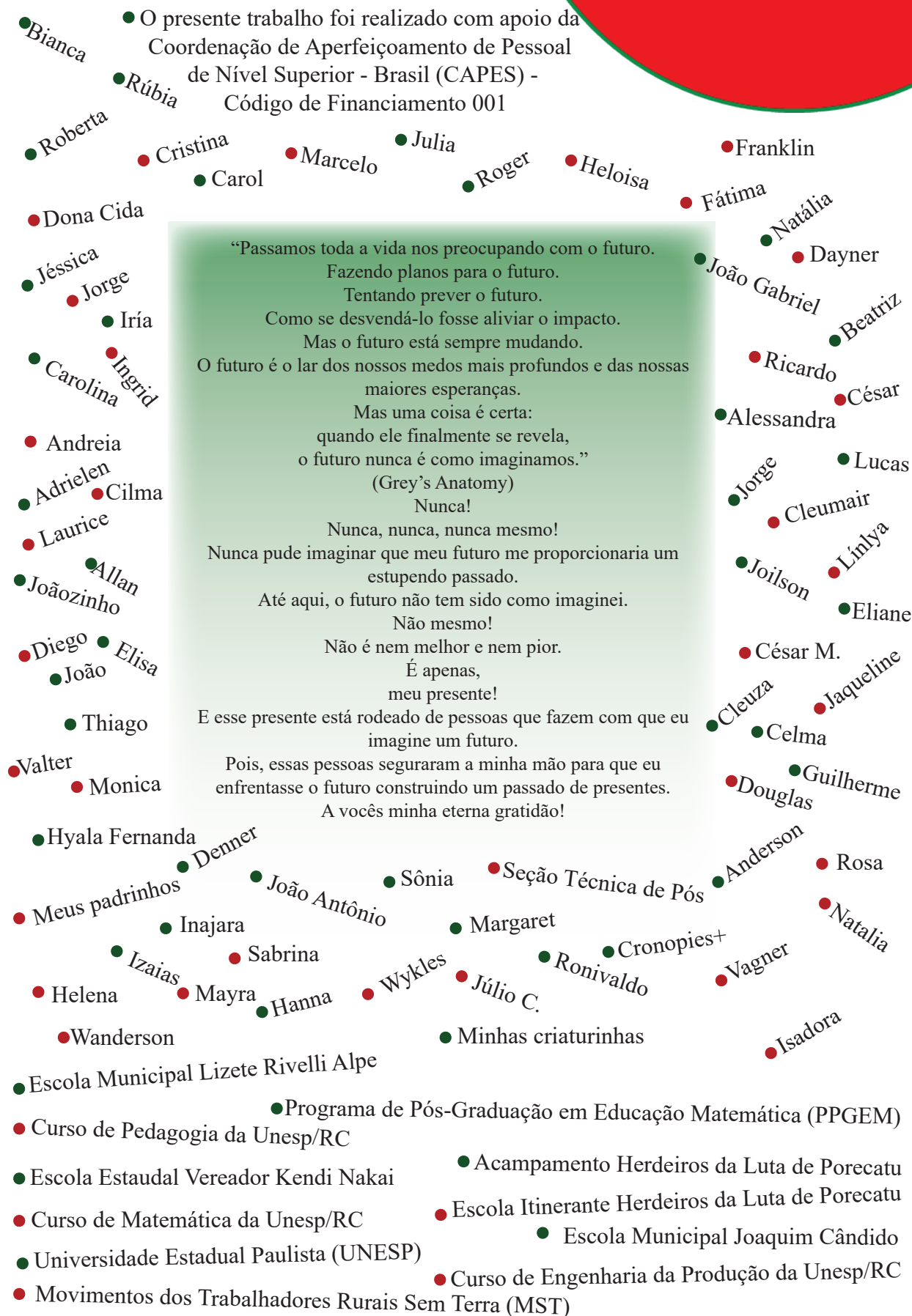
Conceito: Aprovado.

Rio Claro, SP 05 de outubro de 2023



À Cleuza e João
À João da Cleuza
In memoriam

Aos trabalhadores e trabalhadoras
desta terra prometida.



REVOLUÇÃO

“[...]

Ê Á Ô, sou o inverso da guerra e do terror

Ê Á Ô, eu sou a esperança e o amor

Ê Á Ô, sou o contrário da guerra e do terror

Ê Á Ô, eu sou a esperança e o amor

Sou Sem Terra, sou pobre, sou negrão

Sou revolução

Minha esperança é paz, igualdade social,

Uma nação soberana, fraterna

E um mundo mais igual

Reforma Agrária, Justiça e um país mobilizado

Sou a resistência, acredito no povo organizado

“[...]

Sou Revolução - Raumi Souza

Revolução

RESUMO

Essa composição tem como intenção compor narrativas e cantos de uma geografia que localiza o Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu e a Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, situada no município de Porecatu no estado do Paraná. O escopo principal é responder ao questionamento: como a educação matemática pode operar com práticas, que acontecem em uma escola itinerante, ao produzir cartografias dos territórios existenciais dos professores que ali lecionam matemática? Para compor as narrativas que buscam dar uma resposta à indagação, adotamos a cartografia como metodologia, o que levou a habitar o acampamento por cinco meses, experienciando os movimentos que aconteciam naquela geografia: a sua rotina, a sua luta, a sua organicidade, a sua escola, a sua sala de aula, seus barracos. Foram realizadas observações, conversas, entrevistas e fotos que se entrelaçam com a educação matemática, com a educação do campo, com os movimentos sociais, com as escolas itinerantes. Essa tese vai se desenhando entre dado e teoria, compondo uma narrativa que mostra como a educação matemática pode e deve operar junto aos movimentos sociais em busca de uma matemática que opere junto, que possa operar entre certezas e incertezas.

Palavras-chave: Educação Matemática. Educação do Campo. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.



Fonte: Foto do Acampamento (sem data).

RESUMEN

Esta composición pretende componer narrativas y canciones desde una geografía que ubica el Campamento Herdeiros da Luta de Porecatu y la Escuela Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, ubicados en el municipio de Porecatu en el estado de Paraná. El objetivo principal es responder a la pregunta: ¿cómo puede operar la educación matemática con prácticas que se desarrollan en una escuela itinerante, al producir cartografía de los territorios existenciales de los profesores que allí enseñan matemáticas? Para componer las narrativas que buscan responder la pregunta, adoptamos como metodología la cartografía, lo que llevó a habitar el campamento durante cinco meses, experimentando los movimientos que se producían en esa geografía: su rutina, su lucha, su organicidad, su escuela. , tu aula, tus chozas. Se realizaron observaciones, conversaciones, entrevistas y fotografías que se entrelazan con la educación matemática, con la educación rural, con los movimientos sociales, con las escuelas itinerantes. Esta tesis se configura entre datos y teoría, componiendo una narrativa que muestra cómo la educación matemática puede y debe operar junto a los movimientos sociales en busca de una matemática que funcione en conjunto, que pueda operar entre certezas e incertidumbres.

Palabras-clave: Educación Matemática. Educación de Campo. Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra.



Fuente: Foto del Campamento (sin fecha).

ABSTRACT

This composition intends to compose narratives and songs from a geography that locates the Herdeiros da Luta de Porecatu Camp and the Herdeiros da Luta Itinerant School of Porecatu, located in the municipality of Porecatu in the state of Paraná. The main scope is to answer the question: how can mathematics education operate with practices that take place in an itinerant school, when producing cartography of the existential territories of the teachers who teach mathematics there? To compose the narratives that seek to answer the question, we adopted cartography as a methodology, which led to inhabiting the camp for five months, experiencing the movements that took place in that geography: its routine, its struggle, its organicity, the your school, your classroom, your shacks. Observations, conversations, interviews and photos were carried out that intertwine with mathematics education, with rural education, with social movements, with itinerant schools. This thesis is drawn between data and theory, composing a narrative that shows how mathematics education can and should operate together with social movements in search of a mathematics that operates together, that can operate between certainties and uncertainties.

Keywords: Mathematics Education. Field Education. Movement of Landless Rural Workers



Source: Photo of the Camp (undated).

SUMÁRIO

*O girassol é o símbolo
da Educação do Campo*

(Alexandra, 2019).

CHEGADA	10
PRÓLOGO	11
MULHERES DO FIM DO MUNDO	25
CAMINHOS	28
INTRODUÇÃO (CAMINHOS)	29
MARCHA	37
INCERTEZAS	38
POEIRA	42
PREPARAÇÃO DO CORPO, SAPOS E A VIDA REAL	44
DO CÉU EU FIZ, AS LONAS AZUIS	58
LONAS PRETAS	68
QUEM OCUPA QUEM?	72
OCUPAÇÃO.....	80
CANTOS.....	81
Canto I: Sem terras	82
Canto II: Reforma Agrária.....	84
Canto III: MST	88
Canto IV: A Camponesa.....	98
Canto V: A Ocupação.....	102
Canto VI: O município.....	108
Canto VII: O Acampamento.....	119
Canto VIII: A Organicidade	125
Canto IX: Os Setores e os Coletivos.....	132
Canto X: A Educação.....	137
Canto XI: A Proposta.....	144
Canto XII: A Constituição	151
Canto XIII: A Escola.....	158
Canto XIV: Os Professores.....	164
Canto XV: O Professor.....	165
Canto XVI: O Currículo	167
Canto XVII: A Matemática	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
REFERÊNCIAS	181



Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatuⁱ

Porecatu, PR

12 de março de 2019

'Bença'ⁱⁱ mãe,

Como a senhora está? Espero que esteja bem!

Como a senhora sabe, mãe, já estou no acampamentoⁱⁱⁱ. Depois de uma longa viagem, enfim, cheguei. A viagem foi tranquila, apesar de longa. Posso dizer que valeu! Valeu toda a espera, que parecia interminável em cada rodoviária, toda a insônia, cada quilômetro até aqui valeu a pena, afinal, cheguei chegando...

Chegada essa que me alegra e me assusta. Acontecimentos que ainda me arrepiam. Me tiram o fôlego. Me arrancam sozinhos. Me faz pensar horas e horas.

Detalhes que me fazem crer que a pesquisa do doutorado será uma experiência que me marcará. Que escolher estar aqui convivendo dia a dia com as pessoas, com a rotina do acampamento irá compor junto à produção de dados com a escola e com o professor de Matemática. Nesses primeiros dias é possível perceber como a escola é uma extensão da organicidade do acampamento.

Mas, voltando ao foco, cada detalhe escrito por mim, na tentativa de representar os acontecimentos, aconteceu no dia em que cheguei no acampamento: no dia 8 de março.

Cheguei na rodoviária de Porecatu por volta das 10h da manhã, então fiquei aguardando a Marta^{iv} me buscar. Uma rodoviária pequena. Um lugar

aparentemente tranquilo. Marta me buscara um pouco mais tarde, então sentei e fiquei pensando. Imaginando. Delirando. Não sei ao certo dizer quais eram meus pensamentos e sentimentos naquele momento...

Fiquei aguardando e, por volta das 12h, Marta e Vera me buscaram na rodoviária. Fomos ao centro da cidade e então seguimos para o acampamento. Já na rodovia, meu destino estava ali, tão perto e tão perdido. Não sabia como localizar na paisagem.

Entre conversas, me perguntaram se eu era de acampamento. Respondi que não, que conheci um assentamento, no qual meu avô morou, no entanto, não foi um contato com o MST ou algo nessa direção. Minha resposta gerou estranheza. Adiantando fatos, aos longos dos dias, a mesma pergunta se repetia e a mesma reação também.

Ao sair da rodovia e entrar na estrada que me levou ao meu destino, sou surpreendida com a afirmação: "toda essa plantação é nossa, tudo isso que você vê é o espaço que ocupamos e essa é nossa produção".

A senhora deve entender minha surpresa, não é? Afinal, os acampamentos que temos conhecimento são aqueles de beira de estrada, são pequenas ocupações. Pensei. Ah!!! Eles estão aqui há muito tempo, então faz sentido. É uma situação diferente da que estou habituada.

Em seguida, a Marta disse: "a Ronilce chegou bem no dia, não é?". Vera responde: "verdade! Chega conhecendo o movimento". Questionei e Marta respondeu: "Hoje o acampamento terá pela *primeira* vez, em 10 anos de existência, a primeira audiência pública, junto à câmara de vereadores de Porecatu". Explicou que num primeiro momento haveria um ato no

acampamento e, no segundo momento, todos iriam para a câmara de vereadores em Porecatu e me convidou para participar, se tivesse interesse.

Que dia! Que dia!

De repente, o Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu, surge no horizonte e, então, vai se materializando frente aos meus olhos que não acreditam no que veem. Ou estranha o que vê?! Vê e não crê?!

Há uma pequena construção de alvenaria e há algumas pessoas por ali. Parte dessas pessoas são uma espécie de segurança. No chão tem uma corrente, que atravessa a largura da rua e que, ao ser esticada, barra a entrada no acampamento. Passamos sem problemas, mas me pergunto: por que há necessidade dessa segurança ou vigília?

Aos poucos, mãe, esse lugar que ocupa meu imaginário, por noticiários, pequenas ocupações na beira da estrada e das leituras que fiz, tentando construir um mapa, buscando rastros do que é isso, acampamento do MST, vai tramando uma teia que ora conecta, ora desconecta... um mapa, ora de representações, ora de forças vivas...

Ao entrar no acampamento, a surpresa transforma-se em choque, é muito distante do que eu poderia imaginar e destoa de visão midiática. Como posso dizer? É um pequeno bairro. É organizado. É vida.

Chegamos na escola, que, com toda certeza, escapa. Escapa às escolas que estou acostumada a ver, habitar. Por exemplo, não tem muro. Vejo algumas pinturas nas paredes com personagens que ousa dizer, causam controvérsia na sociedade. Um desses desenhos é o do Hugo Chávez. Também é um espaço relativamente pequeno. Claro que pensando que não tem muro, poderia ser tomado como infinito ou, o que mais gosto, como quintal de casa. Ainda

assim, em termo de tamanho, é pequeno, porém aconchegante. Já dizia Manoel de Barros^v, “meu quintal é maior que o mundo.” E ainda é de madeira. São dois pavilhões, duas salas isoladas, todas de madeira, e uma construção de alvenaria, onde ficam o refeitório e a cozinha. As aulas já haviam encerrado quando chegamos na escola.

Paramos na escola para almoçar. Embora o período de aula já estivesse encerrado, a cozinha estava movimentada, estavam preparando marmita para levar para a roça. Almocei com a Marta e depois fui levada à casa de dona Maria, uma acampada que mora bem perto da escola e me mostrou onde ocorreu o encontro. Na casa de dona Maria, que estava em Londrina, conheci o filho e a neta. Tomei banho e fui para o barracão.

Chegando lá, descobri que na parte de baixo do barracão tem um bar do próprio acampamento. Os moradores chamam de bar, mas é pequeno, mercadinho de bairro.

Muita gente já estava ali. Me encostei em uma parede e fiquei observando. Aos poucos fui apresentada para algumas pessoas. Também conheci a coordenadora Cecília, que é residente do acampamento. Cecília e Marta conversaram sobre as aulas do período noturno, reforçando que a juventude e os professores devem acompanhar o acampamento. É um ato importante e a presença da juventude é necessária. A escola itinerante se move, movimenta-se junto, a itinerância não parece ser só geográfica.

Observando, percebi que no teto do barracão há estandartes (flâmulas) com palavras de ordem referentes ao dia da mulher, todos confeccionados com chita e pano de saco de estopa. Estava ali, parada, me sentindo uma estranha. Mas algo era aconchegante, comum...

Em determinado momento, as pessoas começaram a se organizar no barracão. Foi pedido para que entrasse quem estivesse do lado de fora. Um homem e uma mulher, creio que lideranças, chamam a 'cumpañheirada'. Mãe, não sei dizer, que momento da minha vida, um cumprimento, boa tarde, foi tão impactante. Há algo no tom, na intensidade, no calor, na coletividade que me fazia arrepiar. Cada palavra dita, cada grito em resposta, fazia daquele momento algo único e comum.

Pensando, tentando entender e, talvez, não sejam as palavras, nem o tom, ou a intensidade das vozes proferidas, mas todo aquele momento, aquele povo ali, reunido por uma causa, a coletividade, tecendo um sensível, que atravessa... que travessa um comum e um estranho. Nada que eu diga será capaz de traduzir aquele momento, mas é como se todos os sistemas interligados do meu corpo reagissem a todos os estímulos que estavam sendo produzidos naquele encontro...

Muita coisa, mãe! Nesse momento inicial, foi dito sobre a importância de a comunidade participar, da felicidade de ver tantos ali reunidos e, claro, as mulheres foram citadas. Exaltadas. Aplaudidas. Citaram as mulheres que confeccionaram os estandartes do teto. Nesse momento, também foram mencionados os casos de feminicídio e, em especial, o caso Marielle Franco. Não é uma fala, é uma comunicação, porque todos falam... é essa coisa, essa interação que vibra e arrepia e...

Mãe, um segundo momento ocorreu no acampamento. Seguimos caminhando juntos até o fim da rua, onde há um outro barracão. Em frente havia uma pequena parede construída com tijolos, que estava coberta com um pano de chita. Antes da revelação do que estava escondido, foram plantadas

algumas mudas de flores, nos cantos da pequena parede. Foi lido um texto que narrava um pouco sobre Marielle Franco. Também houve cantoria e, para finalizar a homenagem, mas principalmente colocar a questão da representatividade em xeque, representatividade da mulher, da mulher negra e, claro, pôr a violência que nos cerca em evidência, aquela rua, a rua principal do acampamento, passou a ser nomeada de Marielle Franco. Naquela pequena parede, agora havia uma placa nomeando a rua Marielle Franco, rua que não deixa esquecer a violência que atravessa nossos corpos, nossas vidas, rua que (re)inaugura todo dia nossa (re)existência.

Sou afetada, as sensações se fazem presentes em meu corpo e sinto. Sinto latente, mãe, ter acabado de passar toda a madrugada sentada num banco de rodoviária numa cidade desconhecida e, como diria aí na Bocaina, na cidade grande, faz atritar essa violência, que nos coloca sempre numa circunstância de risco, mas nós fomos as culpadas de tal situação. As causadoras. As erradas.

Nesse encontro de arrepios, o outro é presença. Os outros são presença. Marielle é presença. As mulheres são presença. Aquelas pessoas são presença. Mãe, você é presença. Presença! Presente!

Voltamos ao barão para aguardar os ônibus que nos levariam a Porecatu. Então, conheci a dona Maria, que chegou de viagem, e a Nenzinha, amiga inseparável. Conversamos enquanto aguardava o ônibus. Dona Maria conta que estava em Londrina por questões familiares: recentemente perdeu um bisneto com poucos dias de nascido. Muito triste a situação, muito complexa. Nessa conversa, mais duas coisas se somam a essa sensação latente que me ocupa. Me arrepiã. Primeiro, dona Maria, o alicerce da família, é quem

sustenta, de corpo e alma! Segundo, como a mulher está exposta... Não é fácil, nada é fácil, nem ser mãe...

O ônibus chegou e Dona Maria estava lá, tomando a frente, organizando o pessoal em um dos ônibus. Muitos precisam ir em pé e muitos foram de carro. Os jovens puxaram algumas músicas e gritos de ordem. Não que o caminho seja muito longo, mas é demorado. A senhora conhece estradas de terra. Levamos um tempo para chegar em Porecatu.

Dona Laurice, dona Laurice... chegamos à câmara de vereadores já era noite. Estranhei, pois não havia vereadores. Então, descobri ser uma audiência pública, mas a mesma não ocorreria junto à seção da câmara, era algo à parte. Logo, não havia obrigatoriedade de todos estarem presentes.

Quem estava ali? Estavam a vereadora que conseguiu a audiência pública junto à câmara de vereadores, sem vereadores, e o presidente da câmara. Ele tem que abrir a seção, né?! Havia mais de 100 pessoas ali, pessoas organizadas, com estandartes, lenços, camisetas, bonés, e havia ali dois de nove vereadores. Havia dois vereadores de nove vereadores na primeira audiência pública em 10 anos de existência do acampamento no mesmo lugar. 'Primeiraaaaaa', primeira audiência em 10 anos... 10 anos de existência do acampamento! E não foi a primeira tentativa de uma audiência pública ou qualquer aproximação junto à representação política do município.

Enfim, a tão esperada audiência começou. O excelentíssimo presidente abriu a seção, mas mal se dirigiu ao povo que estava ali, ousou dizer, nem os olhou. Passou a palavra à vereadora responsável, que chamou algumas pessoas à frente e, em seguida, fez um pequeno discurso sobre o dia das mulheres, focando a violência que nos cerca, em especial, no estado do Paraná. Em

seguida, uma acampada também fez uma fala, era um discurso mais cuidadoso, que apontava dados nacionais e problematizava outras situações para além da violência física, como aposentadoria rural para as mulheres e violência doméstica. Também fizeram propostas, indicaram algumas ações que estados e municípios têm implementado para combater, ou tentar combater, os assédios sofridos pelas mulheres. Falaram, inclusive, sobre um mecanismo no celular que pode ser acionado facilmente, caso a mulher seja atacada ou se sinta em perigo. Antes de finalizar esse primeiro momento, uma professora moradora de Porecatu também foi chamada para fazer um discurso sobre o dia da mulher e sobre o acampamento.

A professora que leciona há 8 anos no acampamento fez colocações enquanto educadora, mulher e militante. Foi uma fala simples, no tocante a dados, proposta, mas esse não era o intuito, suponho. Sua fala era militante, era a representação da exterioridade no interior, uma questão de alianças, era a fala de uma professora que se tornara militante. Pode até ser uma fala simples, mas muito sensível ao comum partilhado. O vereador e a vereadora, agradeceram todas as falas e fizeram comentários. A vereadora se mostrou bastante interessada nas propostas sobre possíveis mecanismos de defesa para as mulheres.

Nesse momento, há algo que evidencia ainda mais que a relação entre acampamento e município é complexa. Claro, são sensações, impressões que ficam, mas creio que é uma relação de negação, de invisibilidade, de apagamento, mãe. Esse espaço perdido, deve ser tomado como um ato de violência contra os munícipes. Digo isso, pois, uma questão que me coloco, mãe, é que na cidade há uma usina de cana-de-açúcar, que está fechada por

determinações da justiça. Mas a usina, bem ou mal, devia empregar, girar a economia do município. A senhora deve-se perguntar: e daí? Eu respondo: as terras ocupadas pelo Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu são terras da Usina Central do Paraná. Minha questão é: como a população vê o acampamento? Como essa ocupação tem sido compreendida, eu não sei dizer, mas as coisas vão acontecendo e a pulga atrás da orelha vai...

Mãe, vou pontuar duas situações em que a pulga dá uma coceirinha. A primeira refere-se àquela minha ousadia de dizer que o excelentíssimo não olhou o povo a sua frente! Então, analisa comigo a situação: durante todos esses momentos, o senhor vereador, o excelentíssimo presidente da câmara, que estava sentado em sua cadeira no centro da sala, não se designou a sentar na frente, de modo a olhar os cidadãos presentes. Esses, viam a orelha do cidadão. Entende que ele esteve sentado de lado? Sentado de lado, com a cadeira quase que deitada, sempre de lado. O que acha? Por certo, estão olhando quem fala, não é?

Após a fala da professora, a pergunta feita foi: o acampamento emprega educadores do município? O acampamento gera emprego para Porecatu? Como vocês têm uma escola? As crianças de lá não estudam aqui? Essas situações vão acumulando pulguinhas atrás da orelha. Não tem como, não tem como não pensar a relação entre acampamento e município, porque esses acontecimentos esclarecem, por exemplo, por que só agora conseguiram uma audiência; explica a não participação dos demais vereadores. Acampamento? Que acampamento? MST? É como se este lugar estivesse numa geografia perdida.

Acredite se quiser, não para por aí... Bom, após a fala da professora, a acampada retorna e agora coloca questões pontuais do acampamento, bem como das lutas do MST. Primeiro ponto: agrotóxico. Apresenta estudos sobre uso de agrotóxico no Paraná, informando que mesmo que não haja aplicação de defensivo agrícola ali ou em determinada região, as águas dos rios estão contaminadas, pois há uma questão geográfica que favorece o escoamento do veneno, visto que a bacia hidrográfica no estado é farta.

É comentado que a chuva faz com que a terra escorra chegando aos rios. Desse modo, as águas vão levando de um canto a outro o produto que foi espalhado. E ainda completa: é mais expressiva agora essa contaminação, dado que o veneno hoje é jogado nas plantações por aviões. Desse modo, a pulverização tem um alcance maior, atinge mais do que a plantação e o solo da plantação. Não só atinge, mas afeta outras terras, outras plantações (que podem, inclusive, não usar), os trabalhadores, as vegetações nativas, as pessoas, os rios, as vidas.

Outro choque para mim e para o excelentíssimo refere-se a algum documento, que não me recordo, também não entendi muito, mas, grosso modo, a falta de meios que viabilizem essa documentação prejudica os produtores, pois estes estariam irregulares, necessitando, às vezes, que um agricultor venda a safra de outro. Por quê? Porque está regularizado e os que estão em situação regular, não é por Porecatu. Veja: o acampamento produz e não gera renda ao município, porque a cidade se quer presta atenção na existência deste espaço, mas nesse momento, o excelentíssimo se interessa e pergunta: o que precisam? O que pode ser feito? Ainda assim não vira para a

frente, fala sentado, quase deitado, de lado, olhando somente quem fala e, quem fala, olha para o povo.

Depois, é pedido assistência ao município, em especial, para a reparação da estrada e das ruas do acampamento. A prefeitura presta assistência à população quanto a questões de saúde e educação, mas, vamos dizer, que, no que concerne à infraestrutura, nada foi feito. A rua Marielle Franco, as ruas que abrem caminho entre barracos, barrancos e árvores, foram abertas pelos acampados. Tudo ali, é levantado com o trabalho, com o maquinário dessa gente.

A audiência, tão esperada, se finda com promessas de 'vamos conversar'. Retornamos ao acampamento e foi uma noite de intensidades, para mim e para aqueles Sem Terra. Já no acampamento, o povo se reuniu novamente no barracão e foram festejar. Foi uma noite de conquista. Ali, entre a luz do barracão e a escuridão da noite, grupos comentavam sobre aquela reunião, sobre os dirigentes, audiências internas, reuniões foram marcadas e a multidão comentava, se alegrava. Também comentaram sobre a participação massiva da comunidade, de como foi bonito ver o povo organizado, pois nem sempre isso acontece e a luta é exaustiva.

Se a prefeitura vai passar a olhar essa gente eu não sei, mãe. Contudo, aquele vereador, aquela vereadora e eu, nos deparamos com um povo organizado. Afinal, eles desconheciam a realidade do município que representavam. Desconheciam a organização daquele lugar. Desconheciam a grandeza do MST. E eu, por mais que tivesse lido, assistido, jamais estive preparada para esse dia. Em várias circunstâncias, eu senti os impactos na boca do estômago, não estávamos diante de uma gente sem lei, sem propósito, de

uma gente ignorante, aproveitadora. Não que eu tivesse esse pensamento, pelo menos não mais, mas também não tinha me dado conta ainda da multidão que é o MST nesse país.

Estou aqui há alguns dias, mas é tanta, tanta coisa, que eu levaria dias contando tudo à senhora, mas escrevo para dizer que estou bem, que estou segura. Diga a esses ‘cabeças duras’ da minha família que estou bem. Embora não me digam nada, sei que não entendem, talvez aceitem minhas escolhas ou pelo menos tentam aceitar, então, eu ‘tô’ bem, apreensiva ainda, mas feliz. Fiz uma escolha, mãe, e que escolha! Meu orientador dizia: Ronilce, precisa preparar o corpo. Creio que falhei nessa tarefa, porque eu, de fato, eu não estava preparada para isso, não sei se estava preparada para algo, na verdade. Todavia, creio que não fracassei miseravelmente na tarefa, isso aqui é muito mais do que eu podia imaginar. Rascunhar. Rabiscar. Mapear...

Mas não estou desesperada como fiquei no mestrado e olha que nem se compara os acontecimentos, a intensidade aqui é imensurável. E tudo isso que tento narrar aconteceu em menos de 24h! Tudo isso durou menos tempo do que levei para chegar aqui. Não está fácil, mas está... sensacional! Há um corpo vibrátil... “Um fim de mar colore os horizontes [...]”, mãe! Eee Manoel de Barros^{vi}, suas palavras fazem saltar aquilo que não sabemos dizer.

Antes que me esqueça, Dona Maria e Nenzinha são umas peças raras. Primeiro, que elas não têm travas na língua, o que têm que falar, falam e, segundo, são custosas, estamos o tempo todo rindo, atentando uma à outra... Dona Maria tem passado dias difíceis, percebo que sempre que tem oportunidade está desabafando. Ela inclusive sugeriu que eu ficasse aqui na casa

dela, mas não sei. Ela nem sempre está aqui e, mais: esse não foi o combinado, mas não poderia ter sido melhor acolhida.

Vou ficando por aqui, mãe^{vii}.

Um abraço carinhoso e feliz, mãe^{viii}.

Obrigada!!!

De sua filha,

Ronilce Maira^{ix}.

ⁱ Imagem I: Chegada (foto que antecede o texto).

ⁱⁱ Sempre que uma palavra aparecer entre aspas simples, significa que as palavras estão sendo escritas na forma coloquial ou são gírias ou são expressões populares ou são abreviações ou onomatopeias ou...

ⁱⁱⁱ Assumindo o prólogo como um texto carta, não ficarei atenta a questão de siglas e nomeações do acampamento ou da escola. Nos próximos textos, tomarei o devido cuidado com as nomeações e siglas.

^{iv} Os nomes utilizados em toda tese serão nomes fictícios.

^v (2015).

^{vi} (2004, p. 14).

^{vii} Ocupação de Sueli Rolnik (2016) e Jacques Rancière (2009).

^{viii} Imagem II: Mulheres do fim do mundo (composição após o texto).

^{ix} Todas as imagens sem indicação de fonte são fotos elaboradas pela autora em 2019. Haverá indicação de fonte nas fotos que não sejam da autora. Podendo ser realizada as nomeações em notas de fim ou roda pé. Também não haverá nomeação das imagens sempre junto as imagens. Poderão estar nomeadas em notas de fim ou roda pé.

Mulheres do fim do mundo



Barracão de reunião da coordenação

Eu sou, eu vou até o fim cantar

Mulher do fim do mundo

Eu sou, eu vou até o fim cantar

Cantar”

"Eu quero cantar

Até o fim, me deixem cantar até o fim

Até o fim, eu vou cantar

Eu vou cantar até o fim."



Placa em Homenagem a
Marielle Franco inaugurada
no dia 8 de março de 2019

Eu sou mulher do fim do mundo

Eu vou, eu vou, eu vou cantar

Me deixem cantar até o fim [...]

(Elza Soares, Mulher do Fim do Mundo)

Dona Maria (in memoriam)

Fonte: Acampamento (sem data)





CAMINHOS

[...] você perguntará por que cantamos [...]

Cantamos porque o grito só não basta

E já não basta o pranto nem a raiva

Cantamos porque cremos nessa gente

E porque venceremos a derrota [...]

Cantamos porque chove sobre o sulco

E somos militantes desta vida

E porque não podemos nem queremos

Deixar que a canção se torne cinzas.

Antologia Poética – Mário Benedetti

Cantamos...

Lutamos...

Resistimos...

Marchamos...

Rumo a um caminho incerto. Desconhecido. Dificultoso. Caminho que exige. Exige que se entreguem as pedras e as flores que nos serão oferecidas enquanto caminhamos. Na mochila: uma caneca, prato e talheres. Uma bandeira vermelha jogada nas costas e, na cabeça: um boné, também vermelho. No coração: a esperança. Na mente: a certeza de que o caminho é correto.

Quero convidar você para caminhar junto a mim pelos caminhos que compõem o Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatuⁱⁱ, situado no norte do Paraná, na zona rural do município de Porecatu. Prometo tentar não me perder frente a “tantas entradas e saídas que agora – com muitos restos rabiscados em um caderno de campo, numerosas anotações nas bordas de livros, centenas de fotografias, vídeos e entrevistas produzidos [...]”ⁱⁱⁱ. No “esforço [que] se dá à emergência de produzir algo que, de alguma forma, poderia ser denominado tese^{iv}.” Quero caminhar com vocês. Partilhar. Lutar. Resistir. Cantar. Contar. Encantar. Sorrir. Acolher. Viver. Lançar vocês no olho do furacão. Assim como o acampamento fez comigo. E, juntos, quem sabe, compor uma mística^v que desmitifique o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)^{vi}.

Enquanto caminho pelas marcas da partilha, compondo um caminho para narrar a história dessa tese, criando uma tessitura de corpos. Vozes. Cheiros. Sabores. Histórias. Místicas... que vão ocupando as páginas em branco nas quais escrevo e apago e escrevo e apago... Como se nada fosse possível. Como se nada pudesse dar conta desses emaranhados de caminhos que tenho à frente. Continuo caminhando...

Afinal, “uma história pode ser contada de várias maneiras^{vii}.” Cada história, um corpo. Cada vez que a história é contada, um novo corpo é constituído. Isso é parte da mística. Por isso, assumo a tese como corpos, pois estou contando a história da história da história... são histórias de corpos e corpos e corpos... Aos poucos vou produzindo um inventário da realidade^{viii}. Compondo minha própria mística enquanto caminho por essa geografia perdida, lançada no olho do furacão.

O que é um corpo? Corpo, sou eu inteiramente, e nada mais; e alma é apenas uma palavra para algo no corpo. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade, com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor^{ix}.” A realidade única dos seres vivos é o corpo, pois somos corpos entre corpos.

Nietzsche é inegavelmente verdadeiro quando diz: “nosso corpo é uma guerra e uma paz^x”, pois quando observamos o funcionamento do nosso organismo, percebemos essa relação: temos sangue fluindo nas veias; pulmão que enche e esvazia; em nossa cabeça, pensamentos contínuos; um coração que não se cansa e os músculos estão retesados. Um movimento contínuo, uma força afirmativa em atividade constante. A expressão do vir-a-ser.

Somos uma relação de forças dinâmicas: cada corpo busca seu limite, ultrapassando obstáculos e resistências, exprimindo, assim, sua potência. Somos forças dinâmicas. Ao buscar pela exaustão, o que nos acontece? Acontece a transformação!

Após esse processo de exaustão e transformação, o que acontece? Nietzsche chama de *vontade de potência*^{xi}, ou seja, uma pluralidade de forças em transformação, variação e transmutação. Muitos. Muitos. Inúmeros. Inúmeros impulsos. Infinitas. Infinitas vontades. Múltiplas. Múltiplas almas que, se movimentando, transformam-se. É simples assim! Toda força exaurida se diferencia! Cria místicas.

O corpo é... dinâmico. Divisível. Multiplicador. O corpo... se move. Se espalha. Se derrama. Diferentemente. Somos corpos entre corpos. O corpo é a habilidade de tornar-se. Torna-se outro. Outros. Em um corpo há lutas políticas, pois temos uma complexa estrutura de impulsos e de afetos em conflito. Movimento. Efervescência. Mística.

Assim faço o convite para constituir outros corpos, junto a esse corpo-tese que se constitui junto ao Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu e à Escola Itinerante Herdeiros

da Luta de Porecatu^{xii}. Frente a uma página do Word com a emergência de produzir, com as entradas e saídas, uma tese. Penso que preciso constituir um corpo-tese-mística que trilhe junto pelos caminhos das histórias que compõem o meu inventário da realidade.

Todas as entradas e saídas que atravessam meu corpo se constituem de corpos entre corpos. Ao estar em um acampamento do MST, que é um movimento social de reconhecimento internacional, compreendo que ele é feito de corpos e, por isso, está tão sujeito à guerra e à paz. Não há somente um modo de mastigar, ruminar e digerir tudo que me atravessa e que em algum momento atravessou os corpos que compõe essa história.

O que cabe a mim? O que eu posso? Posso dar vida a essas histórias que comigo foram partilhadas. Expor as marcas do corpo. Esses “estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo^{xiii}”. Por serem presença imanente, é preciso contar essa história com vocês, pois as marcas se constituem potências. Como tal, podem ser conectadas à vida, de modo a abrir possibilidades de um recomeço. “Quando isto acontece, a[s] marca[s] se reatualiza[m] no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença^{xiv}.”

O que posso? Posso produzir uma tese que sirva ao movimento. Para isso, é preciso mais que tinta preta sobre papel branco. É preciso vida! E a vida é uma mistura de coisas feias e belas, tristes e alegres... Por isso, esta tese é mais que papel, é um corpo-tese, pois é meu corpo que em um embate – com as coisas feias e belas, tristes e alegres –, a produz. É meu corpo que no encontro com outros corpos dá vida a esse amontoado de papel sujo de tinta.

O que quero? Quero dizer que essa geografia perdida é constituída de corpos. Corpo brancos. Pretos. Pardos. Originários. Quilombolas. Mulheres. Homens. LGBTQIA+^{xv}. Idosos. Juventudes. A cultura que é constituída aqui é uma cultura de luta, de trabalho. Isso é a essência deste lugar. O comum partilhado aqui entre esses corpos, é luta e trabalho. E violência. Não que eles produzam violência. Eles são acometidos à violência. Ocupar um acampamento é o desejo pela fuga da violência que se sofre sozinho, sem esperança. O acampamento pode sofrer violência, a luta pode gerar violência e ainda assim, as pessoas preferem estar lá, porque lá a violência é enfrentada de braços dados. A violência que podem sofrer é na tentativa de mudar esse estado de violência, que grande parte da nossa sociedade está acometida.

O que posso? Pouco, muito pouco. É quase impossível dar vasão a todos essas entradas e saídas. Pensar na minha pergunta e focar. Escolher um caminho. Deixar de lado. É o meu corpo produzindo uma tese. Uma tese de um lugar... de uma geografia perdida. Uma tese sobre pessoas que são discriminadas por lutar por nossos direitos. Uma tese que se espera... sabores, cheiros, culturas, texturas... que se espera beleza. Mas, essa não é uma tese de coisas bonitas e

alegres somente... essa é uma tese de lutas, dores, paisagem deformada por madeira, lona, latão... Você está preparado para uma tese de luta?

Nesse percurso de produção de uma tese, posso não... não conseguir dar força a toda luta... posso não... não conseguir fazer você sentir os aromas. O que posso? Posso te dizer que talvez não encontre o que procura, pois desejo que veja o contrário: aquilo que... que não procura, mas que possa te trazer as intensidades de um povo, muitas vezes, negligenciado.

Uma reserva: não busque por beleza ou por uma idealização. Esta tese não trata do belo, ao menos não no sentido usual. Talvez possa dizer que este corpo-tese narre uma bela realidade entre o fel e o mel. Amargo de uma negligência histórica, doce do acolhimento pelo coletivo, um e outro povoado por vozes.

- “Eu não quero sair daqui”.
- “Esse lugar me deu oportunidades”.
- “Sou feliz aqui”.
- “Aprendi a lutar aqui”.
- “Gosta da vida em comunidade”.
- “29 anos de uma vida sem terra”.
- “A luta é difícil, cansativa”.

Proponho aqui uma leitura dessa beleza *felmel*, que opera em um acampamento do MST, materializada em um corpo-tese-mística. Por que mística? Porque a mística conecta cada corpo. Uma mística produz... produz luta. Produz trabalho. Produz morte. Produz renascimento. Produz sonhos. Sobretudo, produz esperança.

Para dizer dessa beleza *felmel* do acampamento, produzo narrativas em suas mais variadas formas, tentando sempre manter a potência de vida dessa geografia perdida. Tomo o conjunto dessas narrativas como uma mística de formação.

A mística hoje é um instrumento essencial nos processos de luta do MST. A mística é o que conecta, anima.... é memória. A mística é uma prática. É uma prática educativa em âmbitos teóricos e metodológicos. É uma análise histórica, cotidiana. Por isso, preciso que esse texto seja um corpo-tese-mística. Só assim, talvez eu possa alguma coisa. A mística é o que é e a cada vez que se repete se diferencia. E isso é o movimento! E isso é uma tese!

Para compreender o conceito de mística no MST, suas origens marcadas por uma influência da Teologia da Libertação, expressão cristã desenvolvida no interior da Igreja Católica Latino-americana nos anos 60 do século passado. Para Frei Betto, a mística cristã nasce do ser humano, pois

A necessidade de sonhar é intrínseca a cada um de nós. E não é só isso: é também o desejo de nos suplantar, de nos superar. O humano é um ser que não cabe em si mesmo. Daí que a experiência mais profunda do ser humano é aquela que o arranca de si mesmo em direção a um outro – a experiência do amor. A isso a tradição cristã chama ‘mística’” (Boff; Betto, 1996, p. 115-116).

Embora a mística tenha essa base cristã, o MST compreende a mística de forma dinâmica, “expressando-a também nas compreensões que tem de si enquanto sujeito coletivo e da realidade social e política, que está em mudança constante”^{xvi}. Por meio desse contato com a mística praticada pela Teologia da Libertação, “o MST ressignificou o seu fazer em torno de suas lutas, interesses e objetivos. É possível dizer que o Movimento começou a investir numa mística própria^{xvii}.” O MST traz o conceito de mística para marcar e lembrar seu modo de vida Sem Terra. Nesse contexto,

Por mais que reconhecesse a influência religiosa nessa prática, o MST procurou desvincular a sua mística do âmbito religioso. O Movimento também buscou teorizá-la, no intuito de construir sentidos para o seu fazer nas atividades desenvolvidas pelos sujeitos (Coelho, 2010, p. 263).

Então, as narrativas que vão ganhando forma em formatos diversos, desde cartas, conversas, textos teóricos, uma tentativa de epopeia, percebo esse movimento de valorizar a vida Sem Terra. Por isso, esse texto não é uma tentativa de enaltecer o MST, ou de desvendar o que há por traz dos barracos, mas é uma tentativa de lutar junto com o MST, com as armas que tenho. De deixar essa vida Sem Terra pulsar.

O que posso? Posso produzir uma tese que cuide, preserve essa gente e uma tese que dê força a luta de gente, assim sendo, a tese vai se compondo com narrativas, cartas, fotos, composições, poemas, músicas, entrevistas. Na busca por cuidar essa gente que sofre com a exposição, as fotos tendem a não revelar muito, os nomes são fictícios. Mas, a fim de mostrar a força, as entrevistas apresentadas, são todas reais, não há invenção, há no máximo uma correção do coloquialismo que se faz presente na fala.

A tese, estruturalmente, está no olho do furacão, pois, a apresentação dos dados e a análise dos dados, são lançados entre as composições que vão compondo as discussões, teóricas, metodológicas. O olho do furacão traz toda essa ventania, desordem, mas ironicamente, dele é possível, ver o azul do céu. Dele, eu lanço cantos. Enquanto, sinto a tormenta novamente, em frente a essa página do Word, canto a alegria, a força, a luta, as dificuldades, as paisagens, a escola, a aula de matemática, os sonhos... Canto, entre os vendavais que não me descanso, mas

sempre me lançam ao olho do furacão, me dando a possibilidade, de ver as lonas azuis que cobrem as lonas pretas dessa geografia perdida, entre a ventania e o olho do furacão.

A tese se (des)compõe em três composições, abertura (parte introdutória), marcha (narrativas que discutem os caminhos metodológicos, teóricos e vivências) e ocupação (apresentação dos dados e análise dos dados), no entanto, ao chegar nesta página, ocupação. Você, quase nada encontrará, pois, está parte, estará ocupando outras geografias dessa tese perdida entre a ventania e o olho do furacão. Sua leitura, pode ser, branda como o olho do furacão, seguindo o fluxo, abertura, marcha e por fim, a ocupação, que são compostas pelos cantos. Ou leia entre os cantos.

O que posso? Posso convidá-los a...

Cantar...

Lutar...

Resistir...

Marchar...

Posso produzir um corpo-tese-mística que trilha os caminhos que percorri, compartilhando o dia a dia. A vida. A luta. A paz. O medo. Os sonhos. A labuta. A rotina. A organização. As dificuldades. As aprendizagens. Os corpos. E, assim, juntos vamos contando essa história, revivendo e revirando memórias. Produzindo místicas.

Sueli Rolnik nomeia de memórias invisíveis esse processo de condução da memória pela marca. Para ela, “no visível há uma relação entre um eu e um ou vários outros [...], unidades separáveis e independentes^{xviii}.” E aqui, estamos falando de algo que se situa junto a categorias representativas. No que tange ao “invisível, o que há é uma textura que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições^{xix}.” Criando místicas. Produzindo diferenças.

Esse texto é um convite para o recomeço, para uma nova entrada e saída daquelas marcas que foram partilhadas, anotadas, gravadas, fotografadas, entrevistadas, rascunhadas, lidas... conversas, apenas conversas. Essas marcas estão sempre em um recomeço, pois elas ressoam com outras experiências e, por isso, esse texto é escrito junto a vocês, leitores. Junto ao acampamento. Só assim há um recomeço. Uma mística capaz de produzir diferença. Uma tese que possa afirmar a potência da vida.

Esse texto é a minha mística. É a minha produção do vivido. E ao ser lida, poderá produzir outra coisa da vivência e que, apesar de aparentemente tratar sempre de uma mesma história, traz a potência de produzir outras histórias. A mística é memória. É marca. É potência de vida. É recomeço. É o que é, de novo, de novo, de novo... até se diferenciar.

Juntos seguiremos pelos caminhos que me levam ao acampamento da escola itinerante, aos corpos que produzem esse espaço marcado, por histórias e corpos que contam a história dessa terra. A nossa história. Com isso, te convido.

Vem comigo?!

Vem cantar?!

Vem dançar?!

Vem sorrir?!

Vem sonhar?!

Vem estudar?!

Vem partilhar?!

Vem lutar?!

Vem resistir?!

Vem marchar?!

Vem caminhar por essa geografia perdida?!

Vem conhecer as lonas pretas?!

Vem conhecer as lonas azuis?!

-
- ⁱ Imagem III: Caminhos (foto que antecede o texto).
- ⁱⁱ Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu será mencionado como acampamento. Se outros acampamentos forem citados, os mesmos serão nomeados corretamente para distinção.
- ⁱⁱⁱ Gondim (2021, p. 14).
- ^{iv} Gondim (2021, p. 14).
- ^v O termo “mística” será desenvolvido à frente e está vinculado à uma prática do MST baseada em uma prática cristã da Teologia da Libertação.
- ^{vi} Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra poderá ser nomeado como MST ou movimento.
- ^{vii} Lopes (2016, p. 17).
- ^{viii} Hammel, Farias e Sapelli (2015, p. 74).
- ^{ix} Nietzsche (2008, p. 43).
- ^x Nietzsche (2008, p. 51).
- ^{xi} Nietzsche (2005, p. 36).
- ^{xii} Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu será mencionada como sendo escola itinerante, no caso, de menção de outras escolas, as mesmas serão citadas corretamente para distinção.
- ^{xiii} Rolnik, (1993, p. 242).
- ^{xiv} Rolnik (1993, p. 242).
- ^{xv} Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou travestis, queer, intersexo, assexual e demais orientações sexuais e identidades de gênero...
- ^{xvi} Figueredo e Silva (2021, p. 8).
- ^{xvii} Coelho (2010, p. 263).
- ^{xviii} Rolnik (1993, p. 242).
- ^{xix} Rolnik (1993, p. 242).



MARÇA

Arroz deu cacho e o feijão floriô,
Milho na palha coração cheio de amor.
Arroz deu cacho e o feijão floriô,

Milho na palha coração cheio de amor.
Povo Sem Terra fez a guerra por justiça
Visto que não têm preguiça este povo de Pegar
Cabo de foice, também cabo de enxada
Pra poder fazer roçado
E o Brasil se alimentar

Com sacrifício debaixo da lona preta
Inimigo fez careta, mas o povo atravessou
Romperam cercas que cercam a filosofia
De ter paz e harmonia para quem planta o
amor.

Arroz deu cacho e o feijão floriô,
Milho na palha coração cheio de amor.
Arroz deu cacho e o feijão floriô,
Milho na palha coração cheio de amor.

Erguendo a fala gritando Reforma
Agrária,
Porque a luta não para
Quando se conquista o chão
Fazendo estudo,
Juntando a companheirada
Criando cooperativa pra
Avançar a produção.

Arroz deu cacho e o feijão floriô,
Milho na palha coração cheio de amor.
Arroz deu cacho e o feijão floriô,
Milho na palha coração cheio de amor.

FLÔRIO (Zé Pinto)

Incertezas

[...] começo

e recomeço

e remeço

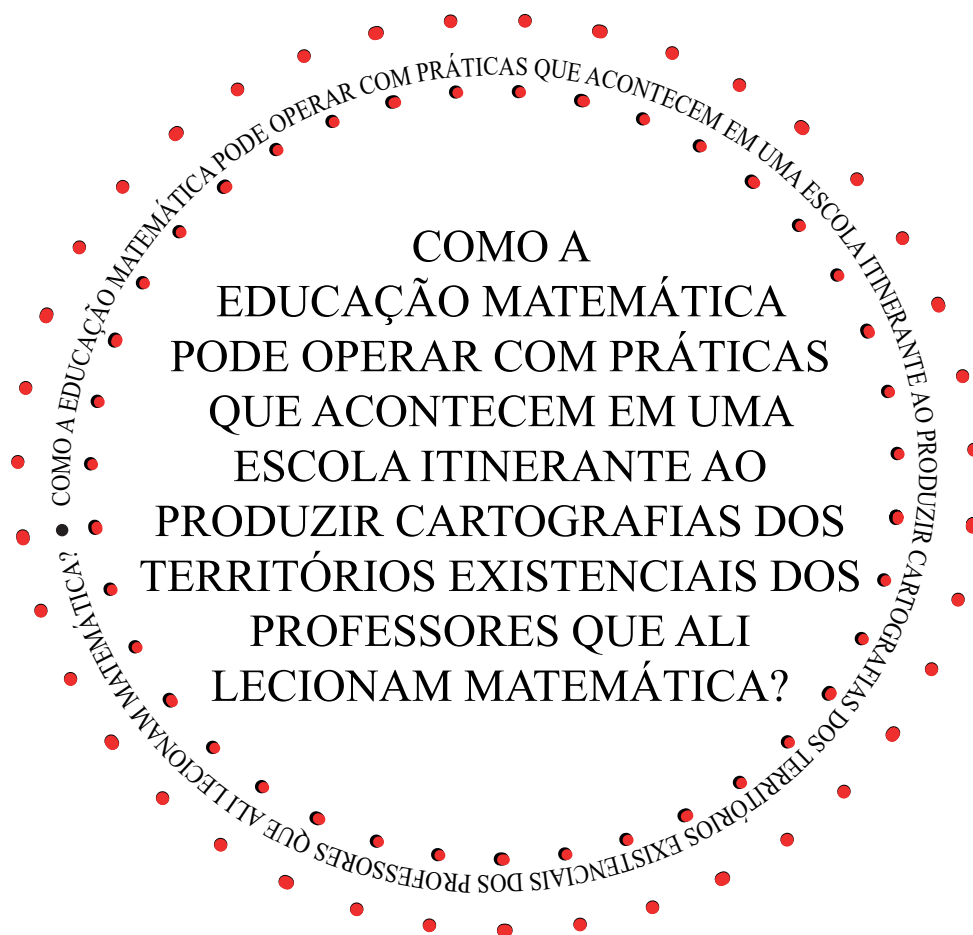
e...

e...

e...

e...

aaaarremeeessooooo [...]



Pergunta que ao ser lançada vai deixando rastros dos movimentos que atravessam sua trajetória. A interrogação interroga muitos pensamentos, desejos, falta de rumo, medo, incertezas. A questão que é arremessada atravessa «milumanoites, mal dormidas matutando «milumacoisas» na busca por uma ideia que atravessa a educação do campo, a educação matemática, o orientador, os desejos, o chão da escola, os anseios... E... E... «Milumapáginas» rabiscadas, deletadas, rasuradas, «milumapáginas» de horas e horas em branco... Esse processo de «milumanoite», e «milumapáginas» são o começo e o fim dessa tese que se lança, que se aaaaarremessa, e começa e recomeça e arremessa-se ao movimento da cartografia, da mística, de ocupar uma escola que (re)existe, (re)inventa, (re)inaugura, (re) (re) (re) (re)siste... Uma pesquisa-movimento. Uma pesquisa que luta com os movimentos sociais por uma matemática que se movimente com os movimentos, por uma educação matemática que convoque matemáticas e educações outras para atender...

“[...] ao anseio, legítimo, dos movimentos sociais populares, de terem acesso ao saber matemático hegemônico, o que temos chamado usualmente de Matemática. O mundo globalizado em que vivemos, uma globalização excludente e belicista, tem produzido cada vez mais desigualdade social, mais miséria, mais contrastes sociais. Se, por um lado, as novas tecnologia possibilitam a cura de muitas doenças antes incuráveis e permitem a comunicação instantânea entre lugares muito distantes do planeta, tais “avanços” têm sido acessíveis a uma



pequena, uma pequeníssima parcela da população mundial. Nem mesmo os habitantes dos países centrais escapam deste crescente processo de produção da desigualdade. Também lá o desemprego aumenta, há menos postos de trabalho e a informatização no mundo laboral acaba por produzir uma massa de seres humanos que estão à deriva... O sistema bancário é um exemplo contundente disto que acabo de mencionar. É também exemplo disto o campo brasileiro, no qual a automatização dos



meios de produção e a concentração fundiária acabaram por produzir mais e mais famintos que vêm à cidade em busca do sonho de uma vida digna, mas que acabam, inexoravelmente,



marginalizados nas periferias das grandes cidades, onde uma “quase” guerra civil está instalada, dominada pela droga, pelo crime organizado. Os movimentos sociais estão cientes desta situação social limite em que nos encontramos. E, por isto, cumprem, do meu ponto de vista, um papel importante na atual conjuntura brasileira: o papel de organizar os empobrecidos e desesperados em lutas coletivas que lhes apontem para um futuro de trabalho, de moradia, de



saúde e de educação e, portanto, de dignidade humana.



(KNIJNIK, 2004, p. 1-2).

Ciente dessa condição vulnerável do país, em que, “segundo dados do Ministério da Cidadania, 39,9 milhões de pessoas vivem na extrema pobreza no Brasil” (Garcia, 2021, online). Esta pesquisa se propõe a operar junto com os movimentos sociais para, quem sabe, arremessar a educação matemática para além de seus territórios: uma ousada tentativa de operar com a natureza crítica da educação matemática, mesmo que isso represente operar com elevadas incertezas (Skovsmose, 2005), pois são essas incertezas que podem nos ajudar a compor com o anseio legítimo dos movimentos sociais, tão bem pontuados por Gelsa Knijnik. São essas incertezas que movimentam, chacoalham e arremessam a educação matemática a espaços outros, a uma geografia perdida, com a potência de produzir outros relevos.

No entanto, é preciso considerar que em uma sociedade onde a Matemática é considerada a “rainha das ciências”, em que se acredita que “o conhecimento matemático é, por essência, ‘universal e abstrato’ e, portanto, ‘desconstruir a matemática é uma expressão completamente sem sentido’” (Vieira, 2021, online). Atender a esse anseio, de modo que a Matemática possa efetivamente contribuir com a atualidade, se coloca como urgência. Trata-se de uma tarefa árdua.

Por isso, convoco uma educação matemática das incertezas, pois só ela, talvez, possa atender ao chamado, pois, como diz Skovsmose, “As funções da educação matemática dependem dos múltiplos e particulares contextos nos quais o currículo é chamado a agir” (Skovsmose, 2005, p. 44). Que educação matemática pode agir junto aos movimentos sociais? Uma educação matemática das itinerâncias, das mobilidades, das incertezas, das errâncias, das des-re-territorializações pode escutar o grito dos excluídos, dos empobrecidos, dos marginalizados...

Assim, essa pesquisa, ao operar com as incertezas da educação matemática, reclama por suas multiplicidades, suas des-re-territorializações e, assim, entre arremessos e tropeços, e começos e recomeços, é que no chão de uma escola itinerante que as “milumanoites” mal dormidas têm fim. As “milumapáginas” em branco tingem-se de preto e os medos tornam-se ansiedade. O desejo de um projeto transforma-se em vontade de ocupar esse espaço, de vivenciar, experienciar, observar e cartografar as práticas que são produzidas dentro e fora das aulas, das aulas de Matemática, e como estas movimentam a Educação do Campo, que ocorre em uma escola itinerante situada em um acampamento.

E, ainda, quero cartografar e apresentar os movimentos de criação de territórios existenciais e práticas neles operados, em uma escola itinerante, e como esses movimentos operam junto à Educação Matemática do Campo. E aqui, ou assim que começa e recomeça, e começa e tropeça, e cambalhota e rola, e arremessa um corpo a uma geografia perdida, a uma história contada por sedentários, a uma matemática de poucos.

Essa ousada tentativa de pensar uma matemática junto, uma matemática das mobilidades, das errâncias, e... E... E... E... Vai além da questão dessa tese ou mesma da fala de Gelsa Knijnik. É uma questão de urgência, de emergência, na qual cabe a Educação Matemática das Incertezas...

Imagem V: Composição “momento mística”.



POEIRA

É com o cantar do galo que se desperta
Pé no chão e a poeira se levanta
Com café o dia começa
E é entre a chegada do dia e despedida da noite que a labuta se inicia
E continua, faça sol ou faça chuva
É assim a vida que se repete e se diferencia nessa terra

Terra que grita:
REFORMA AGRÁRIA,
JÁ!

Já é tempo de terra para quem nela trabalha
Já é tempo de ocupar e resistir e produzir e
Produzir comida de verdade e
Produzir liberdade e
Produzir felicidade e
Produzir igualdade e
Produzir fraternidade...

É tempo de gritar:
SEM REFORMA AGRÁRIA,
NÃO HÁ DEMOCRACIA!
Não há o fim da miséria
Nem da morte que assola essa gente
Que grita e ninguém escuta
Que luta e resiste
E às vezes, não sobrevive
Continua...

Pé no chão e poeira no coração
Pobre homem, pobre mulher continua...
Trabalhador na rua, a luta não para
Agora no asfalto tórrido
Respirando poeira cinza
Tomam chuva, um frescor afinal
A rotina é mais dura
Só acaba a meia-noite

No outro dia, 5 da manhã
Com a mochila na costa
Pega o café e o pão com manteiga
Pé no chão, a marcha levanta a poeira
E a luta,

continua...

Para recuperar o espírito
Uma mística é organizada
Com punhos levantados
Gritos são entoados
O vermelho da bandeira
Ferve nas veias
E a marcha continua

Silenciosa

Apressada

Organizada

Performática

Na cabeça um boné vermelho

No peito o MST

Nas costas as bandeiras

Pé vermelho

Pé sujo

Pé...

Pé...

Que dança na poeira da labuta diária de um camponês

Pé...

Que marcha

As mãos sem enxadão

Levam os cartazes

Que dizem a verdade

A crueldade

Desta terra mal dividida

Terra...

Terra prometida...

Ronilce Maira Garcia Lopes

PREPARAÇÃO DE CORPO

SAPOS E A

VIDA REAL

Oi, Prima, tudo bem?

‘Oii’. Tudo e você?



Nunca vi tanto boldoⁱ junto, tem muitos pés de boldo, tem pés quase da minha altura, fiquei muito feliz ‘neh’. Porque posso desidratar as folhas e misturar com a erva de tereré. Também tem touceiras de primaveras que vão se alastrando.

Tão fácil te deixar feliz.

Não. Não. Me perguntava: como podem crescer tanto sem cuidado?

É engraçado pensar esse espaço. É engraçado porque parece que tudo vai se atravessando, travessa mesmo, sabe? Homem, mulheres, crianças, animais, construções atravessam uma paisagem. Mas não é uma paisagem qualquer, é entre árvores, barrancos, minas, é quase uma paisagem in natura. O lugar que o acampamento ocupa é diferente do que o assentamento ocupará, mesmo que o assentamento seja neste mesmo espaço.

‘Tô’ perdida. Mas vamos, que vamos!

Pois então, quando eu estava atravessando os trieiros que travessam essa paisagem, vendo os pés de boldo, me dei conta que não te contei um ocorrido. Deve estar pensando: essa menina ‘tá’ é doida, vê pé de boldo e lembra de mim, não fique se achando. A questão que contarei nada tem a ver com você ou com o boldo ou quanto você me lembra boldo.

Vou me explicar.

Acho pertinente...

Entre o pé de boldo e a vontade de escrever para você, havia o barraco de dona Solange e o meu. Apenas isso. É isso mesmo, não tem por que dar detalhes, ‘ismiçar’ ‘Tim-Tim’ por ‘Tim-Tim’ e claramente eu não saberei dizer tudo que aconteceu nessa caminhada.

Se a caminhada não fosse essa, por certo não estaria te contando isso, apesar que creio que parte da história te contaria, mas com outros propósitos, seria somente para gargalharmos e eu me perguntar: por que eu fiz matemática? Se fiz matemática, por que estou fazendo doutorado perdida em um acampamento do MST? Enfim, aquelas conversas doidas e secretas que só a gente tem. Enfim, o que importa é que entre um barraco e o outro, casualmente, me levaram a te contar essa história.

Você está morando em um barracoⁱⁱ?

Como assim?





Que tudo. Amei a bandeiraⁱⁱⁱ.

Mas devo dizer que nesse dia, que tive o desejo, não te escrevi e, se acaso tivesse escrito, por certo você perderia cenas impactantes ou eu teria que te escrever novamente, mas daí creio que as sensações já não seriam as mesmas. O objetivo da conversa hoje seria outro. No dia, acabei por não conseguir. Então estou te escrevendo essas mensagens ‘kkkkkk’, 5 dias depois desse meu desejo, ou seja, estou há 5 dias morando no barraco e é aqui que cenas fortes acontecem, estremecem meu corpo e numa tentativa de sei lá o que, estou dando vasão a esse meu desejo que antes era para gargalhar. Agora você, por certo, vai gargalhar, e eu, bom, eu vou rir e chorar.

E lá vamos nós ‘hehehe’.

Não é interessante?

O quê?

Então, vamos começar pelas advertências.

‘Aff’...

Nada de contar para meu orientador que, às vezes, faço questionamentos acerca da minha formação ou porque ele aceitou me orientar e tudo mais... Não, queremos, sim, na 1ª pessoa do plural, que ele pare para pensar sobre tais coisas. Ele já tem muito afazeres. Não vamos incomodar o homem. E nada de ficar brava, apenas leia!!!

Eu nem falo com seu orientador. Você está bem?

Confesso que no último mês pensei em te contar tantos acontecimentos, por exemplo, como meu primeiro dia foi pauleira ou sobre como dona Maria e Nenzinha são uma peça rara, ou

como tem sido difícil me integrar na escola, ou que ganhei um pato no bingo, ‘meninaaaa’ uma doideira, mas depois não ganhei mais nada em compensação, ou como em apenas um mês minhas sapatilhas já não existem mais.

Mas é difícil expressar tudo. A cada acontecimento, parece que entro num movimento novo de preparação do corpo. É sempre um exercício estranho para mim, esse exercício que descobri ser contínuo, pois parece que toda vez que me desestabilizo, fico presa a uma exigência de criar um corpo novo. Mas, talvez seja isso, a preparação do corpo não quer dizer que não sentiremos os baques, ao contrário, sentiremos tanto, ao ponto de não conseguirmos responder à exigência e, assim, nos tornamos outros e outros frente a esse movimento contínuo de ser devorado, de devorar e devorar a si mesma. Não fique brava, ok? Sei que deve estar pensando, quero os ‘babados’ não essas coisas chatas.

‘Tô’ perdida. Mas, acompanhando.

Vou tentar contar em que momento da pesquisa estou.

Respira e conta até 3, você me ama!!!

Quem disse?

‘Psiu.’ Vamos lá:

- (A) Estou fazendo uma pesquisa e para isso, elaborei um projeto, onde defini algumas coisas, ou seja, defini o que quero investigar e os passos que darei para chegar a uma conclusão de um relatório de pesquisa;
- (B) Neste momento, estou no passo em que estou no campo. Ir a campo significa, grosso modo, que estou observando/experienciando/estudando “meu objeto” de pesquisa, estou “recolhendo” dados (se contar isso a meu orientador, que disse, “meu objeto” e “recolho”, ele deve dar um pequeno infarto ‘hehehehe’), ou melhor, é um processo de busca de elementos/alimentos para compor a pesquisa;
- (C) Para fazer essa busca, escolhi uma teoria, que me ajuda nessa caça de elementos/alimentos para que eu possa, então, compor/produzir junto a esses elementos/alimentos, junto às leituras, enfim, é um fazer ‘tudo junto e misturado’;
- (D) Para essa tarefa, um conceito me ajuda nesse processo de busca de elementos/alimentos, que é a cartografia, ela é minha aliada, escolhi a cartografia, pois ela escapa, ela permite observar, mas principalmente, experienciar esse espaço que é o acampamento do MST, a escola itinerante e tudo mais que surge... no geral, nós pesquisadores devemos manter um distanciamento do “objeto” estudado, mas não com a cartografia. Ela, ao contrário, quer que nos embriaguemos de “nossos objetos”, quer que devoremos um ao outro;

(E) Nesse sentido, não chegamos em campo com tudo pronto, determinado, não existe um roteiro posto, mas isso não quer dizer que não nos preparamos. Fazemos esse exercício de preparação do corpo, ou seja, a busca por elementos/alimentos começa muito antes de chegar ao momento de estar em campo.

Entende o que estou querendo dizer? Espero que, pelo menos, minimamente ‘hehehehe’.

Não, uma loucura total.

É por isso que não te contarei todas as coisas, porque ainda estou sendo devorada. Por outro lado, eu acho que ainda não estou devorando. Por outro lado, eu acho ainda não existe equilíbrio, não que o equilíbrio seja permanente, que não haverá embates, mas o equilíbrio que digo refere-se a esse processo de devorar um ao outro. ‘Tá’ indo, digamos que alguns ambientes já encontrei o equilíbrio, mas em outros não. No meu barraco, encontrei o equilíbrio, você vai ver, aliás, te escrevo justamente para te falar desse movimento, desse movimento de preparação de corpo e de como isso me ajudou a entrar em equilíbrio com meu barraco. Enfim, não te conto tudo, porque contar todas as coisas, sem as intensidades, que arrepiam meu corpo, não faz sentido.

É assim que eu penso. Não concorda?

Creio que sim!

E não te escrevi quando senti o desejo pela simples falta de tempo, mas escrevo hoje, principalmente porque hoje tive uma “epifania”, isto é, atingi um estado que podemos dizer de “máxima imperfeição”^{iv}.

Só hoje? ‘kkkkkkkkkkkkkk’

Vou te ignorar. Nesse momento de epifania, tudo que pensei foi: não gostaria de ter feito essa trajetória. Se eu tivesse feito aquele caminho, talvez não tivesse nesse estado que me encontro agora, talvez eu estivesse com dona Maria e Nenzinha dando risadas. Ou ouvindo os causos de dona Solange.

O que posso fazer agora???

Misericórdia!!!

Me contar logo o que quer contar?

Como diria o povo: só Deus na causa.

Enfim, precisava, antes de te contar, dar passagem a tudo isso que me marca. Me parece bem aceitável, também que você questione o que estou entendendo por marcas. Parece uma pergunta aceitável. “Ora, o que estou chamando de marcas são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o

que significa que as marcas são sempre gênese de um devir.”^v Por exemplo, você e eu, inauguraremos um estado inédito na nossa troca de mensagens, ‘tá’ bom, já parei.



Então, não me leve a mal. E não conte a ninguém o que te escrevo, tudo bem? Claro, se você fizer, não ficarei chateada com você. Estamos em pé de igualdade, concorda? O que quero dizer é que posso te escrever algumas mensagens, assim, sem pé e nem cabeça, como você também pode esparramar minhas angústias por aí. Precisamos assumir a responsabilidade pelos nossos atos. Mas não se esqueça disso: quando for contar sobre as coisas que lhe escrevo, lembre-se: tenho ‘prints’. Rindo alto. Afinal, estamos em pé de igualdade.



Legal isso, não é?

Vou me reservar o direito de ficar calada!!!

‘Ah’!!! Acho que vou dar um nome para essas mensagens, deixa eu ver: mensagens para branquela? Brincadeira, ‘hum’... Já sei!!! Será: preparação do corpo, sapos e a vida real.

Vou fingir que entendi.

Bom, como sabe, estou no acampamento e estava rodando, de casa em casa. Eu era a itinerante, cada semana estava numa casa. Agora organizaram um barraco para eu ficar. Assim, tem o lado positivo e negativo nessa nova organização. Gosto da ideia de ter um lugar para ficar, para poder organizar minhas coisas e tudo mais. Entretanto, isso também reduz a possibilidade de partilhar o comum, sensível, com essa gente. Estar ali, dia a dia, acordando, almoçando, jantando dormindo junto com a família é diferente de estar em alguns momentos. No entanto, compreendo que ficar nesse rodízio, ou seja, toda semana a Marta ter que perguntar nas reuniões de bairro quem pode me receber em sua casa, bem como organizar meu traslado de uma casa para a outra, é trabalhoso para o pessoal, uma vez que ficarei aqui por um bom tempo: 5 meses. E, vale dizer, esse povo não para!!! É impressionante, o tempo todo está acontecendo algo. Especialmente para aqueles que assumem funções de dirigente ou coordenação.

Percebo agora que a melhor coisa que fiz foi te escrever estas mensagens, pois assim eu consigo parar e pensar nesses momentos de imperfeição que tenho vivido. Enquanto te escrevo, preciso ficar atenta a certos movimentos, ou seja, estou num momento de epifania. Muito atenta, pois são movimentos muitos rápidos, mas o mais simples dos movimentos me causa arrepios. Às vezes nem é, mas ainda assim fico paralisada, claro, após um súbito surto de velocidade.

Veja a situação, misericórdia!!!

Esses dias à noite tive que ir lá fora, pois o banheiro fica do lado de fora da casa. Quero ressaltar que aqui a noite é escura, pois não tem iluminação nas ruas, então pensa num 'breu'. Para me movimentar à noite pela casa, há sempre um ritual. Só rindo mesmo. Mas vamos lá. Como me levanto? Me levanto batendo os pés fortes no chão, faço uma pausa e então caminho, sempre batendo os pés no chão, tudo isso para evitar qualquer tipo de contato indesejado, 'oh' vida! Mas, continuando, me levantei e quando abri a porta vi um vulto, 'caaaracaaa', quando dei por mim, estava em pé em cima da cama e então, pós surto de velocidade e em estado de paralisia ou piripaque, percebi que era só um gato. Um gato. Gente, você se deu conta que subi na cama e nem vi? Tipo, eu não subo em camas, não subo em cadeiras, não subo em nada, eu tenho medo de altura. E, sim, subir na cama só nesses casos.

Gente, foi a primeira vez que não consegui controlar meu corpo. A reação foi muito instantânea.

O que está acontecendo?

Gostaria de fazer boas associações. Porém, aqui no barraco, toda associação que faço é: minha nossa, minha nossa, que coisa mais sem jeito, que coisa mais horripilante. Juro, eu não queria sentir isso, mas é uma coisa que creio que preparação de corpo nenhuma pode resolver, tem me ajudado a não passar vergonha, mas é isso, um pouco de controle, nada mais.

Conte as vergonhas, por favor....

Que coisa, não?

Você a essa altura deve 'tá' achando que estou fazendo suspense, acredite, não estou, é só a ordem dos acontecimentos seguindo o fluxo das sensações, claro, é até conveniente, a ordem como estou lhe contando as coisas, pois assim vou dando risada aqui, imaginando as caras e bocas que irá fazer ao receber essas mensagens.



Para mim, isto basta.

Gosta de me ver sofrer, 'neh'? Conta logo a razão de tanto 'blábláblá'!

O motivo?

O motivo é: quero falar de sapos.

Motivo pelo qual escrevo é que estou lidando com essa situação nada conveniente, nada, nadinha mesmo. NADA MESMO!!!

Quando deu certo de fazer a pesquisa junto ao acampamento, confesso, 'ahhh' meu orientador não pode ler isso (RISOS). Bem, minha primeira preocupação era os sapos. Eu pensava: como vou lidar com os sapos? Não dá para fazer um escândalo toda vez que eu ver um sapo. Então, em minha preparação de sapo, que dizer, de corpo, trabalhei incansavelmente tal possibilidade,

a possibilidade desse encontro. Você pode perguntar, sua preocupação foi só os sapos? Eu te respondo: sim! Sempre me preocupou, os sapos.



‘Manoooooooo’, tudo isso é por causa dos sapos?

Rindo ‘muitooooooooooooo’.

Eu não sabia como era aqui, sempre que perguntava, me respondia, só venha. Mas as condições nunca foram um problema. Isso nunca foi um problema, de fato. As pesquisas que o Cronopies^{+vi} tem realizado estão sempre nos colocando em situações, digamos, adversas. Mas é sempre uma escolha nossa. Ninguém está num lugar que não escolheu, ninguém está realizando uma pesquisa que não escreveu. Sabemos o que vai acontecer? Não. Mas há esse exercício que nos coloca alerta, na espreita, pois sabemos que vamos lidar com conflitos de todas as naturezas.

‘kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk’

Mas, voltando aos sapos.

Que frustração!

Sim, estou frustrada, quase 2 meses aqui é só vi dois sapos. Dois sapos, gente! Estou na beira do rio, tem minas no meio do acampamento, tem luz nos barracos e os sapos não aparecem. Eu venho da escola à noite e nem um mísero sapo vejo. Um mísero. Nem um miserável sapo. Cadê os sapos?

Ri, pode rir.

Sem fôlego....

Apesar de que no meu banheiro mora uma perereca, você não imagina o baile que dançamos no banheiro, dia sim e o outro também.

Uma pergunta plausível que você pode fazer é: então, porque ‘diacho’ você está me escrevendo? Já que seu medo era sapos, mas não tem sapos, por qual ‘motivo, razão, causa ou circunstância’ você está lendo essas mensagens? Pois bem, o ponto é que não tem sapos e não estou preparada para lidar com as outras coisas. A vida real é sempre outra coisa. Mas estou sobrevivendo, quer dizer, que minha preparação de corpo não foi toda invalidada, porque se eu não tivesse me preparado para os sapos, minha vergonha teria sido imensa.



Sim, na casa de dona Solange tive meu primeiro contato. Eis que estávamos sentados na sala assistindo à TV, eu estava sentada em frente da porta do banheiro. O barraco é de madeira e no banheiro as madeiras rentes ao chão estão apodrecendo por conta da água. Estávamos ali. Sentados. Vendo TV. Tudo na paz. Quando, de repente, um dos filhos diz: LÁ VEM! Quando ouvi a frase, olhei para a porta automaticamente e, nesse movimento de olhar para porta, percebi que toda família havia levantado as pernas. Ficando com as pernas suspensas no ar, por reflexo, fiz o mesmo, quando me mexi, percebi um movimento no rumo do banheiro, olhei e imediatamente vi o meliante dando meia volta e saindo por onde entrou, exato, pelo buraco na parede do banheiro.

Sem palavras!!!

E aí??? Era um sapo???

Deixa eu contar com calma minha história! Eu estava ali, na paz e do nada, DO ‘NADAAAAA’, estava ali, vindo em minha direção, se não me mexo, provavelmente ele teria vindo muito perto, me dando um susto, e o que eu faria??? Gritos. Saltos. Escândalos. Gritos. Gritos. Respiração ofegante. Sei lá mais o quê. Vergonha!



Misericórdia!!! ‘Afff’, com três efes. Santo ‘Deoooo’. Era um rato! R-A-T-O!

Por favor, não me responda com um áudio gravando sua risada.

Esse foi o dia do encontro, daí percebi que além de sapos, tenho medo de ratos. Como eu ia saber... vi ratos duas vezes? Em situações que me causam medo, mas nunca tive que ficar frente a frente com esses bichinhos. Sei lá!!! ‘Meo’, eu tenho medo de ratos. E, claro que aqui haverá ratos, estamos no mato e então é comum que eles apareçam nas casas em busca de comida.

Já percebeu meu drama?



Agora tenho meu barraco, um barraco que está há muito tempo fechado. Que tem um cômodo cheio de coisas, de sacos, ferramentas. Um belo ninho. Nem te conto como eu entro em casa, quando chego da escola à noite. Outro ritual. Para começar, deixo uma luz acesa, para eles não acharem que são donos da casa e daí, quando chego, balanço a corrente da porta, na minha cabeça isso é uma coisa inteligente de se fazer, pois assim anuncio que cheguei, que a festa acabou. Mas na minha cabeça isso também é ridículo. No geral, não vejo muito aqui no barraco. Mas não posso dormir tarde, porque daí eles começam a utilizar as traves da casa como

passagem e minha única reação é me encolher, puxando a coberta para tapar a cabeça e rezar para que eles não tropecem e caiam sobre mim. Gente, ‘oh’ as ideias.

Tropecem??? ‘kkkkkkkkkkkkkk’

Olha as preocupações.

Não sei se dou risada ou se choro.

Estou rindo muito!!!

Eu também....

Sabe o que provocou a máxima imperfeição hoje? Você e meu orientador.

Pensando na possibilidade desse encontro nada agradável e inevitável, já que estou em seu habitat. Mas pensando todas essas questões de preparação de corpo, de estar em campo, de como a vida real é sempre outra coisa, a vida real é sempre a possibilidade de... outra, outras coisas.... Lembrei de você, por que você é meu devir e lembrei de um e-mail do Roger quando estava em campo no mestrado e ele dizia: “Fique calma. Quando vamos a campo muitas coisas acontecem. Desorganizar-se é tão bom quanto organizar-se. A desorganização dá espaço para o novo, a organização dá a sensação de conforto. Se você estivesse organizada (confortável) todo o tempo, eu diria que a pesquisa não está te afetando. Então, vejamos isso de uma perspectiva boa, ok? Por ora, em campo, te dou um único conselho: Você já afinou ou viu alguém afinar violão com um diapasão? As cordas entram em sintonia com o diapasão, de modo que vibram juntos, entram em harmonia. Imagine-se a si mesma como um corpo vibrátil. Tente colocar-se em harmonia (vibrar junto) com o que ocorre na escola, estando sensível para o que ocorre à sua volta.”

‘Uauuuuuuuuu’....

Vou ser sincera. Toda essa conversa, essa necessidade de falar, mais tem a ver com certas dificuldades enfrentadas na escola do que com o resto, pois tenho medo de não encontrar a harmonia, há um corpo que quer vibrar junto à Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, junto ao acampamento: eu ‘tô’ aqui, no norte do Paraná, perdida em um acampamento do MST. Quero muito isso, mas existe uma resistência na escola, e é normal, mas bate um desânimo. Às vezes tem dia que acordo e penso: não quero ir para a escola, não quero sair da cama. Não só pelas dificuldades enfrentadas, mas por todas as circunstâncias. Estou aqui há um tempo e toda a euforia vai passando e a vida real vai se presentificando. Estar em campo te coloca sempre em estado de estar atento, na espreita, e isso é cansativo demais, pois exige um corpo ali, todo o tempo, vigilante. Por certo, seria mais fácil, muito menos desconfortável, vir aqui, fazer entrevistas e ir embora, porque assim, esse estado de estar alerta todo o tempo dura bem menos tempo.

Não parece algo que você faria.

Eu vivo o campo.

E isso tem mais sua cara.

Eu não tenho acesso à internet sempre que quero, eu não tenho acesso a mercados, farmácias, sempre que quero. Início do mês choveu, sair ou entrar no acampamento se tornou uma tarefa quase impossível. É sério!!! O caminhão que abasteceria o bar do acampamento não entrou. E isso não é nada, isso é eu sentindo falta do conforto que tenho em casa. Há uma multidão de coisas que acontece aqui, que eu fico sem reação, não sei explicar. Não é sobre o acampamento ou sobre a escola, é sobre mim. É sobre esse exercício de devorar, ser devorado e devorar a si mesmo.

Não que eu entenda. Mas é o processo de habitação. É natural.

Claro que todas as sensações são um amontoado de acontecimentos e quando lembro dessa mensagem do Roger, me acalmo e penso: é isso, está dando certo, mas daí, de repente, penso: não está dando certo. E eu sei que preciso considerar que, por mais que eu esteja maravilhada com tudo que tenho vivenciado, estou isolada, vou uma vez no mês na cidade, eu não posso me locomover para onde quero, nem na hora que quero, sinto vontade de comer coisas que normalmente nem como. Me sinto sozinha. É uma solidão diferente. Essa não é uma simples mudança de cidade. Enfim, todos esses acontecimentos, às vezes me tiram da harmonia e bate... Medo. Ansiedade. Angústia. Euforia. Felicidade. E lidar com tudo.... Lidar com a acolhida. Lidar com o distanciamento. Lidar com os olhares. Lidar com as minhas incertezas. Lidar com as coisas que estão sempre acontecendo é, no mínimo, incrível e cansativo.

Você deve pensar: essa menina está doida?

Não é fácil. Respire e vai encontrar a harmonia.

E pensar que isso é só começo, depois vem a escrita da tese e nem faço ideia de como lidar com esses acontecimentos. Dar vazão a tudo que travessa meu corpo, “[...] dar língua para afetos que pedem passagem [...]”^{vii} que, às vezes, só travessam, não pedem... O meu primeiro dia aqui foi assim, só aconteceu... é um exercício que... Exige. Machuca. Rasga. Ensurdece. Paralisa. Amolece as pernas. Acelera o coração. Pede e exige um corpo... Um corpo que atenda a uma condição específica, um corpo vulnerável. Nessa condição, o corpo está exposto àquilo que pulsa e, assim, vai entrando no ritmo. Vibrando junto. Antes de tudo o cartógrafo é um antropófago.

Desculpa por mudar o rumo da prosa tão repentinamente.

Tranquilo.

Nossa!!! Não acabei nem de contar a história.

Sabe, meu primeiro encontro com o rato, aquele da perna para o ar? Pois é, o ratinho se virou, foi embora, todos começaram a rir, baixaram as pernas e, de repente, é como se nada tivesse acontecido. Minha nossa!!! Eu fiquei ali, sentada, paralisada, eu não conseguia me mexer, eu não tive reação. Apenas fiquei ali com o corpo todo travado, até que a novela acabou e tive que levantar. Levantei-me, fui para o quarto e quando me deitei, automaticamente meu corpo se encolheu, todo o meu corpo doía.

Que doideira.

Mas, ali deitada, eu e meus pensamentos, percebi que meu maior medo era ter me assustado, sabe, dar aqueles escândalos, seria realmente constrangedor se tivesse acontecido. Bendita preparação de sapos. Sim, de sapos. Me preparei para eles e me deparei com ratos, mas embora minha reação não tenha sido a melhor, entendo que me encontrei, naquele momento, em um estado inédito. Entrei em um estado de preparação de corpo e já não sou a mesma. Vivo num barraco sozinha e vez ou outra recebo as visitas, me assusto sim. Mas, a Ronilce com medo de sapos jamais estaria aqui e você sabe muito bem disso. E mesmo agora, que vivo com o coração em constates paradas cardíacas, a sensação é de imperfeição. E daí? A vida real é outra coisa. É outra coisa. Eu me preparei para sapos e me deparei com ratos. Eu me preparei para barracos de lonas, sem luz e sem água. Bom, os barracos são de madeira, têm luz e água. A vida real é outra coisa.

Você gosta de estar aí, ‘neh’?!

A vida real é outra coisa. E quer saber, eu não gostaria de outro doutorado.

Conta alguma novidade... eu sei!

Me esforcei para satisfazer a imperfeição, ou melhor, renunciei à necessidade de perfeição. Gostaria de dividir com você e meu orientador essa imperfeição. Imperfeição que me ocupa e me movimenta, criando um corpo que vibra junto, mas não só aqui, na vida. Viver a multidão que é o MST te faz vibrar junto, porque a luta está no sangue que corre na veia dos trabalhadores. Te coloca à espreita frente ao mundo. Te coloca em movimento. Te faz ocupar. Lutar. Resistir. Existir. Marchar. Te convoca... “Vem, lutemos, punho erguido. Nossa força nos leva a edificar. Nossa Pátria livre e forte, construída pelo poder popular.”^{viii}

Sem palavras! É uma experiência única...

Isso é tudo.

‘Beijooooooooo...’

‘Beijoooooooo’.



Mais uma ‘fotinha^{ix}’ para te deixar com vontade de conhecer.

‘Rum’.

ⁱ Imagem VI: Boldo entre o barraco de dona Solange e o meu.

ⁱⁱ Imagem VII: Frente do barraco.

ⁱⁱⁱ Imagem VIII: Parte interna do barraco.

^{iv} Ocupação de Haruki Murakami (1993)

^v (ROLNIK, 1993, p. 2).

^{vi} Coletivo Cronopios+ é ocupado por seres verdes e úmidos que se encontram na Unesp, campus de Rio Claro para... Filosofar. Experienciar. Lutar. (Re)existir. Ocupar. e... e... e... e...

^{vii} (ROLNIK, 2016, p. 23).

^{viii} Trecho retirado do Hino do MST.

^{ix} Imagem IX: Paisagem.

DO CÉU EU FIZ AS LONAS AZUIS

*“No caminho da sorte, a alma perdi
Dei um beijo na morte e sobrevivi
Mas perdi o meu medo, a viver aprendi
[...]*”

Lonas Azuis - Francisco Gabino Correa e Antônio de Lima

Nesse lugar que é tão distante e tão próximo, vidas atravessam-se. Encontram-se. (Re)começam. Partilham. Resistem. Existem. E... E... E... E... E é nesse lugar, que aqui ou ali, nunca foi habitado por mim, onde algumas situações vivenciadas se misturam com lembranças minhas. Dessas sensações que me ocupam, estar com seu Pedro no fim da tarde, ouvindo suas histórias, me levaram até minha infância, quando meu avô contava histórias para mim e meu primo no anoitecer. Só nós, numa casa de madeira, sob à luz da lua e da lamparina, longe da cidade.

O acampamento tem energia elétrica, mas quem clareia ou não a noite é a luz da lua e das estrelas. Nesse lugar, nessa geografia perdida, em especial quando escuto os causos de seu Pedro, me sinto em casa. O acampamento... um lugar estranho, mas ao mesmo tempo há um comum que é partilhado. Que é sensível a mim, as minhas histórias, as minhas lutas... Mas esse *déjà vu* pode quebrar, rasgar essas doces lembranças em outra coisa, porque a vida real de cada um é sempre outra coisa.



Nesse lugar de doces reencontros eu ocupei uma pequena casa construída de materiais reaproveitáveis, madeiras, latões e telhas. Ou melhor, morava num pequeno e aconchegante barraco situado dentro de um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Necessariamente, vivi no Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu, situado no norte do Paraná (PR), hoje, 13 anos depois da ocupação daquela terra. As lonas pretas que eram estrategicamente escondidas pelas camadas formadas por galhos marrons e as folhas verdes das árvores que lhes proporcionavam uma efêmera sensação de proteção, deram lugar a barracos de madeira, com água encanada e energia elétrica com vista para a imensa lona azul do céu. E é num dia de céu azul que minhas lembranças são torcidas e uma realidade se faz presente. Naquele dia. Aquele acontecimento. Dizem que as lonas pretas se foram, mas essas terras ainda não são suas. As lonas pretas se foram e você também pode ir.



Até aquele dia. Até aquele acontecimento. Acontecimento que rompe com aquela lembrança doce da minha infância e, aqui, preciso confessar, que minha primeira, e acho que única reação possível, foi a mesma da infância, até perceber que todos que eu achava estar admirando assim como eu, estavam, na verdade, preocupados. Naquele dia, aquele acontecimento rompe também a paz que estava ali. Aquela calma. Aquela Rotina. Aquela Felicidade. Aquela vida pacata que se leva e se vê ameaçada. Na verdade, essa ameaça sempre esteve ali na iminência do acontecimento, mas essa rotina feliz que se vive, fez o medo do despejo, que no início da ocupação era constante, mas latente, se dissipar com o passar da vida. A vigilância constante ainda existe, mas segue o ritmo ditado pela rotina que se vive e não mais pelo medo. Até aquele dia. Até aquele acontecimento.



Me pergunto se aquelas doces lembranças seriam um hábito do interior. Quando criança, me lembro de sempre ser chamada para olhar o céu, admirar as estrelas e a lua. Às vezes vozes desesperadas gritavam as crianças e mãos ansiosas apontavam para os aviões ou jatos que cruzavam a imensidão azul.



Você
certeza já
vivenciado epi-
não?! É um hábito de
Essa observação alimenta a
do chão, domina-se o espaço sem tirar o pé do chão. Ainda hoje páro para olhar
um avião que corta o céu. Você não?

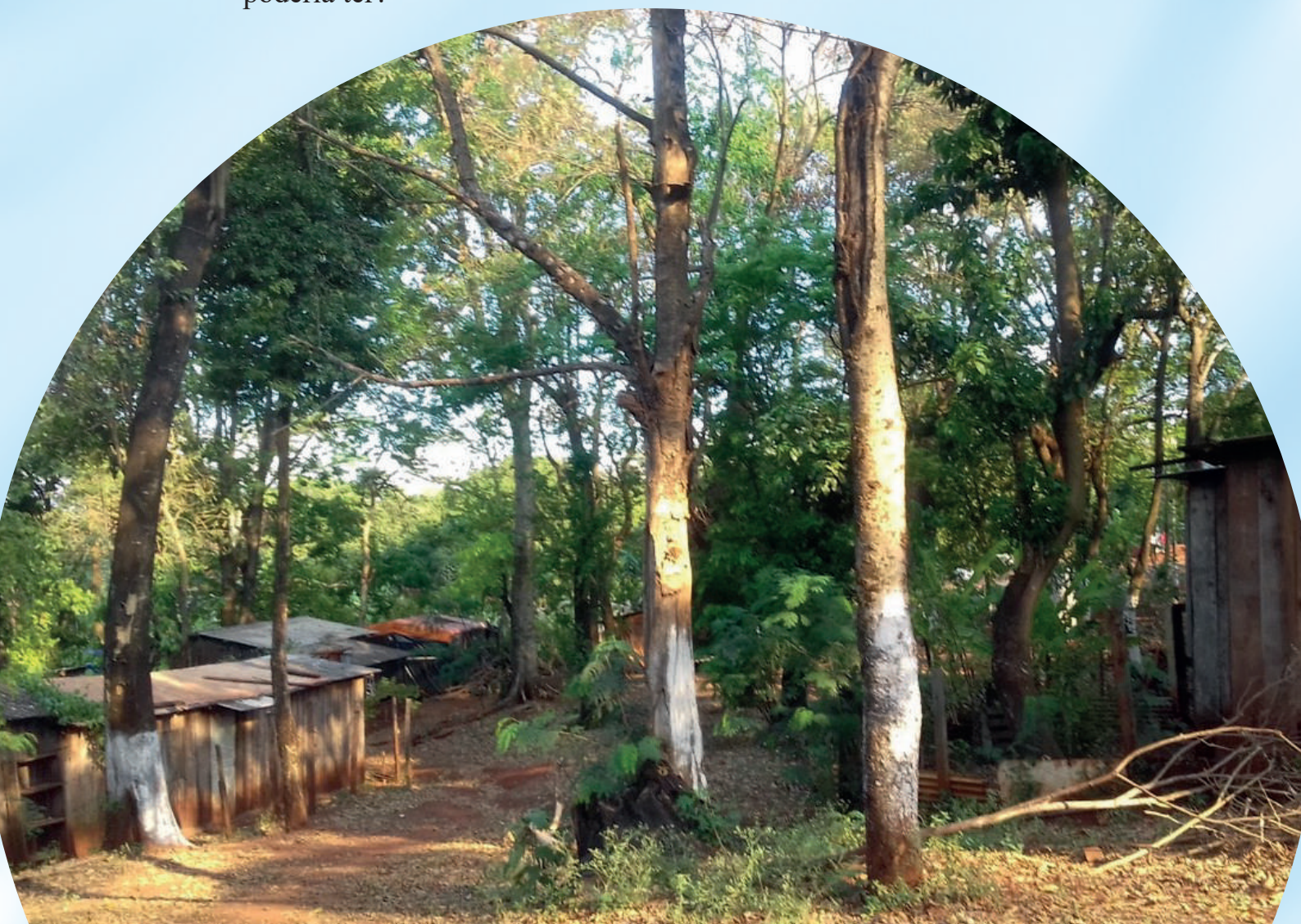
c o m
deve ter
sódios assim,
cidade pequena?
imaginação. Voa-se sem sair

Mas naquele dia aquele acontecimento rompeu com essa imagem de felicidade. Em alguns lugares, como zonas de conflitos, um avião no céu não alimenta a criatividade nem produz sorrisos. Pelo contrário, afirma uma realidade dura e cruel. Eu pude sentir naquela manhã de conversas e reencontros o escape dessa rotina feliz, como uma nuvem que se dissipa com o vento, que traz uma nuvem densa e escura num dia de verão. Eu pude ver a dura e cruel realidade se concretizar nos rostos daqueles que olhavam para o céu e se perguntavam: o que está acontecendo? Nos gritos das crianças que as professoras não conseguiram conter dentro de sala de aula...



E eu achei que essa euforia era a mesma que a minha, mas até eles compreendiam que aquele helicóptero, que se exibia sobre as nossas cabeças, podia representar um embate. Infelizmente, ou melhor, felizmente, sem hipocrisias, eu não posso dizer que senti a aflição ao ver um helicóptero do exército sobrevoar o acampamento, tão baixo quanto possível, não uma única vez, mas várias vezes! De início, eu simplesmente fui tomada por aquela sensação da infância, que foi reforçada pelas crianças saindo de suas salas para observar o objeto que parecia nos presentear com aquela exibição! “Que legal”, foi o que eu pensei. Mas logo alguém diz em tom preocupante: “por que esse helicóptero está dando voltas sobre o acampamento”? Percebo que as professoras tentam, num instinto de proteção, colocar as crianças na sala de aula, ao mesmo tempo que tentam em vão acalmá-las, dizendo “não é nada, está tudo bem”, enquanto as crianças perguntam: “vamos ser despejados”?

Eu olho para as pessoas a minha volta e vejo a insegurança “invadir” seus semblantes. Nesse momento, me lembro das histórias que foram contadas sobre a ocupação. Lembro-me que as lonas pretas se camuflavam entre as árvores para atravancar as observações que vinham do céu, com intuito de mapeá-los, rastrear essa geografia que vai se constituindo no entre. Nessa geografia perdida em que se constituem os acampamentos, o helicóptero do Exército Brasileiro pode representar a “invasão” das forças armadas, para despejar aqueles que ali têm sobrevivido da terra que ocupam. Os helicópteros serão sempre uma ameaça, até que se prove o contrário. É do instinto. Mas eu não tenho esse instinto. Como poderia ter?





Um misto de curiosidade e medo cai sobre a escola e - posso dizer - sobre o acampamento. Curiosidade: o que faz esse helicóptero aqui? Medo: temos crianças aqui! Temos crianças e idosos... devemos nos preparar? Todos de volta as suas salas. As professoras insistem que “não é nada”. Na sala dos professores um silêncio ocupa tudo e todos. Silêncio que é cortado com atualizações do helicóptero que é visto em outras localidades do acampamento. Nessa situação, me pergunto: “por que despejar essas famílias?”. Conheço pessoas que responderiam: “elas invadiram a propriedade”.

Eu cresci ouvindo frases como essas: “são uns preguiçosos que querem viver às custas do Governo”, “são bandidos que invadem propriedades”... Não sei se em algum momento tive alguma opinião sobre tudo que escutava. Sei, no entanto, que desde que me dediquei a conhecer esse Movimento posso dizer que é feito de pessoas e, como tal, estão suscetíveis a falhas e acertos, mas o Movimento como um todo, me traz esperança. Alimenta o sonho de um país em que toda criança tem um prato de COMIDA DE VERDADE. Que todo homem e mulher tem um pedaço de chão para sua casa construir e da terra prover sua família.



Pode parecer exagerado, fantasiado ou até defensor demais. Mas esse acontecimento isolado “já é o que é”. Mas é preciso considerar o momento em que vivemos, é preciso considerar o Governo que temos. O país vive uma onda de despejo que começou a assolar os acampamentos do MST, bem como de outros grupos com lutas similares, tais como terras indígenas e quilombolas. No Paraná, já havia ocorrido despejos e várias ordens de despejo, inclusive no norte do estado, onde se localiza o Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu. Então, o medo que calava todos, moradores e não moradores do acampamento, era mais do que justificável. Manchetes¹ como essas estão cada vez mais frequentes: “Risco de despejo atinge cerca de 200 famílias que vivem há cerca de 20 anos no complexo de Fazendas Cajati, em Cascavel”; “Em Nota, MST no Paraná denuncia ação violenta de PM contra 50 famílias em Querência do Norte (PR)”; “Oito comunidades rurais já foram destruídas no Estado durante a gestão do governador Ratinho Junior (PSD)”; “É o 8º despejo realizado durante a gestão de Ratinho Junior (PSD) à frente do governo do Estado”;... Isso só no Paraná!



Frente a esse turbilhão de acontecimentos e uma rotina que segue, uma música invade minha mente: Lonas Azuis, que fala da vida de um artista circense, que me parece condizer com a vida dos Sem Terra. “Do céu eu fiz, as lonas azuis [...]. Aprendi na descida, mais forças ganhar, pra chegar na subida e não desanimar. Sou da vida, um artista, ganhei meu lugar.” Os Sem Terras encontram seu lugar nessa geografia perdida - ouvi tantas histórias que dizem disso. Os Sem Terras fazem dessa terra seu palco.



*Para você que conhece o Movimento
Pelo noticiário,
Convoco vocês para conhecer
O Movimento
Que se constitui na minha vivência.*

1 São manchetes que remetem a situações de despejos.

2 Lonas Azuis de Francisco Gabino Correa e Antônio De Lima.

3 Imagem X - Lonas Azuis (composição).

LONAS PRETAS

Sou lona preta, canto com amor!

Com pé na terra, bato tambor

Samba enredo – A unidos canta e conta Paulo Freire

O que você pensa quando passa por uma rodovia e à beira da estrada está aqueles barracos de lonas pretas? Julga? Sente pena? Invasores? Chama de irresponsáveis os pais por colocar crianças naquela situação? Oportunistas, vivendo à custa do governo? O que você pensa? Para e pense: qual é o pensamento que te invade nesse momento? Pensou?

É difícil enxergar por trás das lonas pretas? É difícil imaginar uma vida embaixo de barracos tão pequenos e baixos e quentes e frios? Pensar em uma vida à beira da rodovia, impossível? Porque alguém escolheria essa vida? Porque alguém abandonaria o conforto, por mais mínimo que fosse para esperar por uma terra que ninguém sabe se existirá um dia? Por quê?

As lonas pretas são mais do que eu posso sentir. Mesmo morando 5 meses em um acampamento que quase não se tem mais lonas pretas. Não se trata de sentimentalismo. As lonas pretas são teoria e prática. Uma prática que se invade de teoria pela potência que produz ao ser estendida juntos com estacas de madeiras, ao se tornar abrigo de esperança, ao ser resistência...

Dito isso, tentarei teoricamente e praticamente, te convidar para ver além das lonas pretas no horizonte e talvez, o primeiro ponto, a considerar é que os barracos de lona preta não estão invadindo as propriedades, estão ocupando. Qual a diferença você pode questionar? O MST não invade propriedades, pois a sua ocupação não é pautada em uma ação vazia ou interesseira. O MST ocupa propriedade cuja a função social da terra não esteja sendo cumprida. Ocupa-se um território para pressionar o governo pela desapropriação e então, que as terras sejam destinadas a reforma agrária.

As lonas pretas têm sido mais que abrigo a essa gente que luta por nós, que luta por uma nação soberana. As lonas pretas tem sido um importante instrumento de luta no processo de conquista da terra. As lonas pretas compõem as estratégias de luta adotada pelo MST. As lonas pretas marcam a resistência, a urgência e a necessidade de se discutir reforma agrária em uma pais de dimensões territoriais continentais. As lonas pretas é uma marca do MST¹.

Os acampamentos podem ser considerados como cidades “de barracos de lona^{II}.” Cidades organizadas. Cidades que se transformam. Cidades que são ocupadas e que ocupam o coração, de quem decidi assumir essa vida Sem Terra. As áreas ocupadas podem deixar de ser o lugar dos sonhos, deixar de ser uma geografia perdida e se materializar em meu pedaço de chão, meu lar, meu alimento, meu abrigo... os acampamentos são os futuros assentamentos. Para isso, cada acampamento demanda distintas estratégias de sobrevivência, todavia todos tem o mesmo objetivo explicitar a luta, pressionar governos e, claro, mobilizar a opinião pública no tocante a questão da terra.

A luta parece individualista. Como poderia ser? Reforma agrária é uma necessidade. Nosso povo precisa de terra, de comida, de lar, de segurança. As lonas pretas marca no horizonte a necessidade dessa conversa, marcar também um espaço de acolhimento, sobrevivência. A luta pela terra, não é para mendigos ou desabrigados... A luta pela terra é direito de todos que não possui um pedaço de chão para prover sua família. É justo que poucos ocupem a maior parte das terras deste país? Como poderia ser um barraco de lona preta um símbolo de aproveitadores? Gananciosos? Invasores? As lonas pretas representam a revolução dos marginalizados, que somos nós os trabalhadores. A lona preta, me representa, mesmo eu não sendo um representante do MST.

Os acampamentos atendem a uma lógica de organização que preconiza a participação e a reflexão, por meio de instâncias coletivas de decisão, por exemplo, as assembleias, bem como, as instâncias participativas de gestão e de trabalho, que se ocupam dos mais distintos assuntos que se fazem necessário para a manutenção e funcionamento do acampamento, isto é, segurança, educação, saúde, mobilização, etc.

A organicidade está presente em todo o movimento, é essa organicidade que sustenta o MST, que fortalece suas bases para receber os ataques. Não é uma questão pontual, se trata de “todas as instâncias do Movimento, desde as comissões de base, dentro de um acampamento, até as instâncias nacionais, são exercidas coletivamente, na forma de colegiado, sem distinção de poder^{III}.”

As lonas pretas, estão localizadas em uma geografia perdida. Os acampamentos podem ser considerados um “momento intersticial^{IV}.” A lona preta compreende um momento de passagem, de transição, pois durante esse período o acampado sofre um processo de rompimento com sua identidade (papel anterior), entretanto, o objetivo ainda não foi alcançado, ou seja, o de assentado, pois só então, poderia haver um processo de enraizamento definitivo.

Ao ocupar uma geografia perdida com as lonas pretas, cada indivíduo vivência um momento de ruptura na vida, pois além de entrar com o pé esquerdo na luta, assume uma posição ativa frente à situação de pauperização e marginalização que muitos de nós somos submetidos por uma sociedade individualista^V. A ruptura também perpassa pela experimentação de uma nova vida, pois, este sujeito vivenciará uma forma de convivência mais coletiva e comunitária. O MST compreende o acampamento como um espaço único e privilegiado de formação dos assentados^{VI}. Afinal, esse é momento onde o acampado se constitui “como um novo sujeito social, no sentido de sujeito coletivo que passa a participar dos embates sociais^{VII}.”

Estar vivenciado e participando da luta, como sujeitos ativos, pede do indivíduo uma reorganização da sua identidade social. A ocupação de terra e a vida no acampamento fará questionar os padrões culturais prévios dos acampados a partir das novas experiências, ou seja, leva o sujeito a uma “mudança de conceitos, de valores, de postura diante de determinadas realidades^{viii}.”

Vivendo aqui, em uma geografia deformada por cada morador, cujas ruas que o levam a seus barracos foram construídas por eles mesmos, cuja energia elétrica e água encanada que chega aos seus barracos são fruto de um trabalho coletivo. Quando se vive em um ambiente em que a coletividade prospera para todos e que sozinho continuará no lugar onde está, é impossível que esse sujeito não se movimente e aos poucos, com estudo, com o coletivo não se torne outro.

É processo, mas ao escolher estar ali, sabe dos compromissos que terá que assumir. As lonas pretas, às vezes, temidas, passa a ser abrigo, a realidade já não será a mesma, pois estão experimentando uma vida no coletivo, levando ao processo crítico de análise da conjuntura. Conjuntura que quase nunca é favorável aos Sem Terras. A nós.

Os Sem Terra, estão lidando com “algo que ainda não é, mas pode vir a ser^{ix}”. Pode parecer que ao ocupar um acampamento esses sujeitos estão cada vez mais perdidos, mas na verdade o processo é o contrário, o MST oferece o enraizamento de um povo que antes se encontrava desenraizado. Oferece um projeto de futuro...

Todavia, não se pode negar ou esconder os perigos que também habitam as lonas pretas. Há a experiência de uma série de dificuldades que podem colocar em risco a existência física do acampado, por exemplo, fragilidade dos barracos e exposição a intempéries, fome, risco de violência de jagunços ou mesmo das forças policiais, despejos e remontagens constantes de barracos, entre outros^x. As lonas pretas não é 100% segura, sabem disso. Mas, resistem para que possa existir um futuro...

A prosperidade, o conforto, maior segurança serão conquistados com o trabalho coletivo dos ocupantes do acampamento, não é terra de graça. As lonas pretas são o anseio de um futuro mais brilhante, mas não só esticar a lonas pretas e esperar. É preciso trabalho, a vida não para. A vida real que é você é um Sem Terra está batendo a sua porta, então, movimente-se, pois só assim, será possível que o projeto de futuro torne real.

A possibilidade do vir a ser, o fim da lona preta é o assentamento de trabalhadores rurais é o projeto de futuro no presente, bem como, é a principal resposta do Estado no tocante, as pressões exercidas pelo o MST e outros movimentos sociais que demandam por reforma agrária, no caso do Brasil, é o modo como se constitui uma tentativa do Estado de intervenção e controle frente a um conflito social^{xi}.

Desse modo, o assentamento, é considerado tanto pelos movimentos sociais quanto por pesquisadores da área, como uma parte diferenciada da luta do acampamento, já que o assentamento indica que a terra já foi conquistada, então, inicia-se o processo de construção de uma nova comunidade^{xii}. A lona preta instala a geografia perdida, instala o acampamento. Quando as lonas pretas somem, instala-se o futuro, uma geografia endereçada.

*As lonas pretas é o vir-a-ser
Um futuro por vim
No presente, representa
Uma vida digna
Uma vida partilhada
Uma vida feliz
Uma vida que vale a pena ser vivida
As lonas pretas
Que para você
É sinônimo de pobreza
Para os Sem Terra
É outra coisa
É esperança
Lona preta – Ronilce Maira*

- i Medeiros (2003).at
- ii Caldart (2004, p. 176)
- iii Stédile (1997, p. 104)
- iv Turatti, (2005, P. 70)
- v Caldart (2004)
- vi Caldart (2004)
- vii Caldart (2004, p. 34)
- viii Caldart (2004, p. 35)
- ix Caldart (2004, p. 35)
- x Caldart (2004); Turatti, (2005)
- xi Caume, (2002); Medeiros, (2003)
- xii Caldart (2004), Confederação Nacional das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil, (2004) e Turatti, (2005)

QUEM OCUPA QUEM?ⁱ

Então meu nome é Barnabé, sou acampado aqui do Herdeiros da Luta de Porecatu desde 2016, fui criado na roça até os meus dezoito anos, fiquei na roça com meu pai trabalhando. Meu pai tem só um alqueire de terra e nesse alqueire de terra ele criou nove filhos. Então com o passar do tempo os filhos foram dispersando para cidade porque não conseguíamos sobreviver daquele pequeno espaço de terra

Então, fui para a cidade, para trabalhar. Fiquei na cidade em torno de treze anos. Só que morando na cidade, a vida era só trabalhar para pagar aluguel e se alimentar. Sobreviver. Em 2013, meu pai adoeceu e foi morar comigo, e então, pediu para estar retornando para cidade de onde ele era natural, que é Pitanga. A terra lá meio que parada. Em 2015 meu pai faleceu e eu fiquei desorientado, se ia embora, se ia ficava ali ou se morar com minha naquele pedaço de terra.

Surgiu então um acampamento em Santa Maria do Oeste. Eu já conhecia o acampamento tinha ido uma vez quando eu tinha nove anos de idade. Então, fui lá no Santa Maria com meu primo era acampado na época e lá até hoje é assentamento. Então, eu fui acampado lá, mas nós não tínhamos nenhum latifúndio para ocupar. Então fomos convidados pelo pessoal de Porecatu para estar vindo com o pessoal de lá acampar aqui no herdeiro.

É um latifúndio com quarenta e dois mil hectares de terra é muito grande a terra aqui. Em dois mil e dezesseis chegando aqui já gostei. Gostei do lugar e a forma como o pessoal se organiza. A Escola dentro da comunidade, então era muito interessante a gente tentar uma conquista, um pedaço de terra pra trabalhar. Comprar ninguém consegue. Morramos num barraco de lona, quando chegamos aqui. Até consegui fazer uma casinha de madeira, quatro por cinco, era pequenininho. Aí logo depois eu trouxe minha esposa e minhas duas filhas.

Inicialmente, vim sozinho porque minha filha era prematura e era novinha, tinha apenas oito meses de idade. Aos poucos fomos construindo, peguei um pedaço de terra, comecei a cultivar, é muito debatido a questão de produtos orgânicos, produtos sem veneno. Fomos plantando, depois houve uma divisão de terras, cada um pegou dois pontos oito de alqueire de terra, para poder ter uma renda a partir do acampamento. Pois, nossa comida é praticamente o que plantamos na quartinha, que é para plantar mandioca, abobora é para plantar o que comemos. Fomos conquistando nossa vida aqui. Hoje me mantenho só com as rendas do acampamento, nosso trabalho diário. É uma conquista, não pago alugo, como bem, sobrevivo

com meu trabalho. Minhas filhas basicamente viveram a vida toda aqui e isso é bom, tem uma escola para elas, uma escola que é nossa, que ensina o que somos.

Nessa luta coletiva. Nossa e nossa comunidade também alcançou muitas conquistas, nessa organização coletivo, toda conquista é do coletivo. Aqui é formado os núcleos de bases, estamos divididos em bairro, toda essa organização faz com que todos participem ativamente da luta. Conquistamos o melhoramento do espaço da escola, nosso bar, nosso salão de festa. Fazemos a limpeza da comunidade, contribuimos com a segurança, com a escola. Tudo é no coletivo.

As pessoas têm uma visão às vezes muito estigmatizada. A mídia prega uma coisa muito distante da realidade às vezes. O objetivo do MST é dar oportunidade para àquelas que no passado não teve oportunidade de ter seu pedaço de terra. Porque somos pobre, de família pobre, conseguir um pedaço de terra não é fácil, gostamos de trabalhar na terra, queremos uma vida digna, eu acredito que esse é o objetivo do MST, oferecer a oportunidade de uma vida digna para todos. Produzir nosso alimento e oferecer a quem não tem também, a luta é maior que um pedaço de terra, queremos uma país sem fome, sem miséria, com educação e saúde para todos.

Eu conheci o movimento menino, fui visitar uns primos, quando tinha 9 anos, eu não entendi que o MST era. Eu sempre falo, queria ter conhecido, porque desde que conheci sou feliz. Sinto que joguei minha fora no tempo que não estive, eu trabalhava, tinha meus objetivos, mas não ia para frente. Agora eu tenho 40 anos e sinto que estou vivendo meu melhor momento. Meu melhor no trabalho também, porque é um trabalho coletivo, família, amigos e vizinhos. Existe união. Aqui temos fartura, não passamos fome. Sempre tem aquelas famílias mais pobres, mais sofrida, que passou fome e encontra aqui a possibilidade de uma vida confortável, não é ter dinheiro, é não passar fome, é ter um teto sobre a cabeça, é ter um pedaço de terra para suprir suas necessidades básicas.

Aqui tem fartura, veja a escola, não é lanche, é almoço. Nossas crianças almoçam e isso, nos deixa muito feliz, porque muito dos alimentos da escola é produção nossa. Além de almoçar, é uma comida saudável. Nossas crianças gostam de vim para escola. Elas têm liberdade, tem respeito, Nossa escola é simples. Eu as vezes, penso, aqui é uma escola? Não tem muro, não tem grade. Eu também estudei em uma escola do campo, mas o Governo simplesmente fechou a escola e nossos pais, nem sabiam da importância daquele lugar. Assim, como meu pai ajudava na escola, nós também estamos aqui, colaborando. A escola tem que ser da comunidade.

Fico olhando a escola e vendo minhas filhas e pensando, elas vão poder estudar e fazer uma faculdade. Eu não pude estudar muito, estudei naquela escola até a quarta série e daí,

fechou e fui trabalhar. É privilégio criar elas aqui, elas vêm para escola, vão para casa e não temos preocupação e quando chegar em casa, elas vão brincar, depois ajuda com as plantações, vão aprendendo e isso é para o futuro delas, não precisam ficar em casa confinadas, mexendo no celular. A vida na cidade é isso.

Tenho pouco tempo de acampado, mas aqui você vai se tornando um ser político, o MST é mais que reforma agrária, nossa luta também é para aquele pequeno produtor que já tem sua terra, é pelos professores, é para melhoria da vida das pessoas que ocupam a periferia, é para baixar a gasolina. É uma luta complexa, não estamos aqui isolados do resto mundo. A luta é para uma vida digna para todos.

Sou feliz com a vida que construí aqui, somos acampados ainda, mas temos uma estrutura de pré-assentamento e em breve, se Deus quiser, seremos assentados. Quero minha terrinha, uma garantia para o futuro e produzir comida saudável, pois é isso que pregamos. Porque se nós produzir comida a cidade também terá comida e terá comida barata, é automático. O povo da cidade tem que feliz com o pequeno agricultor, pois nossa produção favorece uma vida melhor para cidade também. O alimento que está na mesa do povo, a maioria é produzida pelos pequenos produtores. Mas, precisamos lutar, porque o pequeno produtor está acabando, sendo cercado pelos grandes produtores. Eles estão comprando, acabando com o serviço, acumulando e acumulando terra e estamos indo para cidade, para as periferias, é mais gente precisando de alimento e menos gente produzindo alimento que chega na nossa mesa, essa conta não está batendo. O agro faz parte também, mas precisa equilíbrio.

Já vivi na cidade e tudo é caro, se não tiver equilíbrio, tudo vai ficar mais caro, porque o agro produz em massa, mas não tem diversidade, o que encarece os produtos. O produtor nos seus 10 alqueires de terra as vezes produz 50 tipos de alimentos. O agro espreme o pequeno produtor até ele vende a sua terra e passa produzir soja, soja vai para sua mesa? Não vai para sua mesa. O agro quer exportar e isso, faz com que as coisas fiquem caras, porque precisa andar muito para chegar na nossa mesa. As coisas aqui em Porecatu são caras, porque vem de Maringá para Londrina e londrina distribui e as vezes, vem de outro lugar para Maringá. Entendeu? E como vai chegar esses produtos aqui? Como vai consumir esses produtos? Será um produtor de boa qualidade? É preciso do pequeno produtor para que esse transporte seja minimizado e entregue um produto fresco, saudável em sua mesa. Nesse processo de transporte, quantos dias não se passam? Até chegar ali no mercado para você adquirir. Antes, esse alimento ficou vinte quatro horas ali só sendo bombeado veneno. Agrotóxico é o que o mata a população hoje. Eles ficam passando aquele veneno para manter o alimento bonito. Esses alimentos viajam 15 dias

e chega lá, tudo lindo. Mas, será, eu colho um cacho de banana se eu não comer em 5 dias, perde, pensa, viaja 15 dias e você e ela continua lá bonito.

Então, estamos aqui, lutando, construindo uma vida digna, não estamos invadindo, estamos evoluindo, lutando por todos. Essa terra aqui, tem história, tem um livro, devem ter te passado o livro, essa terra é direito do povo que trabalha na terra. É direito da população ter uma comida saudável no prato. Podem não gostar da gente. Mas, estamos lutando por todos.



E aí, quem ocupa quem?

Meu nome é Isabelle. Faz sete anos que eu moro aqui. Eu sou educanda do nono ano. Eu gosto de estudar aqui, eu tive a experiência de estudar dois anos só na cidade, mas nossa senhora é muito diferente a escola que eu estudava, era fechada, então quando a gente saía era só para a biblioteca ou para a informática ou para o parquinho. Aqui não, aqui se você quiser você pode ir para grama, dependendo você pode sair pelo acampamento para fazer pesquisa. Outra coisa são os professores, os professores na cidade eles não se preocupam muito com a gente, aqui nossa escola, se você não estiver bem eles já se preocupam perguntam como que você está e tal. E a coisa que eu estranhei bastante foi quando eu cheguei aqui e tínhamos que fazer a limpeza da sala, eu cheguei em casa e falei para o meu pai que eu não queria mais ir na escola, por que eu tinha que limpar, mas hoje eu super entendo, ter que limpar a sala, aqui é um ajudando os outros. Precisa cooperar, aqui o trabalho é coletivo. A escola é um coletivo, portanto o cuidado dela também, seria injusto outro limpar nossa sujeira.

E a forma de ensinar também é diferente, a matemática não precisa ser só no quadro você pode ir na horta ali fazer a matemática ali, geografia, você pode ir no passo a passo das coisas. Nossa, eu amo isso daqui. E as avaliações, eu gosto que aqui a gente não vale só um número, né? Lá na cidade é um número, é uma nota. Aqui não, aqui a forma de avaliar é diferente. É o parecer descritivo, é o conselho de classe, você vem para ouvir do professor, como você está, então é bem melhor, tipo se eu tirar uma nota baixa na cidade e eu vou ficar com aquela nota baixa para o resto da minha vida né? Aqui você não carrega isso, aqui é totalmente diferente, gosto eu gosto de ouvir sempre como eu estou no que que eu preciso avançar no que que eu melhorei. Até da letra, eles falam da minha letra, sempre cobram, Clara a letra, mas só que nunca falam que a minha letra está horrível que a minha letra não dá para entender. Eles sempre têm uma forma de falar, sempre tem cuidado.

Eu não estudei muito na cidadã, mas lembro que eu não falava muito. E era bastante educandos na sala então, não falávamos muito, mas aqui, sinto que tenho mais liberdade, não sinto medo de perguntar. Se você não tiver entendido explica de novo. Somos todos iguais, por exemplo, sentemos em círculo e isso é legal, porque estamos sempre vendo o professor e os nossos colegas. E tudo isso, me faz gostar de estudar aqui, quero ser professora para dar aula. Eu gosto muito de ser educanda daqui.



Então? Quem ocupa quem?

Como é que eu cheguei aqui? Estávamos em Santa Maria do Oeste, eu morava de aluguel, era difícil, não tinha um lugar meu, ficava para lá e para cá. Um dia escutei anunciar na rádio que estavam querendo montar um acampamento em Campo Mourão, falei com meu piá, quero ir para acampamento de sem terra, ele estava viajando. Eu nunca tinha participado, não entendia nada, mas decidi que ia acampar para gente ter uma terra, um lugarzinho para chamar de meu. E eu não tenho nada, então meu lugar lá, juntei meu galo de briga, era uma chapinha velha, umas painelas velhas e o colchão e fui e de lá, vim para cá, vai fazer sete anos que eu estou aqui.

Fizemos um barraquinho de lona. Com minhas coisas arrumada, para no seu Pedrinho, para me levar, meu Piá, Valmir chegou. Ele perguntou: mãe você vai pro sem terra? Eu disse sim e ele, disse, então vamos embora. Ficamos ali, três meses, chuva, chuva, chuva era muita chuva, foi difícil e então, fizeram uma reunião, com nós para a gente vim para cá. Viemos para cá sem conhecer. Sem saber como é que era. Saímos de lá de baixo de chuva, tudo sujo de barro. Chegando aqui, um sol, um poeirão e pensava que vergonha, chegar no acampamento tudo suja de barro.

Dia vinte e três de junho vai fazer sete anos que eu estou aqui dentro. Meu filho casou e eu estou aqui, tem a família dele aqui e estou aqui, eu adoro ficar aqui, eu gosto daqui, é maravilhoso. Aqui a gente tem os bichinhos, tem galinha, tem porco, cavalo, pato, tem até angolinha. Para quem só pagava aluguel, temos muita coisa. tem pra quem pagava aluguel agora temos muita coisa? Na cidade não dá para criar nada. É para quem pagava aluguel tem muita coisa né? Graças a Deus! Na cidade não dá para criar nada, aqui tem a hortinha. Eu tenho um problema na vista, não consigo fazer muita coisa, mas, meu filho me ajuda. Tem o pessoal que também ajuda. E você pagava e eles fazem o serviço, e você paga quando vende as sacas. E todo mundo me ajuda, porque desde que vim para cá, estou com esse problema na vista. Vamos indo cuidando.

Hoje as coisas, está mais fácil sabe? Eu não morava nesse lugar, morava mais em cima, fizemos um barraco de lona. Consegui que colocasse um bico de luz. Um dia uma ventania abriu o teto do meu barraco que era de lona preta, em mês de chuva, ficamos descobertos, meu Deus do céu. Vai dali e de cá. Coitado do Valmir que é meu filho. Até que conseguimos vim para cá, foi dona Natalina que ajeitou aqui para nós.

Vivi e um ano e pouco no barraco de lona preta, a água ainda era difícil, tinha dia que tinha água no outro não, eu lavava roupa numa tábua. Esfregando, na tábua, quando acabava a água a roupa ficava para o outro dia, porque a água chegava no barraco, por mangueira em cima da terra, nem sempre tinha, as vezes tínhamos que

buscar água e não dava para todo mundo e nem tínhamos caixa para armazenar a água. Mas não foi. Não foi fácil. A gente sofreu um pouco, na verdade. A gente sofreu porque não tinha dinheiro. Só tinha um benefício de cento e noventa reais. Minha bolsa família que era comer, né. E daí eu comprei alguma coisinha, mas não dava. Passei um pouco de fome. Quem ajudava muito era a Marta, os vizinhos. Eu e o Valmir e um pessoal que foi embora e perto de Florestópolis, cata milho para ter uma renda. Não foi fácil, eu não desisti. E não desisto. Eu já falei que enquanto, tiver dois ou três aqui, eu estarei junto. Se Deus quiser. Se Deus quiser vai sair a terrinha para nós. Porque mais do que eu já sofri, eu não sofro mais não, porque agora eu tenho a criação vendo a galinha, vendo um pato, mato um porco, tem banho, tem a carne. Graças a Deus estou bem. Não está bem a saúde, que a saúde vai acabando, do corpo. Estou com sessenta e um anos, já vivi muita coisa. E hoje estou aqui e gosto daqui eu vou ficar aqui mesmo, é aqui que eu escolhi e nunca fui sem terra, nunca, nunca, nunca eu fui debaixo de uma lona preta, foi a primeira vez, a primeira vez que fiquei e valeu a pena, mesmo com o sofrimento, graças a Deus tenha essa casa aqui, tem outra casinha ali que compramos para guardar comida por animais e ferramenta.

Hoje a vida está fácil, estou bem, tenho de onde tirar meu sustento, temos água encanada. Vez ou outra, estraga o cano, mas eles avisam e logo já arruma. Temos o pedaço de terra para plantar, temos a quartinha para tirar nosso alimento e fazer doação quando precisa. Porque aqui temos fartura, mas quem muita gente na cidade que está passando necessidade. Eu não consigo fazer as coisas, mas meu filho e agora arrumei um companheiro, eles me ajudam. Então, meu companheiro cumpre com as obrigações do acampamento, faz guarita, esses dias mesmo, estavam fazendo limpeza do acampamento, limpando a escola.



Quem ocupa quem? Eu não ousaria dizer.

ⁱ IMAGEM XI: Quem ocupa quem? (Composição de fotos e entrevistas)

Ocupação

“SEM TERRA” Carlos Pronzato

Reforma Agrária É palavra Que dói na alma Que grita na calma De quem
Não se levanta. Reforma Agrária É bandeira Que clama Revolta É apenas
reclama “na lei ou na marra” Com uma palavra: Terra!

As cercas Crescem com o dia Demarcam A imensidão Do latifúndio E

As cercas Crescem com o dia Demarcam A imensidão Do latifúndio E
calam O murmúrio Das sementes Nas madrugadas O camponês Arma o
coração Da derrubada O arame farpado Não deterá jamais O grito Da
aurora Ocupada!

Quem te dará A terra Se não forem Tuas mãos?

Quem te dará A terra Se não forem Teus braços? Quem te dará A terra Se
Quem te dará A terra Se não forem Teus braços? Quem te dará A terra Se
não fores tu Trabalhador do campo Que semeias Com suor E sangue O
silêncio Que geme na terra O teu canto? Quem?

Teus pés Tocaram A terra ensangüentada Teu coração Decidiu Tomar as
armas Tua cabeça Ajusta O alvo.

Oh Liberdade! Espalha no sereno As armas Da ocupação Somos cúmplices
Das flores Abre a facção Uma clareira No tenebroso Latifúndio

Somos cúmplices Dos pássaros Assobia para nós Aquele cântico Infinito
dos rebeldes Somos cúmplices Do vento Oh Liberdade! O teu coração Tem
o cheiro Da terra Do outro lado Da cerca.

CANTOS

Os cantos cantados sem rima, quase sempre descompassados, talvez seja o pior modo de produzir intensidades de um acampamento, cuja a vida é organizada em uma complexa organicidade diária. Todavia, esses cantos sem rima mostre a beleza desse lugar que muitas vezes são entoados pela mídia, pelas bocas somente com uma coisa feia.

A beleza dessa geografia perdida consiste nesse compasso descompassado, onde pessoas diariamente, tentam se organizam, compor uma vida digna, entoar uma luta que busque por uma nação soberana. Mas, mesmo organizados, às vezes, a marchar perde o ritmo. Perde a beleza, porque lutar é cansativo, frustrante... Então, as vezes, o ritmo se perde. Porque quem marca esse ritmo é gente, logo, perder o compasso, é natural.

Os cantos entoados buscam compor uma narrativa mais suave, que mostre verso a verso a organização. A vida. A luta. A música. A paisagem. A alegria. A labuta. A esperança. A realidade. O desejo. O sonho. O suor. Cantos que cantam uma tese-corpo-mística que vive no embate entre o herói e o vilão, aos olhos da sociedade. Os cantos cantam minha entradas e saídas dessa geografia perdida na tentativa de lhe mostrar as coisas belas e feias para que você possa produzir um vilão ou um herói.

Convido a cantar...

Canto I - Sem Terras

Uma nação invadida.
 Uma nação colonizada.
 Uma nação marginalizada.
 Uma nação que clama a independência.
 Uma nação gigantesca.
 Uma nação Sem Terras.

Nesta nação
 De terra,
 De poucos,
 De muitos
 Sem Terras.

Movimentos de Sem Terras:
 Sem tetos,
 Sem comida,
 Sem educação,
 Sem saúde.
 ...
 Organizam-se.

Todavia, nem sempre resistem
 E, de novo, e de novo
 Tentam,
 Lutam,
 Gritam,
 Ocupam,
 Caem.

Sem Terras,
 Sem dignidade,
 Sem comodidade,
 Sem acesso...
 (Re)existem.
 Existem.
 E não temem a morte,
 Porque Sem Terras,
 Sem direito,
 A morte parece deleite.
 Sem Terras, se...

Movimentam,
 Ocupam,
 (Re)existem,
 Lutam,
 Trabalham,
 Produzem,
 Alimentam,
 Sonham,
 Cantam,
 Estudam.

Sem Terras.
 A força revolucionária,
 A força trabalhadora,
 A força de quem na terra produz e alimenta uma nação.
 A força motriz da luta contra...
 Os grandes latifúndios,
 Monocultura,
 Agrotóxico,
 A força que agrega um...
 Povo,
 Sonhos,
 Alimentos saudáveis,
 Agroecologia,
 Terra e teto para todos.
 Nação soberana.

Sem Terras,
 Com sonhos,
 Com solidariedade,
 Com coletividade,
 Com labuta,
 Com equidade,
 Com paixão,
 Com marcha,
 Com ocupação,
 Com vigílias
 Conquistam seu espaço.

Nesta nação,
 Com luta
 Conquistam sua terra,
 Alimentam sua família
 E... tantas outras...

Canto II - Reforma Agrária

Preambularmente
 Compondo uma narrativa sobre o que é o MST.
 Um herói ou um vilão?
 Quem são os sem-terra?
 Qual é o X da questão para o movimento?
 Qual a luta?

Aquela que,
 Num primeiro momento,
 Reuniu e colocou em movimento uma multidão de brasileiros...
 A marchar.
 A ocupar.
 A levantar os punhos.
 A gritar.
 E lutar por um país onde a igualdade seja verdadeira,
 Um país onde a balança fique equilibrada.

Esta luta de Sem Terras,
 Nesta nação de muita terra,
 É histórica,
 É o início.
 Essa pugna sem fim
 Tem um propósito.
 Esse propósito é a Reforma Agrária.

Esta nação não tem e nem teve uma política honesta e organizadora,
 No que concerne à reforma agráriaⁱ,
 Diferentemente de vários países europeus e asiáticos,
 Mantendo assim os grandes latifúndios nas mãos dos que
 Interessam aos governantes.

O século XX é marcado por modificações
 E a luta pela Reforma Agrária é uma destas transformações.
 Qual a luta?
 Questão agrária,
 Reforma agrária.
 É pertinente, que saiba

“Que as iniciativas quanto à questão agrária são processos de regularização fundiária
 Que envolve a devida destinação de terras públicas,
 Mas que não atingem o nervo central do conceito da reforma agrária,

A democratização e o acesso à propriedade da terra na sociedade
E a sua distribuiçãoⁱⁱ”.

“A todos que a quiserem fazer produzir e dela usufruirⁱⁱⁱ.”

A questão agrária nesta nação perpassa uma problemática estrutural e histórica.

O desafio posto no que tange à discussão, entre tantos outros,

É compreender a amplitude das várias disputas existentes,

A concentração fundiária,

Territorial,

Grilagem de terras,

Impactos ambientais,

Agricultura para a produção de *commodities*,

Superexploração,

Sementes transgênicas versus sementes crioulas,

São exemplos que atravessam a questão estrutural na nação.

Já no tocante aos elementos históricos,

Temos a constante luta pela terra,

Pela permanência nela.

Frente à constante disputa territorial que abarca as mais variadas motivações

E é demarcada por fatores que envolvem

A multidimensionalidade e a conflitualidade entre as distintas classes sociais, Abrangendo as
dimensões políticas, ideológicas,

Sociais, econômicas, culturais e ambientais

Tanto, no território material e imaterial^{iv}.

Compreende qual é a luta?

Do que estamos falando?

Estamos falando da questão agrária do país e não de reforma agrária,

Que é uma política pública.

Há duas discussões que se atravessam,

Se chocam e tem como foco na mesma problemática,

Mas são consideradas discussões distintas.

A questão da reforma agrária

É considerada por esses mesmos interlocutores

Como o principal mecanismo de (re)criação do campesinato.

A reforma agrária é uma política pública,

Que é resultado das pressões exercidas pela população rural

Que não tem acesso à propriedade da terra.

A questão agrária é uma discussão mais complexa e mais ampla,

Pois está intimamente ligada a questões, tais como:

Econômicas, sociais, culturais, ambientais e políticas.

A política de reforma agrária atravessa todas essas dimensões,

Mas não é a solução de todos os problemas que envolvem a questão agrária.

Ainda assim é uma formidável conquista,

Constituindo-se um mecanismo de pressão para colocar em pauta a questão agrária.

É “[...] uma política territorial que serve para minimizar a questão agrária^v.”

A questão agrária é um “problema estrutural do capitalismo^{vi}”,

Que por consequência gera desigualdades.

Toda a exclusão, expropriação,

Todas essas desigualdades causadas pelo capital,

Colocam os conflitos como uma problemática para a questão agrária^{vii}.

“Apesar de ser uma questão constitucional

E objeto de pressão histórica dos movimentos populares do campo^{viii}”,

Apesar de toda uma história de invasão,

Exploração,

Apropriação de terras,

Os Sem Terra dessa nação

Ainda sofrem.

Sofrem, pois muitos

Acreditam nas barbáries

Vendidas pelo Capital,

Que criminaliza

Quem luta

A luta pela terra

É

A luta de todos nós

Que lutamos por

Casa

Comida

Conforto

Segurança

Saúde

Educação

Lazer

Quem disse que a terra não é nossa?

Já pensou?

Quem disse que não podemos ter o mínimo?

Já pensou?

Quem está lucrando com as terras que nos pertencem?

Já pensou?

Qual a luta?

Já pensou?

Se já pensou,
Qual a luta?
– *A nossa luta!*

Sem Terra.
Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Vilão?
Herói?

Qual a sua opinião?
Qual a sua decisão?

A história aqui contada é resumo.
O que se narra não são fatos isolados.
Um telescópio, não vamos precisar.
Para observar,
Uma lupa vamos usar
E, pouco a pouco,
No que faz o Movimento é onde vamos focar!
E você,
Vai decidir,
Herói ou vilão?

Canto III - MST



Com tantas lutas^{ix},
 Fracassos,
 Conquistas,
 Com uma pauta legítima
 O povo organiza-se,
 (Re)organiza-se.

...

Em 1940 a luta toma impulso
 Com o crescimento das ligas camponesas
 Que resistiam à expropriação e à expulsão da terra.
 A luta pela terra é constante.
 A luta pela terra remonta à colonização,
 Que na contemporaneidade
 É caracterizada pelos grandes latifúndios.

Nessa luta dos Sem Terras
 A luta pela terra se amplifica,
 Agrega.
 A luta agora é também pela
 Reforma Agrária.

Nessa histórica e lendária batalha,
 Entre os detentores das terras
 E seus trabalhadores ,
 Que não desistem e resistem.
 Cada liga,
 Cada ocupação,
 Cada marcha,
 Cada massacre,
 Cada morte
 É uma luta pela nação.

Levam os Sem Terras
 Ao Movimento,
 Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
 O MST.

Cada luta,
 Que antecede o florescimento do MST,
 São as fundações,
 São raízes que sustentam esse Movimento,
 Que fazem dele um grande ato de revolução,
 De esperança,

De futuro.
 O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
 Floresce
 Como último grito de resistência,
 Como último ato de rebelião,
 Como revolução.
 O MST
 Floresce
 e...
 Cresce
 e...
 Desabrocha
 e...
 Frutifica
 e...

“O MST é gerado de 1979 a 1984
 Em Cascavel, Paraná.
 No Primeiro Nacional dos Trabalhadores Sem Terra
 Ganha vida
 Entre os dias 21 e 24 de janeiro^x.”

Desde seu primeiro suspiro, o MST
 Tornou-se herói.
 Dessa gente marginalizada.
 Esperança
 De um pedaço de terra,
 De comida no prato,
 De um teto sobre as camas.

“O MST,
 Como povo organizado,
 Atua com marchas e ocupações^{xi}.”
 Para não deixar esquecer seus líderes
 De suas existências,
 De suas necessidades,
 Para garantir direitos,
 Para que se cumpra os direitos conquistados.

Em 1985, no IV Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais,
 Promovido pela Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (Contag),
 O Plano Nacional pela Reforma Agrária I
 Celebrou uma conquista das lutas anteriores.
 O Estatuto da Terra,

Criado em 1964 em meio à Ditadura Militar.

Fica estabelecida

A função social da propriedade;

A não-desapropriação das empresas rurais e das pequenas e médias propriedades;
A garantia de que a reforma agrária não atingiria as terras que estivessem produzindo
E de que as desapropriações seriam pagas mediante indenizações.
Temos um passo a mais na luta pela reforma agrária.

O documento previa

Assentamentos de trabalhadores nas terras desapropriadas pelo governo
Para que fosse cumprido o papel social da propriedade rural.

Foi posto no Estatuto da Terra:

- “a) favorecer o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores que nela labutam, assim como de suas famílias;
- b) manter níveis satisfatórios de produtividade;
- c) assegurar a conservação dos recursos naturais;
- d) observar as disposições legais que regulam as justas relações de trabalho entre os que a possuem e a cultivam^{xii}.”

Porém, nem tudo são flores.

Há no PNRA uma distorção do Estatuto da Terra,
Pois prevê que a desapropriação da terra deve ser evitada a todo custo^{xiii}.

Em vigilância,

Em labuta.

O MST, passo a passo, vai galgando seu espaço
Como um importante instrumento de luta.
Como um organismo vivo vai se ramificando
E penetrando,
Ocupando,
De modo que nem as machadadas são capazes
De cortar o fluxo de suas ramificações.

Nessa caminhada contínua,

A Constituição de 1988 alterou o Estatuto da Propriedade Fundiária
Legitimando a função social da terra.
Mecanismo importante no processo de reforma agrária.
Mesmo frente às muitas vitórias dos grandes latifundiários,
Com emendas constitucionais que os favorecem,
Essa é uma importantíssima conquista dos movimentos sociais.

O artigo 184 trata da desapropriação para fins de reforma agrária, ou seja, se o imóvel rural não cumprir com a função social, a terra será desapropriada mediante indenização.

“Art. 186 – A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:

- I – Aproveitamento racional e adequado;
- II – Utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;
- III – Observância das disposições que regulam as relações de trabalho;
- IV – Exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores^{xiv}.”

Marchando em frente.
Em 1989 o MST tem pela frente
Trovoadas e tempestades,
Pois Collor, o presidente eleito desta nação
Tem como força de batalha
A bancada ruralista.

Em governo neoliberal
Reforma agrária
Não é prioridade.

“O neoliberalismo toma conta do país,
Causando a fragmentação da classe trabalhadora
E o avanço do capital^{xv}.”

“O Ministério da Reforma Agrária já não (re)existe^{xvi}.”
Entre 1990 e 1994, a reforma agrária perde velocidade.
Mas não estaciona.
Pois durante o governo de Itamar, vice de Collor,
Temos a aprovação da
Lei Agrária (Lei 8.629),
Fazendo com que as propriedades rurais fossem reclassificadas
Com a regulamentação da Constituição.
Não existindo mais vieses jurídicos que impossibilitassem as desapropriações.
Até 1993,
Quando foi regulamentada a Lei Agrária,
Desapropriações não foram realizadas.

Frente a essas pressões.
Frente à necessidade de (re)existir,
O MST
Movimenta-se,
Organiza-se.
E com um grito de ordem:
OCUPAR, RESISTIR, PRODUZIR.
Faz das ocupações seu principal instrumento de luta^{xvii}.

Cansados de promessas,
 Cansados de dar um passo à frente e dois para trás
 O povo ocupa,
 O povo marcha,
 O povo clama.
 Clama por justiça,
 Reclama o que por direito
 É de todos.
 Clama por terra,
 Clama por alimento.
 O povo...
 ...
 Ocupa,
 Resiste,
 Produz,
 ...

No governo de Fernando Henrique,
 O MST pressiona,
 Ocupa terras,
 Rodovias,
 Ocupa os televisores do povo desta nação.
 O MST se mostra
 E conquista.

Não é que o governo tivesse um plano de reforma agrária.
 Mas frente às pressões,
 As ocupações,
 Desapropria.
 E apropria quem fará a função social da terra ser cumprida^{xviii}.

Havia uma questão agrária que gritava,
 Que se personificava.
 Obrigava o governo a tomar medidas para amenizar a situação que se instalava.
 Os programas de acesso à terra foram criados.
 Programas para reduzir os conflitos existentes e,
 Combater a pobreza rural.

O governo, em meio às ações desesperadas para conter os Sem Terras,
 Alia-se ao Banco Central.
 Juntos, financiam o programa de diminuição da pobreza.
 E o Banco Central então cumpre com sua missão social.
 “Esses recursos permitiram ao governo amenizar a pressão social por terra, sem alterar a estrutura fundiária ou ampliar os processos de desapropriação^{xix}.”

Em meio aos conflitos
 O Movimento lança-se ao processo de mover-se.
 A luta é contínua
 Mas é desenhada de máximas e mínimas.
 A luta ganha novo peso.
 A luta não é só dos camponeses.
 A luta atinge quem vive na região urbana,
 A reforma agrária colabora com superlotação desse espaço.
 A luta produz alimentos saudáveis e acessíveis.

“REFORMA AGRÁRIA É UMA LUTA DE TODOS”.

Foi o grito de 22 estados brasileiros,
 22 delegados da América Latina,
 Estados Unidos e Europa,
 Unidos no 3º Congresso Nacional do MST.

A luta é...
 Sofrida.
 Toda essa visibilidade
 Provoca o outro lado.
 Faz com que o outro lado também
 Movimente-se.
 O embate é com o governo,
 Mas não é o governo que a luta ataca.
 E o outro lado, então,
 Contra-ataca.
 Mata.

No dia 17 de fevereiro de 1996,
 Aconteceu o Massacre do Eldorado do Carajás.

A luta é...
 Sofrida,
 Contínua.

Um ano após o derramamento de sangue,
 O movimento organiza-se.
 Mostra-se mais vivo do que nunca
 E uma marcha é organizada.
 O povo não está derrotado,
 Porque a morte sempre esteve à espreita.
 A luta é o sopro de esperança de vida.

“Os Sem Terra partiram de três pontos diferentes do país.
 Por dois meses, atravessaram a pé diversos municípios do Brasil.
 Uma das colunas, com integrantes dos estados do sul e São Paulo,
 Partiu da capital paulista com 600 pessoas.
 Outra, com o povo de Minas, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia,
 Saiu de Governador Valadares (MG) com 400 integrantes.
 A terceira coluna, com militantes de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Goiás e
 Distrito Federal, partiu de Rondonópolis (MT) com 300 pessoas.
 O percurso de cada coluna foi de cerca de 1.000 km.
 Milhares de Sem Terra marcham mil km,
 E foram recebidos por 100 mil pessoas em Brasília.
 Os marchantes que vieram de cada estado do norte e nordeste atingiram a capital.
 A reforma agrária é uma urgência.
 Mas a marcha é mais que um movimento de luta.
 É grito de socorro dessa gente
 Que morre
 E ninguém acode.
 A marcha pede justiça^{xx}.”

No segundo mandato do governo de Fernando Henrique
 O projeto neoliberal se instalou no campo brasileiro
 E houve a criminalização dos movimentos sociais do campo.
 E a criação da reforma agrária de mercado,
 O Banco Mundial
 Financiou o meio rural
 E aos governos da América Latina competia a viabilização
 Desse modelo novo de reforma agrária.
 Foi necessário:
 “Manter e proteger o latifúndio;
 Estimular a produção agroexportadora;
 Desmobilizar, despolitizar e destruir os movimentos sociais que reivindicam a reforma
 agrária redistributiva;
 Criar um novo marco jurídico-institucional onde se possam implementar os projetos e os
 programas de “desenvolvimento rural”;
 Reduzir as históricas lutas das populações camponesas
 À nova figura da “agricultura familiar”,
 Porque desta forma se individualiza e direciona
 A questão agrária para o âmbito doméstico.
 Para quê a reforma agrária – redistributiva – se o problema não é social e sim familiar?^{xxi}”.

O Governo reagiu às pressões
 E até contou a falácia de que não havia latifúndios nesta nação.
 A política de assentamento
 Encobria,

Vendia

Uma mentira que dizia que o problema agrário estava resolvido.

Os Sem Terras sabem que precisam
Dormir com um olho aberto e outro fechado.
Frente ao governo,
Foram momentos de repressão.

Lutar é enfrentar.
Sabiam que não seria de uma vez que conseguiriam resolver a questão agrária.
Sabiam que seus inimigos reagiriam.
Não se afugenta
Frente às dificuldades.
Ação e reação.
A luta é constituída dessa lei de Newton:
“Toda ação tem uma reação”.

O novo presidente eleito em 2002
Gera expectativa no Movimento.
Em ação, o Movimento,
Logo no primeiro ano de mandato de Lula
“Elabora o segundo Plano Nacional de Reforma Agrária (II PNRA).
Ao apresentar o Plano, a intenção era garantir o acesso à terra
E a implementação de ações que acarretassem geração de renda para as famílias
E acesso a direitos fundamentais:
Saúde, educação, saneamento, energia elétrica^{xxii}.”

A cada labuta,
A cada ação e reação,
O Movimento cada vez mais
Compreende que a luta não é somente por terra,
Que está longe de ser só por terra.
Então o Plano vinha com uma visão a mais de Reforma Agrária.

Entra governo sai governo,
O Movimento continuava sem que os Planos fossem atendidos pelos seus governantes.
O Movimento estava firme e questionava.
Não há outra solução.
É preciso equilíbrio.
E para isso é necessário,
É necessário (re)existir.
O governo dos sonhos
Não fez reforma agrária.
O governo desenvolveu uma política compensatória

Que não consegue enfrentar os efeitos perversos do modelo agroexportador
 Que espalha se por esta nação.
 Nossa luta,
 Nossa bandeira,
 Novamente é manchada de sangue.

“O dia do Massacre foi 20 de novembro de 2004.
 Período da Manhã.
 A cidade: Felisburgo, em Minas Gerais,
 No Acampamento Terra Prometida^{xxiii}.”

O dono da fazenda Nova Alegria,
 Ocupada há dois anos pelo MST,
 Invadiu o acampamento com mais de 17 pistoleiros numa manhã de sábado
 Atirando aleatoriamente contra os que ali viviam.
 Atearam fogo nos barracos.
 Atearam fogo na plantação.
 Atearam fogo na escola.
 Deixaram em chamas a vida de 200 famílias.
 O resultado final:
 A morte de cinco homens,
 20 pessoas gravemente feridas,
 200 famílias com suas casas, comida, trabalho e escola em cinzas.

A luta continua...

Continua.
 Continua um a um,
 Formando um coletivo.
 A força do Movimento
 Não é sua grandiosidade,
 Mas sua capacidade de agregar individualmente.
 A luta continua,
 Um a um,
 Uma a uma.

...

Herói ou vilão?

Canto IV - A Camponesa

Uma a uma .

...

Alexandra, a Camponesa.

Filha de Sem Terras.

Mãe de Sem Terrinhas.

Sem Terra.

Alexandra ocupa território em luta.

Ocupa o Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu.

(Re)existe em terra de heranças sangrentas.

Terra roxa.

Fértil.

Improdutiva.

O Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu

(Re)existe

Junto com a força de Alexandra

E tantos outros Sem Terras.

O Acampamento é a força de luta de muitos trabalhadores.

Sopro de esperança de uma vida digna.

Alexandra é forjada na luta,

Pais assentados,

Mas na labuta.

Alexandra habita o Acampamento,

Pois sua família veio contribuir com a organização do Acampamento.

Ela não chega como parte da família,

Mas como quem quer conquistar seu pedaço de terra.

Ela chega como acampada do Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu.

Uma vida Sem Terra.

Uma vida conquistada Sem Terra.

Alexandra experimenta essa vida junto ao Acampamento.

Pois com sua família as memórias recentes já são habitadas pelo assentamento.

Vidas diferentes.

Viver o assentamento.

Viver o acampamento.

Só na luta

É possível compreender a luta e toda sua dimensão.

É preciso assumir a luta.

Ao chegar no Acampamento com seu marido e filho,

Alexandra passa a experimentar a luta.

Precisa contribuir.

A vida no Acampamento é coletiva,

Sua tarefa foi a Coordenação.

Ficou assustada.

Sua vida de assentada não trazia esses elementos.

Desafiada.

Dia após dia compreendia mais e mais seu setor,

Esse dia a dia coletivo,

Elemento formado de um acampamento.

Envolve.

Alexandra passa a contribuir na escola.

Com a ciranda infantil.

Sem pagamentos.

Apenas contribuição.

Ocupar a escola.

Esse espaço perdido em uma geografia perdida.

Provocou sensações nessa camponesa

Que sempre habitou uma escola regular.

Que escola é essa?

Perguntava-se Alexandra.

Uma escola onde todos têm voz.

Nesse desconforto, um sonho nasce.

Pedagoga quer ser.

Quer ensinar nessa escola.

Quer contribuir com a vida coletiva no acampamento.

Para realizar seu sonho, necessitava completar o Ensino Médio.

Mas a escola dos sonhos ainda não atendia a modalidade do Ensino Médio.

Menina de luta,

Aprendeu a esperar,

Mas também a cobrar.

Clamava pela abertura do Ensino Médio

Nesse espaço que tomou seu coração,

Que a fez Sem Terra por escolha,

Que mostrou como a luta poderia lhe ajudar a ser humano melhor,

Que busca compreender os outros.

Em 2014

O sonho vai ganhando forma.

Alexandra é estudante dessa escola.

Para conquistar seu sonho,
 Seu filho para a escola com ela ia.
 A escola sua entrada não proibia.
 A escola cuidava de seu filho.
 E em 2016
 Findou seu estudo.
 E como estudando do Ensino Médio
 Na escola podia contribuir.
 Sua contribuição era como auxiliar administrativo.
 Cada dia mais
 Queria compreender essa organicidade,
 Esse espaço vivo.

A comunidade apoiava Alexandra
 Então, em 2017, começou a cursar Pedagogia.
 Que alegria!
 Formada!
 Pós-graduada!
 Pós-graduada, junto ao setor de educação do MST, em Educação do Campo.
 E de seus privilégios na vida
 Hoje contribui como coordenadora na Escola.

Uma vida formada na labuta.
 Na luta.
 Uma vida em movimento.
 Alexandra não vê sua vida em outro lugar.
 Não quer deixar a comunidade que tanto a acolheu.
 Estar nesse espaço é emocionante.
 Uma causa coletiva.
 Fazer parte da comunidade.

Olhando para sua família,
 Deseja que estejam seguros.
 E não há lugar mais tranquilo para ela.
 Um lugar coletivo.
 Motivador.
 Colaborador.
 Sua família não poderia estar mais protegida.

É camponesa
 E sabe como o mundo pode ser perverso.
 Não quer ser seus filhos expostos
 À violência,

À exclusão.
 Uma escola não considera e nem quer considerar esse espaço.
 Quer seus filhos nesse espaço de...
 Sonhos,
 Trabalhos^{xxiv},



Um a um,
 Uma a uma.
 A comunidade urge
 Em meio a terras que outrora foram invadidas.
 E agora
 Ocupadas
 Permitem
 Um futuro^{xxvi}.
 ...

Canto V - A Ocupação



Uma ocupação nunca é ocasional^{xxvii}.
 Uma ocupação não é uma invasão.
 Uma ocupação é uma forma de pressão
 Que o MST faz frente aos desmandos de um governo.

Montar um acampamento requer uma operação de guerra.
 É necessário muitos homens e mulheres.
 É necessário muitas foices e facões.
 São necessárias estratégias para levantar as lonas pretas.

O acampamento é uma zona de conflito
 E, como tal, apresenta perigos.
 Pode haver violência com o governo, com a população, como os proprietários.
 Pode haver dificuldade de alimentação.
 O trabalho será muitas vezes tempestuoso,
 A depender do cultivo naquela terra.
 As condições básicas de saneamento podem ser precárias.
 Uma vida sustentável levará tempo.

O MST estuda seus inimigos.
 Não ataca sem suporte.
 Uma operação é minimamente organizada.
 Em uma ocupação, toda a comunidade é mobilizada.
 Não se ocupa uma zona de conflito com 100 famílias.

...

É aqui que a história que vos conto ganha corpo.
 O MST é nosso herói
 E ao mesmo tempo nosso anti-herói.
 Entretanto,
 Essa história não é sobre o MST,
 Ou sobre sua grandiosidade,
 Ou sobre suas conquistas,
 Ou sobre suas rebeldias.
 Essa história é para que você,
 Assim como eu e a Alexandra,
 Envolve-se!
 Tire a venda dos olhos
 E veja o movimento
 Como um ato de revolução
 Mais que isso: um ato de esperança!
 De salvação.
 Comida no prato.
 Teto sobre as cabeças.

Por isso, o MST aqui é mero coadjuvante.
 Nosso foco não é na grandiosidade,
 É na miudeza dos barracos.
 O foco está por trás das lonas pretas.
 Está no que faz do Movimento
 Ora herói ora anti-herói:
 O povo.
 Cada conquista,
 Cada erro cometido pelo MST
 Está povoado de gente
 E por gente que está abandonada à própria sorte nesta nação,
 Que nega direitos.
 Que nega terra.
 Que nega educação.
 Que nega saúde.
 Que nega comida.

...

Você pode nos questionar sobre a evolução dessa Epopeia,
 Insistir sobre quem são nossos heróis
 E ainda se perguntar sobre as batalhas épicas.
 Terás que marchar junto
 Para que, no fim, sem se perceber,
 Esteja envolvida pelo nosso (anti-) herói.
 Garanto que haverá emoção!

As lonas pretas dos barracos desta ocupação
 Surgem na paisagem em 2008,
 Após o MST estrategicamente ocupar as terras
 Do Grupo Atalla, em Porecatu, no Norte do Paraná.
 Marchando, 2000 famílias ocuparam a área de 1400 hectares.
 E, com muito trabalho, foram pondo fim ao canavial abandonado.
 Canavial que representa perigo.
 Uma ocupação é uma zona de conflito
 E fogo em um canavial velho e seco
 Representa fogo nas lonas pretas.
 Noite e dia se trabalhou para que o território ficasse habitável, confortável.

Não é grandioso?
 2000 famílias em um mesmo compasso.
 Não é mera coincidência,
 É estratégia!
 Muitos dessa gente já são acampados, assentados,
 Mas saem de seus barracos para ajudar no estabelecimento dessa nova ocupação.
 A causa é coletiva.

A violência é um fato.
 2000 famílias impõem respeito,
 São muitos barracos para contagem.
 É muita gente para um conflito.
 Aos poucos a ocupação vai se tornando lar de 36 famílias.

Essa ocupação não é uma invasão.
 É um ato político e histórico.
 A atuação desse grande grupo do setor sucroalcooleiro
 Deixou as marcas das injustiças de um sistema econômico ganancioso,
 Preocupado somente com a margem de lucro.
 O caso do Grupo Atalla, detentor da Usina Central do Paraná S.A. – Agricultura Indústria e
 Comércio (UCP), que possui diversas fazendas na região do município de Porecatu.
 Desde a década de 1970, provoca conflitos que se perpetuam mesmo com o fim da operação
 da usina.

A Família Atalla detém o poder de cerca de 40 mil hectares de terras.
 Seu poder é tamanho que mesmo a usina não produzindo mais,
 Mas está ocupando a paisagem,
 Mostrando sua imponência
 Ainda hoje, mesmo desativada,
 Em determinada hora do dia é possível ouvir o sinal da usina.

O Grupo denunciado por diversas violações de direitos trabalhistas,
 Por situações análogas ao trabalho escravo
 Somam a bagatela de mais de R\$ 150 milhões em dívidas trabalhistas.
 São mais de três mil ações, movidas em sua grande maioria pelos cortadores de cana.
 Mas não acaba por aí.
 Há acusações sobre destruição ambiental
 E de descumprimento de Termos de Ajustamentos de Conduta (TAC),
 Que foram estabelecidos em razão das ilegalidades ambientais
 E pela prática recorrente de irregularidades no ambiente de trabalho.
 Como se não bastasse,
 A soma dívidas fiscais é de aproximadamente R\$ 500 milhões,
 Apurada pela Procuradoria da Fazenda Nacional no Paraná.

A ocupação é ato político e histórico,
 Não uma invasão.
 Mas o andamento sempre encontra entraves criados pelo próprio Poder Judiciário,
 Que com sua conduta promove possibilidades legais que impede a evolução nos
 questionamentos da forma de exploração das terras praticados pelo Grupo.
 O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) vistoriou mais de 30 mil
 hectares de áreas da família.
 Dessa área toda, 10 mil hectares são considerados improdutivos.
 Ações de desapropriação nestas áreas são mantidas pelo INCRA

E com a desapropriação poderia abrigar mais de mil famílias de agricultores.

Frente à situação,
O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra,
A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep),
Conjuntamente à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag),
Pressionam com acampamentos a desapropriação de terras improdutivas
Pertencentes ao grupo^{xxviii}.

Na luta sem fim.
Um a um,
Uma a uma,
Constroem um lar.
Um lar que a qualquer momento pode ser desfeito.
Ainda assim
Ocupam,
Reexistem.
Pois
Um a um,
Uma a uma,
Já não existe mais.
Agora
Ocupados uns com os outros estão.
Então
A luta continua junto^{xxix}!

Herói ou vilão?



Canto VI - O Município



“O^{xxx} Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra herda, portanto, a história dos posseiros da Revolta de Porecatu e a incansável e não resolvida questão da luta pela terra, organizando as famílias camponesas para ocupar e produzir nas terras mais férteis do Estado, e assim reafirmar o compromisso da Reforma Agrária Popular que defendemos, voltada à distribuição e ao resgate dos trabalhadores e a valorização da vida”^{xxxi}.

Porecatu^{xxxii}.

Deriva do Tupi-Guarani e significa: cachoeira bonita^{xxxiii}.

Seus colonizadores,

A família Lunardelli,

Que denominava essa região como Brasília.

Em dezembro de 1943,

Pela Lei Estadual nº. 199 de 30,

Passou a ser denominado Porecatu,

Distrito Judiciário Comarca de Sertanópolis.

Porecatu situa-se no norte do Paraná,

Com origem no Salto da Capivara no Rio Parapanema.

No dia 10 de outubro de 1947 tornou-se município pela Lei nº. 02.

Porecatu.

Terra roxa.

São as terras mais novas no processo de colonização do estado.

Tal território sofre com a disputa por suas terras desde muito.

Disputa marcada por muita violência e muitas mortes.

Um cenário não tão distante do que ocorre no restante do país,

No tocante a disputas por terras.

Porecatu.

Terra vermelha.

Em uma análise

Sociocultural, econômica, entre tantas outras do território brasileiro

É possível ver as desigualdades

E suas consequências

Em todo território nacional.

Desigualdades essas

Que são geradas em um sistema instalado:

Capitalismo.

Capitalismo.

Sistema que busca manter os privilégios daqueles que sempre se mantiveram no poder.

Para compreender as desigualdades do Brasil

E o desenvolvimento territorial do capitalismo no país,

Faz se necessário

Se atentar à relação que ocorre entre

Processo e totalidade,
 Tempo e espaço^{xxxiv}.
 “Não é suficiente falar de processo,
 Para mais, é a totalidade em que está inserida com a expressão desse processo,
 É o que conduz analisar e refletir a mobilidade da real totalidade”^{xxxv}.

Território de Porecatu sob análise.
 Invasão ou ocupação?
 Que terra é essa?
 Que herança é essa?
 Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu.
 Herdeiros de luta
 E não de capitânias hereditárias.
 Quem é herói?
 Quem é vilão?

Porecatu.
 Um município de terra roxa e fértil.
 Porecatu.
 Um município de terra de dor e banhada de sangue.
 A ocupação dessas terras por
 Posseiros,
 Fazendeiros e
 Grileiros
 Se deu de maneira desordenada,
 O que provocou lutas, conflitos e guerra.
 A Guerra de Porecatu (1944-1951),
 Conhecida também como a Revolta do Quebra Milho.
 Porecatu é terra de interesse e conflito,
 Considerando registros desde 1891,
 Passou por uma sucessão de requerimentos e pedidos de justificação de posses^{xxxvi}.

Os interesses nessa terra roxa e fértil
 Datam de 1881.
 Afloram com o processo de colonização a partir de 1940.
 O requerente: um grileiro.
 Grilo Ribeirão Vermelho.
 Efetuou diversas vendas de lotes na ocasião.
 Na década de 1940,
 O interventor do estado do Paraná,
 Manoel Ribas, ordena
 Que 120 mil hectares de terras devolutivas fossem loteados.
 Terras que pertenciam na época a Porecatu.
 Hoje essas terras fazem parte dos municípios

Centenário do Sul, Miraselva, Florestópolis, Jaguapitã e Guaraci^{xxxvii}.

O objetivo de Manoel Ribas
Era acelerar o desenvolvimento da região.
Os anúncios diziam:
“Doações de lotes de terras de primeira qualidade para a derrubada da mata”.
A promessa era para quem plantasse,
Produzisse e pagasse os impostos
Por seis anos.
E então recebia
O título definitivo da propriedade.

Muitas famílias vieram para a área.
Mas tendo ciência de tal circunstância,
Grandes proprietários vieram ocupar essas terras.
Cabe ressaltar que não somente as terras devolutas foram ocupadas.
Nessa corrida, desordenadas pela ocupação do território,
Muitas terras devidamente escrituradas também foram ocupadas.
Não se sabia quais eram devolutas,
Quais estavam sobre os cuidados do Estado,
Quais estavam em mãos de companhias privadas
Mesmo da Família Lunardelli^{xxxviii}.

O povoamento da região,
Com a chegada dos posseiros,
Seguia uma ordem:
Os primeiros a ocupar as terras eram os chefes de famílias,
Seguido pelos adultos do sexo masculino,
E, por fim,
As mulheres e os filhos menores.
Os chefes das famílias vinham primeiro
Para fazer a derrubada da mata e limpeza do lote para construir os ranchos.
O objetivo era obter a propriedade das terras
E a segurança do trabalho autônomo,
Levando à fartura e ao enriquecimento.

Mas nem tudo são flores.
Preste atenção,
Meu caro herdeiro herói desta nação!

Os grileiros, os famosos falsificadores de documentos, também entraram em ação.
O processo de falsificação de documentos consistia em deixar
Os documentos em gavetas cheias de grilos,
Pois esses insetos produzem e lançam uma substância

Deixando uma cor amarelada nos papéis.
 Nessa falcatrua,
 Os documentos tomavam uma aparência envelhecida.
 Os camponeses analfabetos
 Eram enganados,
 Pois transferiam seus direitos de posse,
 Por acreditar que estariam regularizando a propriedade de suas terras.
 E, em posse dos títulos,
 Os falsários finalizavam sua falcatrua
 Vendendo a terra para empresas de colonização^{xxxix}.

E outra vez
 A terra nos é saqueada.
 Saqueia-se mais do que terra,
 Saqueia-se casa,
 Comida,
 Segurança,
 Trabalho,
 Sonho.
 Saqueia-se novamente
 E novamente
 A terra dessa nação.

No início da ocupação
 Havia diversidade de produção,
 O que proporcionava abundância para as famílias,
 Mas os posseiros almejavam era a produção de café,
 Que na época era extremamente lucrativa no mercado.
 Com a chegada das empresas,
 Os agricultores que ali viviam há tempos,
 Mas não possuíam documentos,
 Foram obrigados a abandonar suas terras,
 Sua casa.

Muitos agricultores foram enganados e despejados.
 Houve uma revolta contra essas empresas,
 Gerando conflito,
 Tendo o governo que intervir com a força policial.
 Conflito que se prolongou por vários anos.

‘Agora ameaçava botar fogo nas casas.
 Os paióis mais afastados foram os primeiros a arder.
 Se encontravam alguma casa vazia,
 De imediato a incendiavam,

Com tudo que estava dentro.’

Seu Joaquim resistia.
 Resistiu até os nervos aguentarem.
 A gota d’água
 Foi o envenenamento do poço
 Com aviso do perigo.
 Foi quando seu Joaquim percebeu
 Que o cerco se apertava.
 Diante das súplicas da mulher e dos filhos,
 Resolveu seguir o caminho da maior parte dos companheiros:
 Abandonou o emprego e foi embora.
 No dia seguinte a sua despedida,
 Antes mesmo que o substituto chegasse,
 A sede da fazenda,
 A tulha,
 O chiqueiro,
 O galinheiro,
 Foi tudo reduzido a cinzas durante a madrugada.
 O que aconteceu a seu Joaquim,
 Acontecia em toda a região conflagrada,
 De um e outro lado,
 Onde os lotes foram disputados ferozmente,
 Com resistências,
 Fugas e
 Mortes^{x1}.

Toda essa manipulação,
 Manobra,
 Não é uma ocasião isolada
 Pertencente a essa terra roxa.
 Essa é a história desta nação.
 Uma herança de invasão.
 Falsária.
 Violenta.
 Sangrenta.
 Essa é a herança que esta nação deixa ao seu povo.
 Luta.
 Resistência.
 Existência.
 Marcha.
 Vigília.
 Ocupação.

...

Herdando essa herança,
 O que nos resta?
 Organizar-se!
 Movimentar-se!

...

Tomando essa herança para si,
 Os camponeses se organizam
 E temos, então,
 Os movimentos sociais.
 Que assumem um importante papel
 Não só na luta pelo direito ao acesso e permanência na terra,
 Mas no processo de crescimento pessoal do indivíduo,
 Quebrando a lógica capitalista implantada pelos ruralistas na política.

Nessa terra de conflito
 A Guerrilha de Porecatu,
 Coloca o Partido Comunista Brasileiro no cenário,
 Frente à pressão realizada pela polícia,
 Fazendeiros e
 Jagunços,
 O partido interfere no conflito
 Buscando solucioná-lo por meios legais.
 Risos...

Sem muito sucesso.
 Os posseiros aprenderam estratégias de guerra.
 Organizados, realizavam suas reuniões nas estradas,
 Suas orientações eram repassadas e efetivadas
 Via paradas de caminhões^{xli}.

A repressão ao movimento de luta ocorreu.
 Houve situações de assédio físico e moral,
 Uso de dinamites,
 Emboscadas,
 Queima de casas e espaços públicos como escolas,
 Além de envenenamento de poços,
 Porecatu
 Vivenciou dias de tensão intensa.
 “Os jagunços das famílias latifundiárias,
 Com uso de cães de guarda da polícia,
 Realizavam estupros e Assassinatos
 Entre tantas outras violações dos direitos^{xlii}.

Frente a toda essa resistência,
 Violência,
 Violência
 E mais violência.

O governador Moisés Lupion age.
 Negocia com as lideranças dos “rebeldes”,
 Na busca por apaziguar os ânimos.

A luta torna-se consistente.
 Pouco a pouco
 Um futuro se vislumbra,
 Mas...
 Sempre há um “mas”.
 Alguns líderes da luta,
 Dissimulam suas intenções,
 Obtendo benefício próprio.

A guerrilha de Porecatu
 Retrata um período sombrio dessa terra roxa e fértil.
 Houve mais de uma expedição militar para o conflito.
 Houve manifestações,
 Manifestos de líderes de camponeses.

Houve diferentes intervenções
 De diferentes personalidades.
 Capitães e comandantes
 Foram mandados ao local na tentativa de findar o conflito.
 Falharam.
 Houve espionagem.
 Sequestro.
 Resgate de fugitivos.
 Inquéritos e mais inquéritos.
 Queda de líderes.

E, mesmo frente a todos esses acontecimentos,
 Que banham de sangue essa terra e o Rio Parapanema,
 Boatos.

Boatos contam que os jagunços,
 Após negociação de compra,
 Matavam e jogavam os posseiros no rio.

Então,
 No dia 23 de maio de 1953,

O Juiz Rafael Ratelli
 Reduziu todo o incidente a uma lista de 12 indiciados,
 Todos foragidos.
 Citados em edital,
 Foi nomeado um defensor para defesa prévia das acusações de atentado,
 Contra a estrutura e segurança do Estado,
 Contra a ordem política e social.
 Todo o manuscrito do processo conta com 177 linhas.
 Com uma consideração final
 O juiz julga procedente a denúncia contra todos aqueles indiciados.

Silêncio.
 Silêncio.
 Indignação.
 Revolta.
 Dor.
 Perda.

Porecatu.
 História sangrenta escondida em sua terra roxa.
 Porecatu.
 Guarda muitos segredos,
 Muitos mistérios.
 Muito sangue.

Não há concordância do que houve nessa terra
 Foi guerrilha?
 Foi revolta?
 Foi conflito?
 Foi rebeldia?
 Não há consenso entre os historiados e sociólogos^{xliii}.

É possível
 Que culturalmente,
 Para sociedade porecatuense,
 A Guerrilha de Porecatu ou a Revolta de Porecatu,
 Seja algo
 Distante,
 Distorcido,
 Inexistente.
 A Guerrilha de Porecatu ou a Revolta de Porecatu,
 Em um contexto histórico,
 Parece estar distante na visão da sociedade,
 Há indícios de que muitos a desconhecem.

Há aqueles que conhecem e se calam^{xliv}.

E há outros que calam.

Mas a vida deixa rastro,
Que não esconde a história que narra.

No horizonte, para quem atento está,
Se vê
A Usina Central do Paraná^{xlv}.



Ela ainda marca território
Todos os dias
Às três da tarde
a Usina toca um sino
Como quem diz:
Ainda estou aqui.

No trevo do município,
Outra marca.
Para muitos, uma homenagem ao cortador de cana-de-açúcar.
Para outros, o retrato da uma vida sofrida^{xlvi}.





Canto VII - O Acampamento

Juntos^{xlvi},
 Um a um,
 Uma a uma,
 O acampamento surge no horizonte das terras de Porecatu.

15 anos após a ocupação,^{xlvi}
 O acampamento permanece de pé.
 Já não há mais tantas lonas pretas.
 Estas foram ocupadas pelas pequenas construções de madeira, latão e lona.
 Já não se lava mais roupa na mina.
 Já não se precisa mais de lamparina.

Já foram tantas idas e vindas.
 De 36 famílias,
 Chegou-se a 800 famílias em 2017.
 Mas a luta é contínua
 E por isso cansativa.
 Hoje, em 2019, conta com cerca de 250 famílias cadastradas.

“As dificuldades foram muitas
 Por na área prevalecer o cultivo de cana de açúcar,
 Produzir alimentos parecia impossível naquela terra
 Saturada.
 Devido ao longo período de cultivo de cana de cana de açúcar,
 O intensivo uso de agrotóxico
 Produzia outra coisa:
 Apenas produzia
 E a terra matava.”^{xlix}

Houve conflito com a polícia da cidade vizinha.
 Há um auxílio ínfimo das cidades em torno:
 Porecatu e Florestópolis.
 Essas famílias que migram de Maringá, Ponta Grossa, Paiçandu, Londrina, Curitiba e
 Interior de São Paulo,
 Sobrevivem por si mesmas.
 Sobrevivem da agricultura diversificada que produzem.

Agricultura que alimenta não somente elas,
 Agricultura que chega a nossas mesas.
 Não são os grandes proprietários de terras
 Que levam alimento a nossas casas.
 São os pequenos produtores.
 Eles são a base de uma nação soberana,
 De uma nação com comida de verdade.

Cada acampado, ao se cadastrar, solicita um lote de 2,8 alqueires.
 A média é feita pela quantidade de cadastro *versus* a quantidade de área ocupada.
 No momento, essa porção de terra mantém as famílias.
 Muitos também têm outros afazeres.
 Essa porcentagem por ora mantém cada acampado com sua porção de terra.
 Mas, como a partir dos 18 anos é possível fazer cadastro,
 Pode em algum momento,
 Não haver porção de terra para todos.

2,8 alqueires para plantar.
 Para ter uma renda, se faz uso de monocultura.
 Mas não há exploração irresponsável da terra.
 Na desapropriação,
 Queremos agroecologia.
 Faremos agroecologia.

Quintais vivos.
 Todo mundo tem horta.
 Um pé de fruta.
 Os animais, a galinha, o porco.
 As famílias que estão aqui inseridas precisam ter essa organização.

Temos ainda as quartinhas:
 Um lote de 30m por 3m,
 Para produção de agricultura diversa e saudável,
 Que serve
 A nossa mesa e a de vocês.
 Mandioca, abóbora, milho, quiabo, feijão,
 Hortaliças.

Cada acampado
 Contribui com a organicidade da comunidade.
 É assim que o Acampamento se forma
 E se mantém,
 Mesmo sendo cada um criado com seus princípios.
 Afinal, cada um é de um lugar diferente,
 Cada qual com suas próprias opiniões.
 Todos sabem,
 Cada um é um ser coletivo,
 Pautado por uma ideologia,
 Que os fazem caminhar juntos
 Numa luta comum.

No coletivo
 A comunidade floresce,
 Se estabelece,
 Se mantém.
 Hoje em seus barracos
 Há água e luz.
 Toda a estrutura,
 Que hoje proporciona certa comodidade.
 É decisão nossa,
 Trabalho nosso,
 Contribuição nossa.
 Ninguém abriu uma rua para nós.

Durante a pandemia
 Passamos por um período de seca.
 Nessas reuniões,
 Nessa auto-organização,
 Na coletividade,
 Furar um poço artesiano
 Foi a decisão do coletivo.
 Todos contribuíram com um valor para que fosse possível furar.
 Todas as famílias contribuem com 10 reais mensais,
 Uma ajuda de custo
 Para que um acampado faça a manutenção.
 Ligar e desligar a bomba
 Na alternância.

Antes do poço havia uma roda de água em mina que levava água para nossos barracos,
 Mas o período de seca dificultou.
 Então, buscando melhoria
 E preservação,
 Furamos o poço,
 E voltamos a ter água para a nação.

A energia
 Chegou para a escola em dois mil e quatorze.
 Foi uma grande conquista.
 Em auto-organização
 Decidimos que queríamos essa melhoria.
 Todos contribuíram com um valor.
 Um transformador foi comprado
 E hoje temos energia em nosso barraco.
 O valor consumido mensalmente
 É dividido igualmente entre as 250 famílias.

Todos pagam igualmente.

É no coletivo que o Movimento verdadeiramente acontece,
Que se fortalece.

Nesta terra roxa
De disputa,
De guerrilha,
De passado esquecido,
De mortes,
De invasões,
De terra vermelha de sangue,
O Herói
Ou
O Vilão,
Como queira chamar,
Constrói uma vida digna
Uma vida de luta
Feliz!
...



Canto VIII - A Organicidade

A luta não é desorganizada.
 O movimento não nasceu da noite 'pro' dia.
 O movimento é reflexo de duras lutas.
 O movimento é um organismo vivo
 E, como tal,
 Está sempre sujeito a falhas.
 A mudança faz parte.
 O que torna o MST tão gigante
 É justamente crescer e florescer na coletividade
 E para isso necessita de uma organicidade.

Ao fazer seu cadastro na secretaria do Acampamento
 Haverá um prazo para se estabelecer
 Construir seu barraco.
 Feito seu barraco, a família fará parte da organicidade do Acampamento.
 Seja um morador, seja um finalista.

Morador reside no acampamento,
 Que está no dia a dia da comunidade.
 Estão sempre em processo de auto-organização,
 Realizando suas tarefas nas comunidades,
 Porque 'a gente fala' que é um trabalho voluntário de todos nós.
 Nós moramos aqui,
 Nós temos que cuidar.
 É dever de todos cuidar dessa comunidade.

O finalista reside em áreas urbanas.
 Foi decidido junto com as famílias que poderíamos ter os finalistas.
 São pessoas que precisam trabalhar,
 E querem estar vinculadas ao MST.
 Que vêm aos finais de semana
 Para colaborar com essa organicidade,
 Que os moradores mantêm durante toda a semana.
 Ao final do mês há uma reunião com os moradores
 Para passar toda a organização da comunidade.

Essa organização
 Que se espalha,
 Que cresce no entre,
 Nas margens,

Ocupa,
 Faz ver a distância,
 Aquela imensidão de lonas pretas,
 Barracos improvisados,
 Mas organizados,
 A bandeira vermelha
 Desbotada do sol,
 Empoeirada,
 Que faz com que o Acampamento
 Seja produtor de esperança,
 Realidades,
 Alegrias,
 Lutas,
 Paz.
 ...

Ao chegar no Acampamento, logo é inserido em um núcleo de base.
 O que é esse núcleo de base?
 O núcleo de base é composto por dez famílias cadastradas.
 Cada núcleo de base é composto por um coordenador e uma coordenadora.
 Sempre haverá um homem e uma mulher.
 É uma questão de gênero mesmo.
 A luta é de todos e todas
 Sem exclusão.
 Não é só de homem.
 As mulheres também são camponesas,
 São produtoras rurais.

O Acampamento conta com catorze Núcleos de Base.
 Dez famílias o compõem,
 Distribuídas em diferentes frentes de atuação,
 Cada um auxilia um núcleo setorial diferente
 E também contribui com os afazeres cotidianos.

No Núcleo de Base
 Há coordenadores e coordenadoras
 Que juntos compõem a coordenação do Acampamento.
 O que é essa coordenação?
 É o cuidado com o Acampamento.
 É a manutenção
 Dessa organicidade.

Aos sábados, às 9h da manhã,
 Todos os coordenadores se reúnem

Para olhar para o Acampamento.
 Nesse momento de encontro,
 Se há um problema na comunidade
 Será discutido para sua resolução.
 Cada coordenador e coordenadora
 Terá a responsabilidade de repassar o que foi decidido.
 Se está faltando água na comunidade,
 A coordenação discute,
 Faz os encaminhamentos,
 Repassa às famílias
 Como arrumarão essa falta de água.
 Toda essa organização é necessária
 Para que possamos cuidar da comunidade
 Em que moramos.
 Precisamos estar organizados
 Para a melhoria de todos.
 Nos fortalecer juntos.

O Núcleo de Coordenação
 Gera a direção coletiva.
 A direção é composta por dirigentes de cada bairro.
 A gente agora está na organização em bairro.
 O que é o bairro?
 São cinquenta famílias mais próximas.
 Meu vizinho!
 Esses cinquenta vizinhos formam o bairro.
 Por quê?
 Porque nós vamos cuidar daquele espaço.
 Nosso Acampamento tem o bairro Flávio Silva
 Com trinta e três famílias.
 Nem sempre o Núcleo de Base está completo,
 Porque no Acampamento o fluxo de pessoas chegando e saindo é grande.
 Cada bairro tem uma direção.
 Quem são os dirigentes?
 Nem 'os', nem 'as'.
 Sempre um homem e uma mulher.
 Os dirigentes de cada bairro,
 Que também fazem parte da direção coletiva.

Com 250 famílias cadastradas
 Se forma nossa organicidade.
 Somos quatro bairros:
 Flávio Silva,
 Marli Batista,

Ludmila Pablo e
 Antônio Tavares.
 Todos os nomes são nomes da luta,
 Nomes que nos representam,
 Que dizem da nossa labuta,
 Nossa dor,
 Nossa perda,
 Nossa esperança,
 Nossa história,
 Nossa luta.

...

O Bairro 'um'
 Começa na entrada do acampamento,
 Que é o Flávio Silva.
 Flávio Silva foi um homem que morou em Quedas do Iguaçu e foi
 Morto pelos pistoleiros,
 Por ser da frente,
 Da direção.
 É uma homenagem ao homem que lutou.

...

Bairro 'dois',
 Que pega da escola para baixo, é o
 Ludmila Pablo.
 Mulher guerreira.
 Lutou nas trincheiras contra a burguesia.

Marli Batista,
 Que é o bairro lá em cima,
 O 'três'.
 Foi uma companheira nossa,
 Que morou aqui desde o processo de ocupação
 Faleceu de câncer.
 Quisemos homenageá-la também.

E depois tem o bairro 'quatro',
 Que é o Antônio Tavares.
 Ele morreu na BR em Curitiba,
 Por questões de conflito.

Cada Núcleo de Base
 Com 10 famílias
 Atua em um núcleo setorial.

São núcleos setoriais da saúde, comunicação, educação.
 E a disciplina,
 Que é um dos núcleos mais importantes.
 Pois cuida da segurança.
 Também fazem a escala da guarita.
 Duas famílias de cada Núcleo de Base têm que fazer a guarita.
 Guarita é um espaço que tem na entrada do acampamento.
 É preciso cuidado.
 A guarita cuida de quem entra e quem sai.
 É preciso se identificar,
 Informar o que pretende fazer na comunidade.
 Vivemos numa área de território de conflito e
 Toda segurança para nós
 É essencial.
 Então a disciplina tem essa tarefa.

As reuniões dos núcleos setoriais acontecem aos sábados às 8h da manhã,
 Seguida pela reunião da coordenação,
 Onde cada coordenador e coordenadora apresenta as questões
 Dos Núcleos de Bases.
 Às 14h ocorre as reuniões de bairros ou de Núcleos de Base.
 Caso o assunto extrapole o tempo da reunião,
 Ou que seja algo além da direção e da coordenação,
 Chamamos a assembleia geral
 Para toda a comunidade tomar a decisão.

É necessária uma consistência,
 Uma avaliação.
 Para isso, em todo início de ano
 Há um processo que envolve todas as famílias para esta ação.
 Começa pelo bairro,
 E vai dando continuidade.
 Vai analisar parte por parte,
 Morador por morador.
 ‘Será que fulano tá contribuindo?’
 ‘Não está tirando a guarita?’
 ‘Não está participando das reuniões?’
 É momento de avaliação,
 De todos os envolvidos nessa ação.
 Momento fundamental para que não se perca a coletividade,
 Para que todos possam contribuir
 E fazer florescer um espaço agradável a todos.

Nesse momento de avaliação

São definidos os combinados coletivos.
 Não são regras.
 Combinados coletivos, porque é um combinado de todo mundo.
 Todos decidem fazer juntos.
 Em momento de avaliação,
 Os combinados ajudam a organizar.
 É decisão coletiva.
 É trabalho coletivo.
 ‘Por que não está contribuindo?’

É coletivo!
 É de todos e de todas!

Antes que se diga,
 Foi uma escolha.
 Está vivendo nessas condições por escolha.

Em um país cuja área territorial é de 8.515.759 km²
 “1% dos estabelecimentos rurais detêm 47,5% das terras usadas
 Para produção agropecuária no país dos estabelecimentos rurais.
 Somos a maior concentração fundiária do mundo.
 Propriedades com até 10 hectares
 Representam 47% das propriedades rurais do país,
 Ocupando
 Menos.

Menos de 2,3% da área rural total”ⁱⁱ
 Como foi uma escolha viver em um acampamento?
 Parece que essa é a escolha que resta.
 É a escolha da sobrevivência,
 Da comida no prato,
 Do teto sobre as cabeças.
 A luta não é uma escolha,
 É uma obrigação,
 Porque fomos saqueados
 Jogados às margens
 E ainda querem que lá fiquemos.
 Nos culpam de invasores,
 Mas estamos ocupando um território de todos.
 Essa terra, se tem dono,
 Esse dono
 Deveria ser os povos originários.
 Herança?
 Não.
 Nesta terra

A herança é disputa, massacre, escravidão.
Ninguém herda terra nessa nação^{lii}.



Canto IX - Os Setores e os Coletivos

A organicidade
É viva.
É feita de gente
Para gente.
Nos dividimos
Para que possamos
Cuidar de tudo
E de todos.

Mulheres
Camponesas
Ocupam essa geografia perdida,
Ocupam espaço importante.
A luta de todos e de todas.
Então,
O coletivo de mulheres
Ocupa
O espaço de formação com as companheiras.
É preciso tratar a questão de gênero.
Nas comunidades ainda é forte
A questão do machismo.
Conscientizar é preciso
Para transformar.
E, para transformar,
É preciso estudo.

O MST acredita
Que a ferramenta para transformar o ser humano
Inserido na luta
É o estudo,
A constante formação.

E, falando em transformação,
O coletivo da juventude
É importante para pensarmos o futuro.
Como esse jovem se vê na comunidade?
Queremos que a nossa juventude
Se reconheça no campo,
Que não saia do campo para ir para a cidade.
Para isso,
Precisamos que a juventude
Seja ouvida
E tenha voz.

Nem só de pão e luta
Vive o homem:

Cultura é importante.
O coletivo de cultura e comunicação
Se preocupa com o lazer.

Pensa
Como proporcionar atividades
Para que possamos
Confraternizar,
Estar juntos,
Descansar.

O coletivo
Pensa,
Propõe
E a comunidade aprova ou não.
O bingo é uma atividade
Dos coletivos de mulheres e cultura e comunicação.
Aos sábados cada bairro fica responsável por organizar o bingo
Que também é uma forma de arrecadação,
Para que possamos viajar
E manter uma formação do MST.

A vida em comunidade
Molda o Sem Terra coletivo.
É preciso fazer parte.
É preciso estar junto.
É preciso.
Preciso para sobreviver.
A luta é cansativa.

Para manter vivo o acampamento,
Nosso herói
Ou
Vilão
Tem os núcleos setoriais,
Que são também desenvolvidos na organicidade escolar.
Os setores, junto com as reuniões com os coletivos,
Fazem do Movimento
Um ato político, ético e estético.
Uma sociedade organizada.
Uma sociedade na luta.

Nessa vida coletiva
A saúde é questão primordial.
O setor da saúde está inserido nos núcleos de bases.
Esse setor busca
Melhoria de vida da comunidade
Com campanhas de dengue e do outubro rosa.
Como está a nossa saúde?

Setor de disciplina,
 Setor essencial para a comunidade,
 Para o movimento,
 Pois é
 Responsável pela segurança da comunidade.
 Também há disciplinas
 Nos eventos, festas, marchas, manifestações.
 Como você sabe que estão lá?
 Coletes vermelhos.
 Estes são
 Disciplinas estaduais e federais.
 Na comunidade
 A disciplina vai pensar quais ações são necessárias para melhorar a segurança.
 Também é responsável por organizar as escolas das guaritas,
 Atividade obrigatória para todo acampado.

Pouco a pouco
 Busca-se uma vida cômoda.
 A labuta judia.
 E, para que possamos nos desenvolver,
 O setor da infraestrutura
 Cuida de toda essa questão da estrutura da comunidade.
 Cuidado com a escola,
 Cuidado dos espaços coletivos,
 Cuidado com a encarnação da água.

Nossa luta
 É para viver da terra
 E queremos na terra produzir.
 Então,
 O setor de produção
 É importante para essa questão de divisão de terra.
 Está acompanhando se todos cadastrados têm terra,
 Se eles estão plantando nas quartinhas,
 Pois esse é o combinado:
 Que todos tenham esse espaço para produzir alimento saudável.

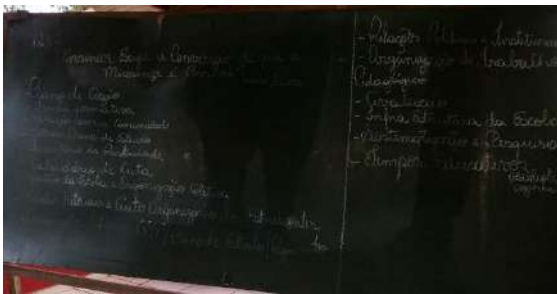
Os setores esporte, cultura e lazer
 Não estão ativos,
 Mas essa é uma preocupação da comunidade.
 ‘Buscamos pela ativação deste setor.
 Acreditamos que educação, esporte e cultura
 Também são alimentos’.

Tudo é coletivo,
 Todos estão na labuta.
 A luta exige
 Organização
 E dinheiro.
 Então sempre há eventos para arrecadar dinheiro.

Para desenvolver uma ação no acampamento,
 Para viajar,
 Para doar.
 E quem cuida?
 O setor de finanças.

Buscamos transformação,
 Acreditamos que só podemos transformar
 Com educação.
 Então,
 O setor de educação,
 Não é composto pelos educadores e educadoras,
 Mas gente da comunidade,
 Cujas responsabilidades é cuidar
 Da infância dentro da comunidade.
 Será que há violência contra a criança?
 Será que há exploração?
 E a alfabetização de jovens e adultos, como está?

Essa é a organicidade
 Que mantém as engrenagens
 A todo vapor,
 Que faz com que a vida seja mais leve,
 Que nos coloca em ação,
 Em luta,
 Em coletivo.
 Essa organicidade.
 É local,
 Estadual,
 Nacional^{liiii}.



Canto X - A Educação

“Escola Itinerante,
Um marco na história,
Poder estudar nela
Para nós é uma vitória^{liv.}.”

Essa narrativa,
Que trata do herói ou do vilão,
Assume que a luta pela Reforma Agrária
Não é somente
O direito à terra,
A conquista da terra,
A permanência da terra,
Pois, a vida pede mais.
Então, a luta é mais...

Se acreditamos que a Educação provoca transformação
É preciso pensar
Na nossa educação.
Que educação queremos?
Que educação deve ser dada ao nosso futuro?
São pautas
Levantadas na luta
Que coloca uma escola em cena.
Mas que escola?

A Escola Itinerante,
Como o próprio nome sugere,
É uma escola que se move,
Que se movimenta,
Que marcha.
Movimento,
Essa é a natureza pedagógica da escola itinerante.
Escola que nasce no seio das ocupações.
Escola que nasce para ir à luta com punho erguido.
Escola que se movimenta junto com seu povo.
Escola que movimenta seu povo.
Escola que transforma.
Escola que acolhe.
Escola que (se) movimenta.

A escola itinerante nasce da necessidade
De garantir uma educação pública gratuita e de qualidade
Para as crianças, jovens e adultos que residem nos acampamentos do MST.

Escola de luta.
Escola de resistência.
Escola de trabalho.
Escola de coletividade.
Escola de marcha.
Escola de itinerâncias.

“[...] além da luta pela terra,
O MST agrega outras lutas.
Uma delas é o acesso dos militantes à educação formal e não formal.

Nesse sentido,
O Movimento entende que é necessário, no processo de educação formal:
Alfabetização de jovens e adultos;
Construção de salas de aulas nos assentamentos,
Próximo deles e nos acampamentos;
Escola pública gratuita;
Cursos de nível superior;
Valorização dos professores do meio rural;
Capacitação e formação profissional dos trabalhadores;
Formação continuada para professores das escolas de áreas de Reforma Agrária;
Diretriz nacional para implantação/legalização das escolas dos acampamentos^{lv}.”

A reforma agrária não é uma luta isolada pelo direito e permanência da terra.
A reforma agrária é uma luta constante por vidas.
Uma vida digna,
Com teto sobre nossas cabeças,
Com comida no prato,
Com acesso à educação, saúde, cultura e lazer.
Ao ter essa compreensão da luta,
O MST busca por uma escola que acolha seu povo,
Uma escola que se alinhe a sua condição de itinerância.

“A educação das crianças, jovens e adultos das famílias acampadas
Acontecia em escolas urbanas ou rurais da região.
Porém, muitas complicações atravessavam esse movimentar-se,
Pois as escolas eram distantes dos acampamentos,
As famílias e os educandos lidavam com longos e difíceis caminhos e,
Também, estavam expostos a práticas discriminatórias,
Por serem Sem Terra,
Por pertencerem ao MST^{lvi}.

Algo complexo.
 O acampamento necessita de uma escola.
 Como construir uma que (se) movimenta?
 Como acompanhar essa condição de itinerância de um acampamento,
 Seja pelas mudanças que podem ocorrer no processo de reorganização das famílias nos
 territórios para reivindicação da Reforma Agrária Popular ou
 Pelas ações de despejos dos trabalhadores dos territórios ocupados?
 Afinal, despejos organizados pelo
 “Estado, em parceria com a classe latifundiária,
 Ora, por somente esta última, mediante uma ineficiência amiga do Estado,
 Em tratar questões constitucionais do direito à terra e de prevenção e punição de ações de
 violência aos militantes sociais e seus dirigentes^{lvii}.”
 São realidades duras e cruéis que o acampado vivencia em toda sua existência.
 E, portanto,
 A escola também está sujeita ao despejo.
 A itinerância por si só já se apresenta como uma dificuldade,
 Mas há de se considerar um outro agravante da itinerância,
 Os educandos, ao mudar de uma escola para outra no decorrer do ano letivo,
 Podem provocar o agravamento das discriminações sofridas por outros estudantes,
 Pois estes, aos olhos da população local,
 Entendem que aqueles acabaram de *invadir* uma propriedade dali.

É preciso lembrar,
 Marcar,
 “[...] destacar que uma parcela considerável dos trabalhadores Sem Terra,
 Que iniciaram as ações de cidadania organizada para o controle social da terra
 No âmbito do MST,
 Era de pessoas de pouca ou nenhuma escolarização.
 Essa condição - comum ao povo do campo - para quem a educação foi negada por séculos e,
 quando concedida, foi ofertada de forma precária e alheia à realidade rural^{lviii}.”

A educação
 Vem
 Carregada de necessidade,
 De possibilidade,
 De sonho.

Primeiro, garantiu educação.
 Depois,
 Frente às adversidades,
 Realidades,
 O MST
 Anseia
 Por uma educação emancipatória.

Precisa ser pé no chão.
 Precisa ser punho erguido.
 Precisa ser resistência.
 Precisa ser segurança.
 Precisa ser luta.
 Precisa ser o que seu povo clama.
 Precisa ser itinerante.
 Precisa ser movimento,

O MST, então, busca pela incorporação de uma proposta pedagógica específica,
 Não quer uma escola qualquer.
 Nem se tentasse poderia ter uma escola qualquer.
 Nem se quisesse seria uma escola qualquer.
 Nem que agisse como uma escola qualquer seria uma escola qualquer.
 Estamos construindo uma escola sob condições em que o adjetivo “qualquer”
 É suprimido por toda sua resistência.
 Uma escola de acampamento é resistência desde sua gênese.
 Não foi fácil e não é fácil a constituição de uma escola que (se) movimenta.

Todavia, nem tudo são flores.
 Compreender a necessidade é uma coisa,
 Outra é colocar em prática.
 Como implementar uma escola?
 Como dar mobilidade a essa escola?
 Uma escola que (se) movimenta?
 Nem todos aceitaram.
 Havia medo que a escola atrapalhasse.
 Adivinha o quê?
 O deslocamento.
 A itinerância.
 Não somente pela questão de deslocamento geográfico,
 Mas o deslocamento da luta,
 Pois as famílias poderiam se sentir mais “presas”
 E, assim, não estariam mais tão presentes nas mobilizações^{lix}.
 Como fazer acontecer uma escola no acampamento?
 Como fazer uma escola caminhar?
 E, toda a questão burocrática e as documentações?
 Muitas questões estavam à solta.
 “Alguns achavam que tinha que ser uma escola ambulante,
 Porque o acampamento não parava num só lugar.
 Outros sugeriram viajante.
 O processo foi de ambulante, viajante, andante, até chegar à
 Escola Itinerante^{lix}.”
 A escola vai se movimentando e se materializando.

Para o movimento,
 “A escola é um mecanismo de transmissão do saber acumulado pela sociedade
 Ao longo da história,
 Bem como da formação da consciência dos indivíduos^{lxi}”.

Entre tantos movimentos,
 As soluções foram dando espaço para a constituição.
 Para resolver as questões burocráticas,
 A solução dada foi manter concentrada em uma escola fixa toda a documentação
 Dos alunos, funcionários e da escola.
 Para isso,
 Necessitava de uma escola localizada em um assentamento,
 Já que esta não está sob o risco de alguma ação que levasse
 A danos ou perdas dessa documentação.
 Nasce a escola base.
 A mesma é responsável por toda a documentação,
 Bem como do repasse da verba recebida dos poderes públicos às escolas itinerantes,
 Considerando cada especificidade e necessidade.

A caminhada foi árdua.
 O processo, complexo.
 A compreensão, difícil.

A primeira experiência de escolas em acampamentos
 Ocorreu em 1982 na Encruzilhada Natalino,
 No noroeste do estado do Rio Grande do Sul,
 Autorizada pela Secretaria de Educação.
 Todavia, a escola só foi legalizada em 1984,
 Quando o acampamento foi transferido para Nova Ronda Alta,
 Para tornar-se assentamento.
 Data que é, inclusive,
 Anterior à criação oficial do MST, em 1984.^{lxii}

Temos, então, o embrião da luta pela educação nos acampamentos^{lxiii}.
 A necessidade de uma educação que valorizasse cada especificidade,
 Inserindo crianças e adolescentes na luta,
 Reconhecendo-os como sujeitos.
 Não é uma escola qualquer.
 É uma escola organizada junto ao MST,
 Pautada em toda sua organicidade.

Toda essa organicidade
 Ganha formato
 Em 1996.

Foi no estado do Rio Grande do Sul,
 Sob o Parecer 1313/96, da Lei Federal nº 5.692/71,
 Cujo artigo 64 a coloca como Experiência Pedagógica,
 Com vigência de dois anos.
 Houve a prorrogação de mais dois anos,
 Ganhou espaço e tornou-se um exemplo para os demais estados.
 Devido à política, a proposta se findou nesse estado pioneiro^{lxiv}.
 Mas a luta não para.
 E a experiência deu base para a proposta de Escola Itinerante do Paraná.
 Uma escola preocupada em
 “Ajudar a formar seres humanos mais plenos
 E que sejam capazes e queiram assumir-se como lutadores,
 Continuando as lutas sociais de que são herdeiros,
 E construtores de novas relações sociais,
 A começar pelos acampamentos e assentamentos onde vivem
 E que são desafiados a tornar espaços de vida humana criadora.
 Para isso,
 É preciso educar as novas gerações de modo a que desenvolvam uma visão de mundo
 Que inclua estes objetivos;
 Crianças e jovens ativos, com iniciativa,
 Multilateralmente desenvolvidos com apropriação de conhecimentos científicos relevantes,
 hábitos sociais e valores de convivência e trabalho coletivo^{lxv}.”
 Quando acontece a ocupação^{lxvi},
 Quando há constituição de um acampamento pelo MST,
 Uma de suas prioridades é a constituição da escola,
 Que é completamente organizada pela comunidade,
 Sendo construída coletivamente.
 E, no desenvolver em seu dia a dia,
 Os trabalhos coletivos se mantêm,
 Seja por meio da preparação da merenda escolar,
 Da limpeza do espaço ou
 Das reformas e ampliações.

“A Escola Itinerante
 É parte da luta dos trabalhadores rurais
 Por uma Educação do Campo,
 Por uma educação que esteja orientada para a formação educacional,
 Que considera os sujeitos como sujeitos de direitos
 E, nesse âmbito,
 Veem no direito à terra um dos direitos humanos fundamentais
 Para uma existência com dignidade.
 O espaço e o tempo da formação escolar são compreendidos
 Como fundamentais para as reflexões e as ações possíveis
 Para orientar novas formas de viver

E de construir a vida individual e coletiva no campo^{lxvii}.”

Herói ou vilão
 Consegue reconhecer?
 No processo de construção de uma Educação do Campo
 É preciso
 Reconhecer o protagonismo do MST^{lxviii}.
 “A Educação do campo, fundamentalmente pela práxis pedagógica
 Dos movimentos sociais,
 Continua e pode ajudar a revigorar a tradição de uma educação emancipatória [...]”^{lxix}.
 Uma escola em movimento.
 Uma escola que movimenta.
 É assim que o embrião da escola itinerante se forma,
 Questões velhas e novas são pensadas e repensadas.
 Parar não é opção.
 Pois a educação que se almeja
 É pautada
 “pelas tensões/contradições que explicita/enfrenta no seu movimento de crítica material ao
 atual estado de coisas^{lxx}.”

As escolas itinerantes
 São constituídas em uma geografia perdida.
 Uma escola itinerante se constitui ao ser atravessada pela realidade de seus educandos,
 As assembleias,
 As ocupações,
 As manifestações,
 O Trabalho.

“Uma escola que vai ao encontro de uma Educação do Campo,
 Lançada ao movimento^{lxxi}.”
 Uma escola que (se) movimenta junto ao acampamento,
 Não somente geograficamente,
 Mas também politicamente.
 Uma escola movimento.
 Uma escola luta.
 Uma escola casa.
 Uma escola mundo.
 “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo^{lxxii}.”
 Uma escola.
 Não qualquer escola.

Canto XI - A Proposta

“Nossa escola anda sempre com o povo.
 Ela tem a itinerância,
 A liberdade de acompanhar as famílias,
 Buscando dar a oportunidade do estudo a todos.
 Alfabetizar as pessoas desde
 O Ensino Infantil, ao Ensino Médio.
 Por isso ela se chama Escola Itinerante,
 Pois anda junto com as famílias acampadas e
 Está vinculada à realidade,
 Aos espaços de luta e resistência^{lxxiii}.”

E é assim
 Que a proposta toma forma no Paraná.
 Oficialmente se deu em 30 de outubro de 2003.
 A primeira escola itinerante foi denominada Chico Mendes,
 Situada junto ao acampamento José Abílio dos Santos,
 No município de Quedas do Iguaçu.
 A regulamentação dessa conquista dos Sem Terras se deu por meio
 Do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE/PR),
 Que aprovou o funcionamento das escolas itinerantes
 Via Parecer nº 1.012, de 8 de dezembro de 2003,
 Da Resolução nº 614, de 17 de fevereiro de 2004,
 Da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR).
 E como experiência pedagógica, em 8 de dezembro de 2004,
 Pelo período de dois anos, sendo renovada por mais três anos,
 Via do Parecer nº 735, de 7 de dezembro de 2005,
 Alcançando a aprovação definitiva do CEE/PR em 2008.

No estado do Paraná^{lxxiv} há nove escolas itinerantes
 Vinculadas ao Colégio Estadual Iraci Salete Strozak,
 Situada no assentamento Marcos Freire,
 No município de Rio Bonito do Iguaçu:
 A escola-base.
 A escola que resolve os problemas de deslocamentos.
 Por que essa escola?
 Por que ela é a escola base?
 “O Colégio Iraci foi escolhido para ser a escola-base
 Das itinerantes por causa da proposta que desenvolve
 E por estar localizado num dos maiores assentamentos da América Latina^{lxxv}.”
 A função da escola é garantir a organização das escolas itinerantes

“[...] responsabilizando-se perante a Secretaria Estadual de Educação do Paraná,
 No que diz respeito às
 Matrículas, transferências, certificação, merenda escolar, fundo rotativo,
 Além da vida funcional dos educadores^{lxxvi}.”

Nove escolas,
 2.500 crianças e jovens
 Estudando no local onde vivem,
 Proporcionando aos educandos gosto pela escola e pelo estudo.
 Será?
 Pode você questionar,
 Mas não os educandos do
 9º ano da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu.
 Nenhum dos 10 alunos
 Gostaria de estudar nas escolas do município.
 Qual o motivo?
 Para alguns,
 Cujas respostas foram ligeiras e abertamente respondidas,
 A resposta foi que
 “Aqui
 Há outra perspectiva,
 Temos um propósito:
 Somos inseridos nesse universo.”
 Para outros,
 Cujas respostas
 Foram pensativas e de cabeça baixa,
 A resposta foi:
 “Aqui estou em casa,
 Não tenho vergonha”^{lxxvii}.
 A proposta já não é mais um sonho.
 É realidade,
 Com seus percalços, é claro,
 Mas, como sempre,
 Estão na luta,
 Construindo um futuro em que acreditam.

Uma escola base,
 E um território extenso,
 Tem dificuldades.
 Ter acesso a documentos e a transferências
 Rapidamente
 Se tornou um problema.
 Então,
 A Escola Estadual do Campo Iraci Salete Strozak,

Que funcionou como escola base de 2013 a 2017,
 Foi descentralizada.
 Escolas base
 Mais próximas
 Foram organizadas,
 Mas surgiram, então,
 Novos conflitos.
 Afinal,
 Essas novas escolas base
 Não são necessariamente,
 Escolas de assentamentos
 Ou Escolas do Campo.
 Podem ser escolas estaduais localizadas no perímetro urbano.
 Estas não têm a mesma Proposta Político Pedagógica,
 Não conhecem a realidade das escolas itinerantes,
 O que provoca dificuldades em seu funcionamento e manutenção.
 “Uma forma do governo afrontar o MST desestruturando aos poucos as Escolas
 Itinerantes^{lxxviii}. ”

A escola itinerante
 Não é qualquer escola.
 A escola itinerante
 Tem um ideal de educação
 Que difere do sistema educacional vigente nesta nação,
 Seja onde for,
 Cidade ou campo,
 Pública ou privada.
 Nesta escola que (se) movimenta,
 Os conteúdos buscam a transformação das pessoas.
 Pode você novamente questionar:
 E esse não seria o objetivo de um currículo?
 O currículo das escolas itinerantes
 Convoca transformações
 No processo de ensino e aprendizagem^{lxxix}.
 O currículo das escolas itinerantes
 Convoca transformações
 Nos processos de ensino e aprendizagem.

 Toda escola convoca transformações!
 Assim se acredita,
 Mas, na prática, como funciona?
 Como as escolas têm quebrado esse ciclo
 Comumente chamado tradicionalista?
 Como escapam dessa avaliação que visa somente o acerto

Sem considerar todo o processo?
 Como nossas escolas estão conseguindo quebrar o padrão de aprovação por pressão?
 Como?

Não é preciso muito para entender que nosso sistema educacional há décadas

Busca por alternativas

Distribuem nas escolas

Computadores,

Que nem sempre atendem às demandas;

Acesso à internet,

Que nem sempre funciona;

Laboratórios móveis,

Que nem sempre estão bem equipados;

E metodologias ativas,

Que nem sempre saem do papel;

E que alunos seriam protagonistas

Apesar do discurso.

A escola ainda é a mesma de décadas atrás.

Não há uma ruptura,

Há uma maquiagem,

Que nunca mascarou a verdadeira face de nossas escolas.

Ela ainda é, em essência, a mesma.

Mas nosso público não.

Nosso público anseia mais.

A escola que (se) movimenta

Luta por mais.

E, nessa ânsia,

Nessa realidade que convoca uma escola pé chão,

Em 2008,

As escolas itinerantes

Convocaram uma proposta de

Ciclos de Formação Humana no Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak

E nas Escolas Itinerantes do Paraná.

“[...] seu currículo organizado em Ciclos de Formação Humana,

Com os quais busca-se contrariar a lógica escolar excludente da seriação,

Pautando a organização do trabalho pedagógico numa perspectiva emancipatória^{lxxx}.”

Ciclo é movimento,

Não nos deixa parados.

É processo,

É relação.

“É agrupar e reagrupar-se para aprender e ensinar.

O currículo por Ciclos de Formação Humana

Vem para renovar os métodos de organização de ensino.

Se a estrutura curricular por Ciclos de Formação Humana nos remete a pensar sobre os sistemas de ensino,

Também nos permite pensar sobre a intervenção didática.

Os Ciclos exigem de nós educadores um novo olhar sobre o sujeito aprendiz

E nos desafiam para novas concepções e métodos de avaliação,

Como, por exemplo, a promoção e não o fracasso dos sujeitos^{lxxxix}.”

Nem tudo são flores.

O processo de implantação foi problemático.

A primeira proposta foi devolvida.

Notas em um sistema de currículo contínuo?

Não é coerente^{lxxxix}.

“Os Ciclos visam a sucessão e não o fracasso dos indivíduos que dele participam.

Eles têm uma dinâmica que, assim como a escola que vive em itinerância,

Está em constante movimentação

E possibilita a relação com a diversidade.

Entende que cada indivíduo é um ser único, que possui suas especificidades

E se desenvolve na relação entre os sujeitos (BORGES, 2017, p. 44)”.

Após muitas instâncias

A proposta foi aprovada

Pelo parecer CEE/PR 117, de 11 de fevereiro de 2010 e da resolução 3922/10.

Nessa proposta,

Tem-se intrínsecas algumas ações.

Por exemplo:

Organização de turmas,

Adoção da área como princípio metodológico,

Avaliação acumulativa com registros em Parecer Descritivo dos resultados,

Conselho de classe participativo,

Tempo e espaço diferenciados.^{lxxxix}

Na Deliberação do Conselho Estadual de Educação do Paraná

Nº 03/06, em seu Art. 20, consta que

“A avaliação deverá ter dimensão formadora,

Com o acompanhamento do processo contínuo de desenvolvimento do aluno

E da apropriação do conhecimento,

Tornando-se suporte para a ação educativa.

§ 1.º - A avaliação dos processos de ensino e de aprendizagem não terá caráter seletivo

E será o indicador da necessidade de intervenção pedagógica.

§ 2.º - Os registros elaborados durante o processo educativo

Deverão conter indicações sobre os diferentes aspectos do desenvolvimento

E da aprendizagem do aluno^{lxxxix}.”

Não há um conceito de notas.
 Isso não implica
 Que não haja avaliações.
 “Todas essas atividades desenvolvidas são arquivadas
 Na pasta de acompanhamento dos alunos e,
 Juntamente com o caderno de acompanhamento onde são feitas 46 anotações
 Acerca do desenvolvimento do educando,
 Norteiam a elaboração dos pareceres descritivos^{lxxxv}.”

Chegar a esse modo de avaliar
 Não foi fácil.
 Hoje ainda não é fácil.
 Afinal seria muito mais fácil ver o estudante como um número.
 Mas estudantes são muito mais que isso.

Como fazer?
 Como olhar?
 Como avaliar?

O Parecer Descritivo é produzido semestralmente e por área.
 Ao fim do primeiro semestre, um parecer parcial é elaborado pelos professores
 A fim de comunicar o desempenho dos alunos às famílias.
 Também inclui uma proposta de ações pedagógicas,
 Visando auxiliar o processo de seu desenvolvimento.
 No fim do segundo semestre,
 Um parecer final é produzido, buscando analisar o desenvolvimento do educando
 Em sua totalidade durante o ano letivo.
 O registro do parecer descritivo é realizado em um documento padronizado, Substituindo os
 boletins com notas escolares.
 “Este registro é resultado do diálogo realizado por cada educador,
 Contendo elementos discutidos na área do conhecimento,
 Com o coletivo dos educadores do ciclo sobre o educando
 E seu desenvolvimento em cada período^{lxxxvi}.”

Podem dizer o que quiserem,
 Que isso é manipulação,
 Que estão privando as crianças,
 Que isso ou aquilo.
 Te convido a outro caminho,
 A deixar de lado
 O herói ou vilão
 E me dizer:
 Gostaria que seu filho estudasse em uma escola assim?
 Gostaria de estudar em uma escola assim?

A escola que (se) movimenta
Busca uma educação que emancipe.
Afinal, esta não é uma escola qualquer
É uma escola da luta.
É uma escola do trabalho.
Logo, a proposta necessita
Da realidade
Vivida,
Sentida.
Só assim
Vão compreender sua luta,
Vão sentir o pulsar do movimento.
A escola itinerante é movimento.
A escola anda lado a lado com o MST.
A escola se move
E, ao movimentar-se,
Coloca educadores, educandos, em movimento.
A escola itinerante é itinerância...

Canto XII - A Constituição

Tudo é tão lindo.
 Será mesmo?
 Tenho certeza de que está pensando sobre isso.
 Como pode perceber,
 A história de nossa escola
 Segue,
 Buscando olhar cada vez mais perto,
 Cada vez mais focada,
 Cada vez mais próxima daquilo que foi seu início.
 É seu sustento.
 Qual sustento?
 Os próprios acampamentos.
 Afinal,
 O que se pensa quando falamos em MST?
 Barracos na beira da estrada invadindo propriedades?
 Para isso conferir,
 Fomos ao Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu
 E, para focar mais,
 Adentramos a Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu.

Em 2008, quando as famílias chegaram aqui,
 Em primeiro de novembro,
 As famílias que aqui estavam na época,
 Em meio a um processo de organicidade,
 Levantaram uma preocupação:
 Como as crianças estudariam?
 Algumas não gostariam que seus filhos fossem para Porecatu.

Por que não?
 Porque na chegada aqui
 A sociedade de Porecatu não tinha bons olhos.
 Porque a mídia torcia,
 Chamava-os de
 Invasores de terra.
 Dizia que roubavam.
 Toda aquela história bem comprida que a mídia repassa sobre o MST.

O grande estigma
 “Herói ou vilão”
 Retorna à questão.

Essa gente ocupa ou invade?
 Faz tudo isso por pura ambição?
 Enfrenta décadas
 De lutas,
 Incertezas,
 Violência
 Por 2 alqueires de terra?
 Sim!
 Por quê?
 Dizia a mídia,
 Para vender depois?
 É preciso sempre mais?

É preciso que estejamos atentos aos discursos propagados
 É preciso entender que todo herói, na verdade, é um mero humano
 E, como tal, está sujeito a falhas.
 Todo herói
 No fundo, também tem seu lado vilão.
 Não é uma defesa desmedida
 De nosso herói ou vilão,
 Como queira.
 É uma convocação
 À reflexão.

Nossas famílias preocupadas,
 Cientes de sua situação,
 Para uns de ocupação
 Para outros de invasão,
 Em uma terra que há muito era disputada,
 Fizeram uma proposta junto à direção do acampamento,
 Juntamente com a coordenação,
 De que gostariam de uma escola itinerante.

Proposta feita.
 Proposta aprovada.
 As medidas foram tomadas.
 O setor de educação estadual
 Veio ao acampamento conversar.
 As famílias pautaram
 A necessidade uma escola,
 Não só pelo histórico,
 Mas também pela formação.
 Uma formação que atendesse à demanda do acampamento.

Foi assim que se deu primeira escola embaixo de um pé de manga.
 Porque naquela época eram essas as condições que as famílias tinham.

Haviam acabado de chegar,

Estavam em organicidade.

O Estado

Não estava ali.

O estado nunca levantara uma estrutura naquele grupo.

“A escola era da comunidade”,

Assim sempre diziam!

Se as primeiras aulas foram debaixo de um pé de manga,

Onde ficava o primeiro quadro?

Era uma lona pregada

Em uma madeira,

Feito pelas famílias.

Isso em 2009.

Inicialmente,

Havia somente os anos iniciais.

Nada de Educação Infantil.

Nada de Ensino Fundamental II.

E quem educava?

O que se educava?

Ora, quem aceitasse o desafio.

Quem aceitasse ser educador.

Por vezes, o educador ainda estava terminando o Ensino Médio.

Com força de vontade,

Determinação e

Dedicação,

Essas pessoas

Garantiram a alfabetização das crianças da comunidade.

O primeiro a aceitar o desafio

Foi o companheiro Jonas.

As aulas

E o planejamento

Eram inspirados e guiados

Por Paulo Freire.

Trabalhava com temas geradores.

A alimentação das crianças

Era realizada ali,

No fogão de lenha no chão,

Pelas famílias.

O tempo passando e as condições
 Seguiam insustentáveis.
 As famílias perceberam que aquele jeito
 Não se sustentava.
 Quando chovia era difícil
 Atender às crianças.
 Mas nem por isso se desistia.
 Até de guarda-chuva elas iam,
 Lá embaixo do pé de manga,
 Para ter aulas
 Com o Professor Jonas.

As famílias,
 Frente a essa demanda,
 Mais uma vez
 Arregaçaram as mangas
 E decidiram construir uma escola.
 Levantaram
 Uma escola de madeirite
 No chão batido.
 Madeirite é barata.
 Era o que dava para fazer.

A escola foi construída em círculo.
 Para a comunidade o círculo
 Representava o girassol.
 O girassol é o símbolo da Educação do Campo,
 Uma educação organizada em ciclos,
 Que abre a possibilidade
 Para crescimento individual
 E coletivo.
 Não é uma panaceia.
 Acreditam
 Que essa formação
 Possibilitará uma educação
 Mais humana, coletiva, saudável.
 Não há excluídos,
 Nem exaltados.
 Estão todos lá,
 Lado a lado.
 Ocupando esse espaço coletivo.
 Construído no coletivo.
 Esse espaço em transformação^{lxxxvii}.



As condições melhoraram
 As crianças e educadores
 Tinham mais conforto,
 Mas o lugar escolhido
 Vertia muita água
 Quando chovia.
 Molhava mais dentro do que fora.
 Caia o caderno no barro
 E as madeiras foram apodrecendo.
 Novamente a comunidade
 Se deparou com uma necessidade
 De pensar o lugar da educação.
 Como melhorar?
 Em unidade,
 Coletividade e
 Organicidade,
 Disseram:
 Vamos colocar piso!

Em 2014
 A comunidade decide
 Construir uma escola em outro espaço.
 Em novo local,
 Mais alto, mais seco,
 A escola foi erguida,
 De madeirite novamente.
 Sabiam que madeirite era um material fraco,
 Mas, de novo, era barato.
 Pouco a pouco
 Melhoraram a estrutura.
 Com dinheiro de cada morador,
 Mão de obra de cada morador.

Hoje, em 2023,
 A estrutura já está melhorada.
 É de madeira
 E está toda pintada.
 O pátio, a cozinha e as salas.
 O piso é de cerâmica.
 A manutenção da escola é feita pela comunidade.
 A limpeza diária também é organizada pelos Núcleos de Base.

O estado hoje contribui
 A Escola tem uma secretária.

Também mandam dinheiro para alimentação.
Ainda assim, comunidade está sempre complementando
Com os produtos da reforma agrária,
Com mandioca,
Abóbora,
E até mesmo carne bovina.

Pouco a pouco
Foram conquistando seu espaço,
Construindo essa linda história.
Seus educadores hoje são formados.
Para atuar nos anos iniciais é preciso ter pedagogia ou magistério.
No seio da comunidade
A escola existe
E se forma
E reforma
E resiste
E (re)existe.
A Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu
É resistência
Em um ato de luta genuíno.

Canto XIII - A Escola

Uma escola.
 Não qualquer escola.
 Uma proposta.
 Um sonho.
 Uma prática.
 Uma luta.
 A Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu
 Tem sua proposta formativa junto aos ciclos de formação humana.
 O círculo
 É uma prática
 Em sala de aula,
 Nos momentos coletivos,
 Porque ele proporciona contato,
 Com todos em igualdade.
 Na sala de aula,
 O educando tem contato com o educador,
 Mas o educador não é superior.
 Em círculo ou semicírculo,
 Educadores e educandos,
 Todos se olham.
 É uma concepção de educação
 Em que todos estão inseridos,
 Que todos têm que estar inseridos em uma forma coletiva de organização.
 Todos são iguais dentro dessa escola.

Afinal,
 “Toda vez que uma escola desconhece ou desrespeita
 A história de seus alunos,
 Toda vez que desvincula da realidade dos que deveriam
 Ser seus sujeitos,
 Não os reconhecendo como tal,
 Ela escolhe ajudar a desenraizar
 E a fixar seus educandos num presente sem laços.
 E se isto acontecer com
 Um grupo social desenraizado ou com raízes muito frágeis,
 Isto quer dizer que estas pessoas estarão perdendo mais uma de suas chances
 (e quem garante que não a última?)
 De serem despertadas para a própria necessidade de voltar a ter raiz, a ter projeto^{lxxxviii}”.
 É preciso luta,
 Resistência,

Existência,
 (Re)existência.
 Acreditar
 E bater o pé.
 É preciso
 Lutar com o que se tem.
 A escola faz isso
 Dia após dia em sua (re)existência.

A escola é conveniada com o Estado
 Para atender o Fundamental II e o Ensino Médio.
 Em 2018,
 O Colégio Estadual Ricardo Lunardelli,
 Situado na zona urbana de Porecatu,
 Passou a ser a nova escola base,
 Dando início a novos problemas.
 A nova escola base não é uma escola do campo.
 Sua Proposta Político Pedagógica é distinta.
 Não (re)conhece a proposta do MST.
 A verba que o governo repassa,
 Como o fundo rotativo,
 É direcionado à escola base.
 Com isso, a escola que (se) movimenta
 Perde autonomia para direcionar conforme sua necessidade.
 A verba repassada por aluno
 Caiu pela metade,
 Pois não é mais uma escola do campo,
 Ainda que esteja no campo.
 Há uma descaracterização essencial da escola
 Nesse processo.
 Ainda assim, a escola
 (Se) movimenta
 E se reinventa.
 A escola é a comunidade
 E a comunidade é a escola.

A escola funciona em dois turnos,
 No período matutino,
 Com as turmas da Educação Infantil,
 Até o 9º ano do Ensino Fundamental,
 Atendendo em torno de 80 educandos.
 O Ensino Médio funciona no período noturno
 Com as turmas do 1º, 2º e 3º ano,
 Com um total de 20 educandos.

A escola possui um quadro formado por 23 educadores,
 Sendo 15 professores em regime de contrato,
 Logo rotativos,
 Os conhecidos PSS (Processo Seletivo Simplificado),
 Incluindo uma pedagoga,
 Que atua junto à coordenação,
 Uma secretária e
 Uma cozinheira.
 5 são os educadores do campo
 Contratados pela ACAP –
 Associação de Cooperação Agrícola da Reforma Agrária.
 3 são educadores QPM – Quadro Próprio do Magistério.

No período matutino,
 As aulas iniciam às 7h45min.
 Com o “tempo formatura”,
 Quando todos se reúnem no pátio da escola.
 E, quando digo todos, me refiro a
 Educandos, educadores, coordenadores,
 Comunidades, funcionários e visitantes.
 Nesse momento, são passados os informes
 Dos educandos, educadores
 E coordenação da escola.

O tempo formatura é um tempo de formação coletiva.
 É o tempo em que se mostra que todos são iguais,
 Que há uma vida coletiva.

Nessa organização,
 Desde a Educação Infantil,
 Cada turma é responsável por mediar o tempo formatura.
 Após o tempo formatura,
 Todos são encaminhados para as salas de aula,
 Onde ficam até às 10h15.
 Quando têm um intervalo de 15 minutos
 E retornam às salas,
 Findando o período de aula ao meio-dia.

O período noturno inicia-se o momento formatura às 18h20.
 As aulas
 Vão das 18h30 até às 22h00.
 Com 15 min de intervalo às 20h45.

Em ambos os períodos,
 Uma vez por semana,
 Ocorre o “tempo mística”,
 Usualmente organizado pelas turmas.
 Turmas que foram organizadas pelo setor de cultura e comunicação da escola.
 Sim, isso mesmo!
 Toda aquela organicidade
 Está dentro da escola.
 O setor de cultura e comunicação
 Tem a responsabilidade
 De organizar o tempo mística,
 Criando um calendário para as turmas,
 Bem como fornecendo temas para serem desenvolvidos
 Conforme o calendário de luta do MST.

O tempo mística
 É um tempo de reflexão
 Em que a cultura do MST é relembrada,
 Marcada,
 Diferenciada.
 Nesse momento,
 Usualmente há uma representação
 Que narra,
 Representa
 E revive
 A história de luta do MST.
 Isso inclui contar a história de massacres experienciados,
 Exaltar personalidades da luta,
 Tocar em pontos importantes para a sociedade como um todo,
 Campanhas solidárias,
 Dia do Autismo,
 Dia da Mulher
 E muito mais.

O tempo mística
 É um soco no estômago,
 Com crianças encenando massacres,
 Por exemplo.
 Para quem é de fora,
 Pode ser um pouco apavorante,
 Mas é a realidade deles.
 Essa é a história deles.
 Essa vida que eles enfrentam junto a suas famílias,
 Que lutam para lhes dar

Comida.
 Cama
 E comida.
 A mística
 É embebida dessa áurea misteriosa
 Onde a repetição
 Busca pela diferença.
 A mística é vida,
 É ânimo,
 É reflexão
 É música,
 É encontro,
 É luta.

Para que todos os educadores possam participar e compreender
 Os tempos educativos da escola itinerante,
 Os horários de aula são fixos para que todos tenham acesso.
 Na quinta-feira, no período matutino,
 E nas terças, no período noturno,
 Acontece o “tempo trabalho”,
 Momento em que os setores irão se reunir
 Para discutir e realizar ações.

Reúnem-se os
 Cada núcleo da educação, saúde, cultura, embelezamento, finanças e agrícola.
 Cada um é composto por educadores e educandos.
 Cada um tem educandos de diferentes de salas,
 Cada um terá educandos desde a Educação Infantil ao Ensino Médio.
 Há uma reunião semanal
 Para decidir uma agenda de trabalho.
 Nesse dia também se iniciam as ações
 Com um coordenador e uma coordenadora.
 Os educandos estão sempre à frente
 Os educadores apenas mediam.

Nesse dia, todos os educadores estão presentes na escola,
 O que proporciona
 Momentos coletivos de trocas,
 Reuniões
 E estudos
 Com o coletivo de educadores.
 Há toda uma organização,
 Um cuidado,
 Para que possam cumprir com proposta de educação^{lxxxix}.

[illegible]

A educanda apropriou do conteúdo Segunda guerra mundial: capitalismo; socialismo movimento operário; revolução cubana, mexicana, chinesa e guerra do Vietnã, apropriou do conteúdo Ditaduras na América Latina, Processo de redemocratização e Neoliberalismo.

Glossário: A educação apresentou uma melhoria significativa neste momento, visto que tem melhorado sua atuação quanto à proposta pedagógica. Tem alguns momentos de brinadeiras com colegas de classe, e isso atrapalha o desenvolvimento da educação, mas tem um problema com faltas que pode ser resolvido. Tem boa relacionamento com o educador e educandos sempre respeitando os limites. Já em sala, paradas atrapalham a mesma, o caderno da educação é organizado e sempre realiza as atividades em sala, realizou o trabalho proposto pelo educador sobre os dados demográficos da Europa desenvolvida com ótimo desempenho, na avaliação obteve ótima resultado com uma melhora muito expressiva em comparação com as outras avaliações, União Europeia, Rússia e Turquia com uma maior participação quanto às aulas. A educação neste momento avaliou, sempre teve uma boa participação a mesma é muito tímida e pouco fala em sala, quase nunca optina o que é de grande importância dentro do contexto das ciências humanas, a mesma sempre realiza as atividades, tarefa em sala e trabalho com ótimo desempenho, tem entendimento de espaço geográfico, não tem qualquer problema com educador e educador, sempre correto e disciplinado. Nas avaliações a educação teve bom desempenho e um grande crescimento do início de ano letivo até sua conclusão, com isso pode-se dizer que a educação apropriou-se dos conteúdos abordados em sala pelo educador, sempre entendendo a didática e metodologia do mesmo, visto a alta complexidade da disciplina a educação teve bom entendimento e pleno desenvolvimento, mas deixou aqui a sugestão de tentar ser mais participativa o que teria grande valia para os próximos anos.

CONTEÚDOS:

CONTEÚDOS:
Os conteúdos trabalhados na disciplina de MATEMÁTICA foram: *Números e Álgebra* (M7, M8).
Regra de 3 composta; resolver situações-problema aplicando regra de três composta. *Funções* (M9)- Noção intuitiva de função; sistema de coordenadas cartesianas; noção de função; função polinomial de 1º grau; gráfico da função polinomial de 1º grau; função polinomial do 2º grau (função quadrática); gráfico da função quadrática; propriedades da função do 2º grau. *Tratamento da informação* (M10, M11)- Noção de Análise Combinatória e Noções de probabilidade: árvore de possibilidades; raciocínio multiplicativo; noção de espaço amostral e noção de chances; noções de análise combinatória- Juros simples e compostos; juros e

NÚCLEO SETORIAL			
16:30 AS 17:00		QUARTA-FEIRA	
EMBELEZAMENTO		AGRÍCOLA	
COORDENADORAS PROFS. JOELMA, KAUANE E ALEXANDRINA		COORDENADORAS PROFS. NATÁLIA FRANCIELE E NATALIENE.	
ISABELY	ED. INF. 4	JOAQUIM	ED. INF. 4
MARIA	ED. INF. 4	VALENTINA	ED. INF. 4
KETHELY	ED. INF. 5	ARTHUR	ED. INF. 5
ESTEVAO	1º ANO	LUCAS	ED. INF. 5
PRISCILA	1º ANO	RAFAELA	1º ANO
DAVI	1º ANO	ADRYAN	1º ANO
HENRIQUE	2º ANO	CRISTHIAN	1º ANO
EMILLY	2º ANO	CLAUDIA AMANDA	2º ANO
FLOISA	2º ANO	JONAS	3º ANO
YOHAN	3º ANO	MARCOS	3º ANO
LARISSA	3º ANO	BRUNO	3º ANO
PEDRO	3º ANO	JOSE	3º ANO
STEFFANY	3º ANO	GUSTAVO	3º ANO
GABRIEL P	4º ANO	GABRIEL R.	4º ANO
		LUIZ	4º ANO

Este núcleo setorial é um dos mais importante na escola, pois será responsável pelo bem estar da coletividade, que se preocupará com diversas questões da vida humana: desde a alimentação, a limpeza e higiene e saúde. Neste núcleo setorial além de executar tarefas práticas de limpeza, se preocupará com o bem estar de todos com uma boa alimentação, com espaços limpos, organizados coletivamente e logo um boa saúde.

a) Contribui na cozinha da escola, ajuda a cortar alimentos para ser preparados pela cozinheiras, ajuda a servir a alimentação escolar, e lavar a louça.

- b) Organiza o processo de limpeza da sala de aula, dos banheiros primando pela higiene coletiva, a distribuição de tarefas.
- c) Se preocupa com o destino adequado do lixo na escola e no acampamento.
- d) Faz campanhas de conscientização sobre a alimentação saudável, contribui na elaboração do cardápio da escola, faz arrecadação de alimentos na comunidade para complemento a alimentação escolar, se atenta para a validade da merenda e enlatados.

- a) Ter uma equipe responsável em atuar na cozinha para contribuir no preparo de alimentos, ajudar a servir a alimentação e levar a louça, esta equipe deverá ter um horário especial que possa ter todos os dias educandos atuando e estes deverão utilizar equipamento como avental e toca conforme padrões da vigilância sanitária.
- b) Ter uma equipe responsável pela limpeza da escola, que coordene o processo nas turmas e que possa de tempo em tempo puxar mutirões de limpeza geral na escola etc.
- c) Ter uma equipe responsável pela coleta do lixo, separação do lixo e destinação correta.
- d) O professor neste núcleo deverá contribuir com conhecimentos de higiene, alimentação saudável, reaproveitamento de alimentos, técnicas de limpeza

**PASTA
DE
ACOMPANHAMENTO
ENSINO MÉDIO
3º ANO**



Canto XIV - Os Professores

A escola é sempre um giro de professor,
Essa é a realidade das escolas desta nação.

No entanto,
Em uma escola cuja realidade
É diferente,
Do que estamos habituados,
É distante,
Da nossa vida,
Da nossa formação,
Uma escola
Para conseguir
Colocar em prática a proposta
Necessita
De permanência,
Presença.

A realidade
Exige um corpo
Que movimente junto
Ser animado
Dedicado
Sabido
É uma constante,
Mas, é necessário
Vivência.
É necessário estar ali,
Todo dia.

Só assim, o professor poderá se apropriar daquilo
Que está tão longe e ao mesmo tempo tão perto.
Só vivendo
Poderá compreender a realidade que o cerca e assim,
Se apropriar das experiências,
Dos conhecimentos e,
Coloca-los em prática na sala de aula.
Só assim é possível
Unir as realidades
E proporcionar
Um aprendizado
Significativo
Aos educandos.

Canto XV - O professor

Luka, o professor,
 Menino novo,
 Recém-formado,
 Gente boa,
 Dedicado,
 Inexperientes,
 Animado,
 Desconhecedor da realidade.

Professor Luka, do ensino fundamental II.

Luka, o professor,
 Que acredita que para ensinar
 Precisa de livro didático.
 Que busca livros nas cidades
 E traz por campo.

Luka, o professor,
 Que se empenha em uma discussão sobre biodiversidade brasileira
 Porque é uma contextualização da realidade vivida.

Luka, o professor
 Que acredita que para avaliar é necessária uma prova escrita.
 É preciso quantificar para depois qualificar?
 A pergunta que fica.

Luka, o professor
 Que não vê o referencial e segue
 O livro didático.
 Que compreende que
 A base curricular
 Está organizada em uma progressão.
 Onde o conceito,
 É apresentado,
 Desenvolvido
 E concluído.
 Que um conteúdo como fração,
 Será desenvolvido gradualmente
 Ao longo dos anos escolares
 E não completamente desenvolvido
 No 6º ano
 E depois, retomado no 8º ano,

Com as frações algébricas.

Luka, o professor
Que não compreende o complexo de estudo,
Que não compreende as articulações sugeridas
Entre a Matemática e outras de conhecimentos.

Luka, o professor
Que se desdobra
Para ensinar Matemática
Conforme o Acampamento necessita
Mas, que também
Precisa reorganizar seu planejamento
Para atender a demanda
Do governo,
Que surge com avaliações externas bimestrais.
Avaliações pensada e formatada para um currículo
Que não é o complexo de estudo do MST.

Luka, o professor
Que acabou de chegar
E talvez,
Ano que vem,
Já não esteja mais aqui.

Luka, o professor
Não é um retrato único.
Na verdade, sua realidade
É a realidade,
De muitos e muitos professores.
Que lida diariamente,
Com a incertezas do futuro,
Com os desmandes dos governos,
Com cada dia é uma surpresa.

Luka, o professor
É um retrato entre tantos.
É representação da força que movimenta a educação,
Que produz fagulhas na escuridão
Que lançam a educação.
É a promessa.

Canto XVI - O Currículo

Uma escola
Uma luta
Um currículo
Qual currículo?

O Plano de Estudo das Escolas Itinerantes.
Material produzido por um coletivo
De Pedagogos,
Professores de Escolas Itinerante,
Especialista de diferentes,
E pelo coletivo de Educação do MST.

É uma proposta pensada para essa realidade?
Sim,
O MST acredita que a Educação é base,
Bem como,
Acredita que sua educação deve fazer sentido,
Deve ser pé no chão,
Tal proposta fica evidente
Quando a própria composição do plano de estudo é viva.

“Inicialmente,
Isso era pensado a partir das ideias de Paulo Freire,
Especialmente os temas geradores,
Depois passou a ser baseado nos estudos e práticas de Moisey Mikhaylovich Pistrak, na
Escola-Comuna da União Soviética^{xc}.”
Não foi simples, construir uma proposta viva.

“No início foram definidos, então, os conteúdos e foram feitos os inventários de algumas escolas itinerantes que traziam dados sobre a escola e seu entorno, para construir o que foi chamado de ‘coluna da vida’, ou seja, havia necessidade de explicitar a materialidade presente no contexto onde as escolas estavam inseridas. [...] Também foi iniciada a elaboração do que se chamou de ‘objetivos formativos’ e ‘objetivos de ensino’. [...] Quando o grupo já tinha os conteúdos, os inventários, a ‘coluna da vida’ e os objetivos formativos e de ensino foi feito um ensaio para articulá-los e explicitar a partir daí categorias da realidade, que seriam indicativos de possíveis complexos de estudo. A princípio foram feitas relações com três grupos de questões, referentes a trabalho, lutas/contradições e formas de organização^{xci}.”

Claro que galgar tal aprovação
Não foi fácil.
É uma proposta que escapa,
Que busca por mais.

Mas, aqui não queremos discutir os tramites legais.

O que é esse plano de estudo?

“Por plano de estudos deve-se entender o conjunto de decisões que fornece ao educadores elementos para definir a amplitude e profundidade dos conteúdos a serem ensinados, os objetivos tanto de caráter formativo como de ensino, as expectativas de desenvolvimento, as indicações das relações que tais conteúdos e objetivos tem com a vida cotidiana dos estudantes, bem como orientações metodológicas gerais que conduzam a uma organização da escola e do ensino com significado para os estudantes do campo^{xcii}.”

Sendo orientação para os professores do 6º ano ao 9º ano.

“Mais do que orientações metodológicas para o educador, o presente plano de estudos pretende indicar uma nova forma escolar, uma nova forma de organização do trabalho da escola que permita o desenvolvimento de estudantes com capacidade de auto-organização, conscientes de seu tempo, cientes de seus compromissos com um mundo cada vez mais complexo; um mundo no qual é preciso ser ao mesmo tempo um lutador e um construtor de uma nova realidade mais justa, mais democrática e participativa^{xciii}.”

A proposta busca escapes

De uma educação bancária

De uma educação pautada na transmissão.

Qual sua intenção?

“Ajudar a formar seres humanos mais plenos e que sejam capazes e queiram assumir-se como lutadores, continuando as lutas sociais de que são herdeiros, e construtores de novas relações sociais, a começar pelos acampamentos e assentamentos onde vivem e que são desafiados a tornar espaços de vida humana criadora^{xciv}.”

Ou seja,

A luta social,

O trabalho,

A organização coletiva,

A história e

A cultura

São bases formativas imprescindíveis,

Para que os processos de formação humana sejam alcançados.

Como fica?

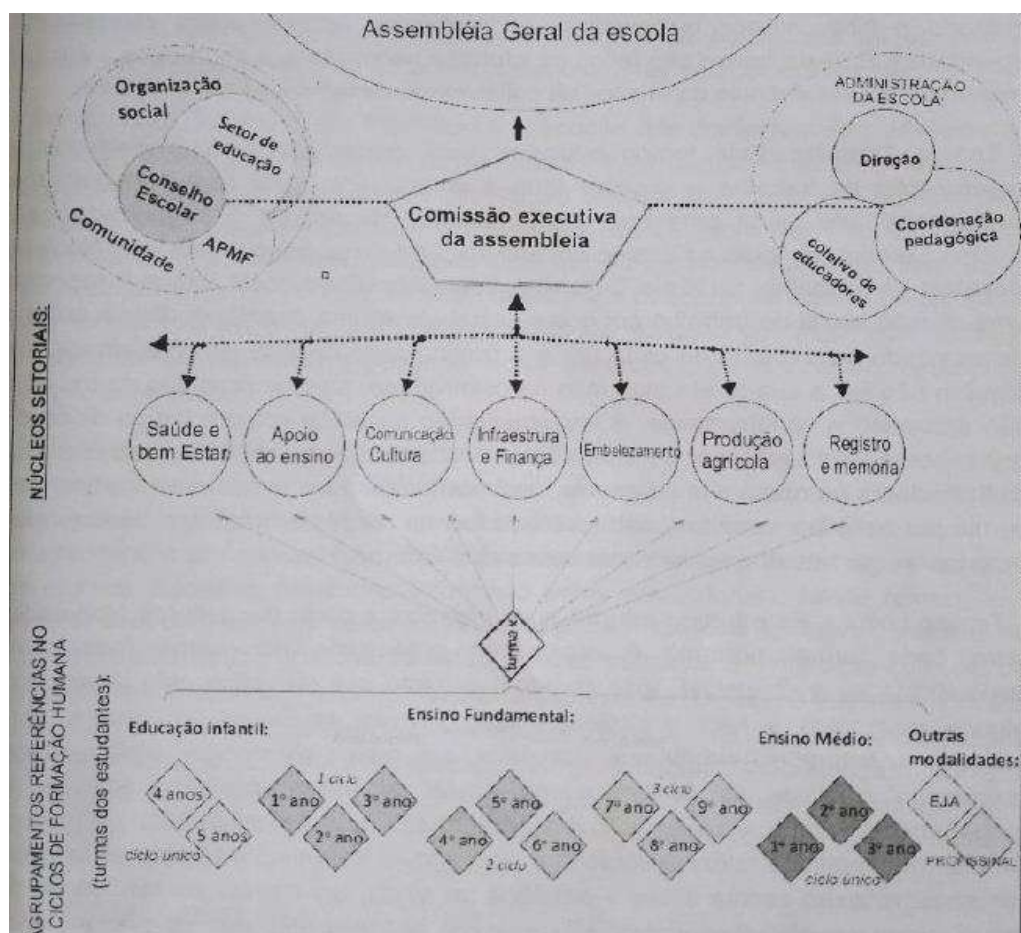
Como é organizado?

Tudo está entrelaçado

Pelas Matrizes Pedagógicas^{xcv}



É sobre aquela organicidade
Do Acampamento,
Temos também,
A organicidade
Da Escola,
Auto-organização política dos educandos^{xvii}.



“Cabe ressaltar que o material apresenta os complexos
 A metodologia adotada propõe focos a serem observados
 Por todas as disciplinas conectadas a estes.
 Deu-se o nome de “complexo” a cada um destes focos que representam
 “porções da realidade” a serem explicadas por diversas disciplinas^{xcvii}.”

O complexo
 É a união teoria e prática
 É a possibilidade de compreensão
 Tomada uma porção da realidade
 Do mundo
 No qual o estudante está inserido.

Cada disciplina está associada uma porção da realidade.
 E essas escolhas,
 Porque essas e não outras?
 E os conhecimentos populares, estão contemplados?
 Essas questões não estão pautadas somente
 Pelo desejo
 Pela coerência
 Pela plausibilidade
 Mas,
 Por uma relação de forças.
 Não é processo natural,
 Cada escolha,
 Cada conteúdo associado a determinada porção da realidade
 Está estritamente
 Entranhada
 Numa complexa rede de forças que se atiram constantemente.
 Herói ou vilão?

Canto XVII - A Matemática

A Matemática,
A tão distante e,
Fria disciplina,
Ou
A Matemática,
Tão aplicável e
Viva disciplina,
Podemos nos perguntar?

A matemática
É sempre um dilema,
Porém, não queremos pautar essa discussão,
Queremos pensar a Matemática que
Acontece nas salas de aulas da escola
Da Escola Itinerante.

Que Matemática é proposta?
Que Matemática é dada?
Que Matemática é cobrada?
Qualquer discussão sobre a temática,
Precisa estar pautada por essas indagações.

A primeira,
Refere-se,
A matemática que é proposta no currículo do MST.
A segunda,
Refere-se,
Àquela que ocorre em sala de aula,
Segundo um planejamento.
A terceira,
Refere-se,
Àquela que algum momento passará reger a sala de aula
Devido as avaliações externas.

Como entrelaçar essas matemáticas?
Como proporcionar ao educando uma matemática
Que atenda suas necessidades e todas as outras exigências?
Quais metodologias utilizar?
Como planejar?
Como?
Pensar os professores de ensino e aprendizagem
Não é uma tarefa fácil,

Além do mais,
 O professor Luka,
 Tem uma grande responsabilidade,
 Afinal,
 Sua sala de aula,
 Provavelmente,
 É o sonho de todos professores,
 Cada sala com em média 10 aulas.
 Não é um sonho?

Como o professor, Luka
 Deveria proceder, para
 Aliar o currículo,
 A proposta
 A sua prática?

Vamos pensar:
 Primeiramente,
 Temos a porção da realidade sugerida para o semestre.
 Depois, temos os complexos
 E os conteúdos que devem ser trabalhados.

Luta pela reforma agrária
 É uma porção da realidade.
 Como a Matemática é justificada?
 Na mensuração de dados da reforma agrária
 Planejamento futuros
 Para pensa em
 Equipamentos tecnológicos
 Que colaborem na construção de
 Cisternas,
 Açudes,
 Pomares,
 Dentre outros^{xcviii}
 E o que isso tem a ver com Matemática?
 Grandezas e Medidas,
 Medidas de comprimentos,
 Medida de Área,
 Medida de Volume,
 Sistema de Coordenadas Cartesianas, e
 Círculo e Circunferência
 Essas são uma das possibilidades.

Mas, coitado do professor você deve pensar?
 Não é uma proposta vaga,
 Junto a isso, também
 São indicados

Modos de Avaliação
Pré-requisitos e,
Objetivos.

Ainda assim, não é fácil.
Essencialmente,
Por todas as situações citadas na discussão:
Os Professores.

O professor recém forma.
Que não conhece a realidade.
Que não compreende nem o MST.
Não é fácil,
Chegar e fazer tudo diferente.
Avaliar diferente.
Pensar Matemática,
Aquele disciplina
Que tantos gostamos
Por ser exata,
Pronta e acabada
De uma perspectiva diferente.
Mas, não é só diferente.
É contextualizado.
É aplicado a realidade,
É agregado,
Junto.
E isso, não é fácil,

A Educação Matemática,
Vem como muitas opções metodológicas,
Bem como,
Apresenta criticidade.
A Educação Matemática
Nesse momento,
Precisa se colocar
Como presença.
Uma presença
Que opere
Como as incertezas.
Que opere,
Com anseio legítimo dos Movimentos Sociais,
De ter acesso a Matemática,
Mas, uma Matemática que seja real.
Que dê um projeto de futuro.

Que matemática acontece na sala de aula?
Uma matemática do livro didático doado pela escola da cidade.

Uma matemática minimalista,
 Pautadas nas contas,
 Do tipo,
 Efetue os cálculos.
 É uma matemática contextualizada,
 Na experiência de carpinteiro do professor.

Que matemática passa a reger a sala de aula?
 A matemática do Governo do Estado.
 A matemática que dá medo até professor,
 Porque o aluno tem que saber,
 Mesmo sem saber,
 Mesmo sem ter visto.
 A matemática do Governo,
 Que tanto quer ver,
 Não enxerga
 Como desestrutura,
 Como estabelece o caos.

Se nos cobram uma matemática palpável,
 Não seria interessante,
 Uma avaliação
 Que respeite as realidades.
 Não é uma questão de prova diferente,
 Mas, questão de pensar o currículo.
 Se o currículo é diferente,
 As provas têm que se adequar a proposta?

A matemática que acontece
 Em sala de aula,
 Atrita
 Entre as forças que a regem,
 Que a organiza.
 A matemática da sala de aula,
 Nem é a matemática da proposta,
 Nem a do Governo,
 Nem a do livro didático,
 É a matemática que tem.
 Ela é o que sobre das forças que se enfrentam,
 E massacram qualquer possibilidade
 De uma matemática
 Que atenda aos anseios dos Movimentos Sociais,
 Aos anseios de qualquer estudante.

-
- ⁱ (Paião 2019).
- ⁱⁱ (Paião 2019, p. 17).
- ⁱⁱⁱ (Caldart et. Al., 2012, p. 659).
- ^{iv} (Campos e Cubas 2014).
- ^v (Fernandes, 2008, p. 74).
- ^{vi} (Fernandes 2008, p. 74).
- ^{vii} (Fernandes, 2008).
- ^{viii} (Paião, 2019, p. 17).
- ^{ix} Imagem XII: MST.
- ^x (Caldart, 2001, p. 1).
- ^{xi} (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2023).
- ^{xii} (Brasil, 1985).
- ^{xiii} (Oliveira, 2007).
- ^{xiv} (Brasil, 1988, 113).
- ^{xv} (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2023).
- ^{xvi} (Mattei, 2012; Stédile, 1994).
- ^{xvii} (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2023).
- ^{xviii} (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2023).
- ^{xix} (Sauer, 2010, p. 100).
- ^{xx} (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2023).
- ^{xxi} (Cabral, 2014, p. 118).
- ^{xxii} (Brasil, 2003).
- ^{xxiii} (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2023).
- ^{xxiv} Imagem XIII: A camponesa
- ^{xxv} Imagem XIV: Alexandra e seu lugar favorito.
- ^{xxvi} Imagem XIV: Ocupação barraco e natureza.
- ^{xxvii} Imagem XV: Ocupação x Barraco x Natureza.
- ^{xxviii} Imagem XI: Ocupação x Infância.
- ^{xxix} Imagem XVII: Crianças ocupando.
- ^{xxx} Imagem XVIII: Castelo Forte Real Porecatu. (Entrada de área residencial).
- ^{xxxi} Anísio Cardoso Ribeiro – 2019. (Coordenador do Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu).
- ^{xxxii} Porecatu é um município de pequeno porte. Está localizado no norte do Paraná, com um território de 292 km² e a área urbana mede 89 km². Faz limite ao norte com o estado de São Paulo, ao sul, com Florestópolis, a leste com Alvorada do Sul e, ao oeste, com Centenário do Sul. Porecatu desmembrou-se de Sertãoópolis em 1947. Todavia, só foi elevado à comarca em 1948, sendo instalado em 1949.
- ^{xxxiii} Segundo o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE).
- ^{xxxiv} (Santos, 2009).
- ^{xxxv} (Santos, 2009, p. 40).
- ^{xxxvi} “É o suficiente para que em 1891 ocorra o primeiro requerimento de legitimação de posses, descrevendo uma área em que, no futuro, se formará Porecatu. No ano seguinte, outro pedido de justificação de posses é formalizado, abrangendo uma área em que boa parte está sobreposta à anterior. Essas duas áreas dão origem a disputas causadas por uma sucessão de compras e vendas, sempre com objetivos especulativos, que irão culminar em 50 anos de conflitos entre posseiros, jagunços, grileiros e a polícia, sempre com participação e a responsabilidade do próprio governo do Paraná, com seus erros, omissões, disputas políticas e interesses pessoais. (Oikawa apud Forigo, 2011, p. 15).
- ^{xxxvii} (Brandão, 2019).
- ^{xxxviii} (Brandão, 2019).
- ^{xxxix} (Brandão, 2019).
- ^{xl} (Silva, 1996, p. 136).
- ^{xli} (Brandão, 2019).
- ^{xlii} (Brandão, 2019, p. 15)
- ^{xliii} (Oikawa, 2011).
- ^{xliv} (Brandão, 2019).
- ^{xlv} Imagem XIX: Usina Central do Paraná
- ^{xlvi} Imagem XX: Estatua em homenagem ao cortador de cana.
- ^{xlvi} Imagem XXI: Entrada do Acampamento.
- ^{xlvi} Imagem XXII: Entrada do Acampamento
- ^{xlvi} (Zampiva, 2013, *apud* Zampiva, 2014, p.23)
- ^l Imagem XXIII: Marcas da luta.

-
- li (Oxfam, 2019).
- lii Imagem XXIV: Momentos de coletividade.
- liii Imagem XXV: Momentos de educação.
- liv Palavra de ordem.
- lv (Sapelli, 2013, p. 79).
- lvi Sapelli (2013).
- lvii (Paião, 2019, 46).
- lviii (Paião, 2019, 46).
- lix (Caminni, 2009).
- lx (Weide, 1998, p. 120).
- lxi (Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 1989 apud Sapelli, 2015, p. 338).
- lxii (Caminni, 2009).
- lxiii A Escola Itinerante foi aprovada em seis estados brasileiros: Rio Grande do Sul (1996), Paraná (2003), Santa Catarina (2004), Goiás (2005), Alagoas (2005) e Piauí (2008), mas hoje só estão em funcionamento no Paraná e Piauí. (Capitani, 2003).
- lxiv Em 2008, procuradores do Estado do Rio Grande do Sul denunciaram o MST como entidade criminosa e terrorista. A partir desse posicionamento, o governo do estado do Rio Grande do Sul descredenciou todas as escolas itinerantes do estado, inviabilizando-as. (Leher, s/d, p. 6).
- lxv (Planos de Estudos, 2013, p. 11).
- lxvi Com a efetivação da reforma agrária, as escolas itinerantes deixam de ser itinerantes e passam a ser escolas regulares, cuja vinculação pode ocorrer tanto pelos municípios ou estado. Todavia, com as novas ocupações e, portanto, a constituição de novos acampamentos, surgem novas escolas itinerantes.
- lxvii (Paião, 2019, p. 47).
- lxviii (Caldart, 2009).
- lix (Caldart, 2009, p.42).
- lxx (Caldart, 2009, p. 42).
- lxxi (Silva, 2019, p. 12).
- lxxii (Santos, 1996, p. 314).
- lxxiii (Capitani, 2003).
- lxxiv Segundo semestre de 2019.
- lxxv (Sapelli, 2013, p. 129).
- lxxvi (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2008, p. 15).
- lxxvii Conversa em grupo com os alunos do 9 ano, 2019.
- lxxviii (Silva, 2019, p. 13).
- lxxix (Borges, 2017).
- lxxx (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2016, p. 2).
- lxxxi (Londrina, 2015, p. 66).
- lxxxii (Sapelli, 2013).
- lxxxiii (Sapelli, 2013, p. 214).
- lxxxiv (Paraná, 2006, p. 7).
- lxxxv (BORGES, 2017, p. 44-45).
- lxxxvi (Londrina, 2015).
- lxxxvii Imagem XXVI: A primeira escola (Fonte: Arquivo do Acampamento, sem data) e a escola atualmente (arquivo pessoal, 2023).
- lxxxviii (Caldart, p. 70, 2003).
- lxxxix Imagem XXVII: Documentos escolares (arquivo pessoal, 2023).
- xc (Borges, 2017).
- xci (Sapelli, 2013, p. 242-244)
- xcii (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2013, p.9)
- xciii (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2013, p.10)
- xciv (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2013, p.11).
- xcv Imagem XXVIII: Complexos de estudos.
- xcvi Imagem XXIX: Organicidade.
- xcvii (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2013, p. 31).
- xcviii (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2013, p. 215-216)

Querido Roger,

Como vai? Espero que esta carta te encontre bem!

Esta carta é um pouco diferente: é uma carta final. Não porque seja a última que trocamos, mas porque é a última de uma etapa chamada de doutorado.

Primeiramente, gostaria de te agradecer por ser esse cara que inspira e pira junto com a gente. Você acredita em uma educação matemática que me parece aliada àquela defendida por Gelsa Knijnik na palestra *O que os movimentos sociais têm a dizer à Educação Matemática?*, proferida em 2004 no VIII ENEM (KNIJNIK, 2004), uma educação matemática que serve aos propósitos dos movimentos sociais, uma educação matemática que luta pela equidade, pela construção de uma sociedade justa e feliz.

Sabe, Roger, sem você provavelmente eu não teria vivido todas essas experiências que me afetaram, que me marcaram e fizeram que eu sonhasse, conquistando, vivendo e aprendendo quem sou e o que quero...

Sem você, eu não teria saído de Inocência, no Mato Grosso do Sul. Sem você, eu não teria jamais vivido por cinco meses em um acampamento do MST. E, numa tentativa *falha*, lhe escrevo esta carta. *Falha* porque qualquer tentativa de colocar no papel o que vivi durante esse doutoramento não tem chance de ser exitosa. Qualquer tentativa de contar da minha experiência neste acampamento em sua completude está fadada ao fracasso, pois há uma certa complexidade colocar em palavras as sensações, os cheiros, os pensamentos, os arrepios, as risadas, as angústias, enfim, as histórias... Segue *capturas* que meu corpo no embate do encontrou *capturou*

A rotina no acampamento, Roger, foi intensa. Vivi com um povo que não para nem aos sábados. Nesse dia da semana, o movimento também se movimenta com reuniões, bingo etc. É dia de decisões, é dia de funcionamento. Apesar de saber disso, houve um sábado que meu corpo pediu descanso. Em um dos sábados, não fui às reuniões e me deparei com outra visão do acampamento. Uma rotina mais calma. Pássaros cantando, comendo as frutas no pé. Ruas vazias. É desse sábado do qual quero falar nesta última carta.

Naquele sábado, eu me levantei atrasada e decidi não participar das atividades daquele dia. Fui limpar a casa, lavar roupa. Eu não tinha tanque para lavar as minhas roupas. Tinha somente uma torneira instalada numa pequena área, de modo que era preciso deixar as roupas de molho em um balde. Depois de algum tempo de molho, esfreguei as roupas à mão e, por fim, as enxaguei com ajuda do próprio balde e da torneira. Após findado esse processo, preparei um

leite morno e sentei na escada que ficava entre a cozinha e a área serviço, onde fiquei observando aquela calmaria deixando-me levar por pensamentos supostamente aleatórios, mas que hoje vejo como estavam afetados por tudo o que (se) passava por ali.

Esses pensamentos me levaram ao meu lugar preferido na escola, a um refeitório com uma grade que separava o refeitório da área livre (corredor) da escola. Gostava de ficar ali, escorada na grade, observando o fluxo de pessoas que iam ocupando aquele lugar. Ficava ali calada, observando a principal brincadeira da molecada, *Polícia e Ladrão*, mas confesso que não conhecia bem as regras desse jogo até então. Via que as crianças faziam algumas linhas no chão, que pareciam divisórias, e cada uma delas só podia percorrer determinados espaços, em uma dinâmica em que o grupo de policiais precisavam pegar os membros do grupo de ladrões. Até agora não sei dizer se entendo realmente o conceito e qual o efeito desse jogo no Movimento, uma vez que os policiais nem sempre são os protetores daquelas pessoas.

Antes de ir ao acampamento, costumávamos dizer, Roger, que a escolha de ir para lá fazer um trabalho de campo era buscar o olho do furacão, na aposta de ver as intensidades do Movimento. Lá conheci muita gente, pessoas que ali estavam há dez, oito, seis anos..., em busca de um pedaço de terra. E quer saber, lá descobri que a terra nem sempre era o que trazia aquela gente. Elas poderiam estar em outros lugares, de um modo ou de outro, bom ou ruim, mas escolheram estar no acampamento. Escolheram a luta, pois quando se está ali, a luta faz parte do cotidiano. É como se a atmosfera te *capturasse*. Para estar ali, era preciso estudar, era preciso fazer parte, era preciso ir à luta, era preciso trabalhar. Não se tratava apenas de vir, erguer um barraco de lona preta e sobreviver.

As pessoas que ali estavam lutavam por um país mais justo. Corrijo: na verdade, ali ainda estão lutando por um pedaço de terra que nos foi roubado e negado desde o império, um pedaço de terra para ter um lar, um prato de comida, um teto sobre a cama. Um pedaço de terra que simboliza todas as negligências de um país tão desigual.

No histórico dessa luta, as pessoas tiveram que abrir ruas, lavar a roupa em mina d'água, carregar água no balde para fazer comida e tomar banho, construir a própria escola, de novo e de novo, em um exercício de resistência e de re-existência, de atualização de suas existências. Com a escola, conseguiram por conta própria a energia elétrica, encanaram a própria água. Essas pessoas escolheram viver nesse lugar, de um modo que muitos de nós não gostaríamos de viver. Afinal, não são tantos que querem lutar dia após dia. Lutar cansa.

O que cativou elas? Que *captura* é essa que essa geografia perdida faz? O que lhes dá a energia para não desistir? A possibilidade de ganhar alguns poucos hectares de terra para depois vender? Não, não acho que seja isso e não estou dizendo que isso não possa existir ou não possa

acontecer. Não se trata apenas disso ou daquilo. Esse lugar chamado acampamento do MST parece produzir uma força que move essa gente, que faz todo sangue brasileiro urgir em nossas veias. Essas pessoas são cativadas pela esperança, pela tranquilidade, pela comunidade.

Em meio a esses pensamentos não tão aleatórios, volto a me ver nesse lugar e pensar sobre minha pergunta de pesquisa e sobre a questão que Gelsa Knijnik se propunha a responder em sua palestra de 2004. Abraço novamente a pergunta *O que os movimentos sociais têm a dizer à Educação Matemática?*, que completa vinte anos de vida, mas me parece extremamente atual. Abraçada a ela, *capturada* por seus questionamentos fico pensando se tenho uma resposta, se a Educação Matemática está, vinte anos depois, disposta a mais, se é uma aliada. Como a Educação Matemática vê o MST? Como com esse movimento compõe? Como com ele deseja atuar? Se Educação Matemática e MST jogassem *Polícia e Ladrão*, estariam em um mesmo grupo? A Educação Matemática permitiria uma *captura*? E o MST?

Não tenho uma resposta final com esta tese. Pelo contrário, não quero dar uma resposta final. Quero aberturas. Sei que saio com outro corpo. Descubro que a minha preparação de corpo não foi apenas para saber o que fazer quando encontrasse sapos, e que funcionou com ratos. Descobri que, assim como a luta do MST é diária, assim é a preparação para a vida. Trata-se de uma preparação de corpo que se dá no acontecimento e não pela procura por elementos que nos privem da experiência.

Hoje tenho um corpo diferente daquele que tinha quando comecei a tese. Essas *capturas* feitas no olho do furacão, pois os acampamentos são o olho do furacão do MST, é esse ato de resistência que reinventa a vida de tanta gente, que resiste e revivi um passado de *roubos*, que encontra na re-existência *confronta* aqueles que deveriam *proteger*, garantir uma vida digna a todos. E no olho do furacão, as fissuras da caminhada feitas até são abertas e vejo o MST, sua luta e a Educação do Campo de outro modo. Vejo a Educação Matemática de outros modos. Vejo minha sala de aula de outros modos. Vejo a educação de outros modos. Modos esses que estão *presos* por “sistema” que opera na contramão na construção de um país onde a equidade e a felicidade prosperem. Nos resta, resistir e existir, a luta cansa, mas é preciso continuar. E o MST compreende essa necessidade e afirma a potência da vida em cada ato *rebelde*, em cada manifestação, em cada acampamento, em cada escola itinerante...

Quis compartilhar esses afetos e a produção desse corpo com os leitores desta tese, Roger, para que estes produzam outros corpos em meio à Educação Matemática e no mundo. Não sei se consegui, mas ficarei feliz se o leitor que terminar de ler essas linhas nada aleatórias tiver a proposta de outros jogos que desloquem *Polícia e Ladrão* para outros modos de existência, em que os ladrões talvez sejam aqueles que historicamente negam a vida de certos

grupos e que policiais sejam aqueles que protegem a sociedade, e não certos grupos da sociedade. Em outras palavras, que nesse novo *Polícia e Ladrão* todos entendam que os jogadores são membros de um mesmo jogo em que todos podem e devem sair vitoriosos.

Em tempo, a jornada até foi inspiradora, dura, afetuosa, recheada de aventuras, aprendizados acadêmicos e para a vida... Não sei ao certo, o que me trouxe até aqui, nunca sonhei nada disso, se quer era possível eu, ser professora de matemática e hoje eu sou. E sou quase doutora em Educação Matemática, mas, cá estou e estou mais do que nunca, buscando transformações, porque acredito na Educação Matemática e sua força de quebrar barreiras, acredito num povo que de mão dadas, há 40 anos, luta por reforma agrária e portanto, por um país mais junto para todos, acredito na educação que na micro revolução salva vidas. Então, obrigada, Roger, pois você é parte uma parte essencial e linda da minha caminhada.

Um forte abraço,

Ronilce Maira.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BARROS, M. de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

BOFF, L. e BETTO, F. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BORGES, L. G. **SABERES MATEMÁTICOS NAS ESCOLAS ITINERANTES: COMPLEXOS DE ESTUDOS**. 2017. Dissertação de (Mestrado). Universidade tecnológica federal do Paraná. Londrina – PR. 2017)

BRANDÃO, A. F. **Porecatu: luta pela terra e o papel da memória histórica na construção da identidade**. 2019. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade federal do Paraná. Matinhos – PR, 2019.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal.

BRASIL. **Decreto nº 91.766, de 10 de outubro de 1985**. Aprova o Plano Nacional de Reforma Agrária - PNRA. Disponível em: www.mda.gov.br/arquivos/I-PNRA.pdf. Acesso em: 19 ago. 2023.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **II Plano Nacional de Reforma Agrária: Paz Produção e Qualidade de Vida no Meio Rural**. Agosto de 2003. Disponível em: www.mda.gov.br/arquivos/PNRA_2004.pdf. Acesso em: 19 ago. 2023.

CABRAL, J. P. C. **Esquerda Progressista Uruguaia e a Reforma Agrária de Mercado: 2004-2011**. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; et al. (orgs) **Território em Conflito, Terra e Poder**. Goiânia: Kelps, p. 105-169, 2014.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA). s. l. 2003.

CALDART, R. S. Educação do campo: notas para uma análise do percurso. **Trabalho Educação Saúde, Rio de Janeiro**, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar/jun. 2009.

CALDART, R. S. et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. In.: **Estudos Avançados**, 2001.

CALDART, R. S, **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. São Paulo: Expressão Popular. 2004.

CAMINI, I. **Escola Itinerante na fronteira de uma nova escola**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

CAPITANI, R. **Escolas Itinerantes completam 10 anos de luta pela educação no Paraná**. Movimento dos trabalhadores rurais sem terra. s. l. 2013. Disponível em: <https://mst.org.br/2013/08/30/escolas-itinerantes-completam-10-anos-de-luta-pela-educacao-no-parana/> Acesso em: 31 ago. 2023.

CAUME, D. J. **A tessitura do “assentamento de reforma agrária”: discursos e práticas instituintes de um espaço agenciado pelo poder**. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

COELHO, F. **A prática da mística e a luta pela terra no MST**. 2010. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados – MS. 2010.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE REFORMA AGRÁRIA DO BRASIL - CONCRAB. **Novas formas de assentamentos de reforma agrária: a experiência da Comuna da Terra**. Brasília: CONCRAB/INCRA/CRT, 2004.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. 1995. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34.

FERNANDES, B. M. O MST e as reformas agrárias do Brasil. In: **Revista NERA**. Año IX N° 24 - Octubre de 2008. pp. 73-85.

FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão popular, 2009.

FREITAS, L. C. da; SAPELLI, M. L. S.; CALDART, R. S. **Planos de Estudos: Escolas Itinerantes**. Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: Cascavel, 2013

GARCIA, M. F. **39,9 milhões de pessoas no Brasil vivem com renda de até R\$ 89 por mês**. Observatório do terceiro setor. 2021. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/39-milhoes-de-pessoas-no-brasil-vivem-com-renda-de-ate-r-89-por-mes/> Acesso em: 31 ago. 2023.

GONDIM, D. M. de, **Manifestos Quilombolas: desta terra, nesta terra, para esta terra**. 2021. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2021.

HAMMEL, A. C.; FARIAS, M. I.; SAPELLI, M. L. S. Complexos de Estudo – do inventário ao Plano de Estudos. In: SAPELLI, M. L. S.; FREITAS, L. C. de; CALDART, R. S. (Org.). **Caminhos para transformação da escola: organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo: ensaios sobre complexos de estudo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 67-96.

KNIJNIK, G. **O que os movimentos sociais têm a dizer à Educação Matemática Anais do VIII ENEM** - Palestra. Recife, 2014.

LEHER, R. **Educação popular e luta de classes: um tema do século XXI**. s/d.

LONDRINA. **Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi: Projeto Político Pedagógico**, 2015.

LOPES, R. M. G. **Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com professores que lecionam Matemática**. 2016. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2016.

MATTEI, L. F. A reforma agrária brasileira: evolução do número de famílias assentadas no período pós-redemocratização do país. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2012.

MEDEIROS, L. S. **Reforma Agrária no Brasil: história e atualidade da luta pela terra**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Ciclos de Formação Humana na Escola**. Colégio Estadual Iraci Salete Strozak e Escolas Itinerantes. 2016.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Escola Itinerante: Plano de Estudos**. Cascavel: UNIOESTE, 2013.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Histórico da Escola Itinerante no estado do Paraná. **Cadernos da Escola Itinerante – MST**, Curitiba. 2008.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, **Nossa História**. s. l. 2023.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Plano Nacional do MST - 1989 à 1993. In: **Cadernos de Formação**, nº 17. São Paulo: MST, 1989.

MURAKMI, H. **O elefante desaparece**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

OIKAWA, M. **Porecatu**. A guerrilha que os comunistas esqueceram. São Paulo: Expressão Popular, 2011

OLIVEIRA, A. U. de. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

OXFAM, BRASIL. **Terra e Desigualdade**. s.l. 2019. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/terras-e-desigualdade/>. Acesso em: 31 ago. 2019.

PAIÃO, C. A. **Memórias da escola itinerante “Maria Aparecida Rosignol Franciosi”: histórias do fazer uma outra escola no Movimento dos Trabalhadores rurais sem terra**. 2019. Dissertação de (mestrado). Universidade tecnológica federal do Paraná. Londrina – PR. 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Curitiba: SEED, 2006

RANCIÈRE J. **A partilha do Sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. 2a Ed, São Paulo; Editora 34, 2009.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina;. Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/político no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, 1993. p. 241–251, 1993.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, Hucitec. 1996.

SANTOS, M. **A Urbanização brasileira**. 5ª edição. São Paulo: EDUSP, coleção “Milton Santos – 6”, 2009

SAPELLI, M. L. S. **Escola do Campo – espaço de disputa e de contradição**: análise da proposta pedagógica itinerante do Paraná e do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina. 2013. 488 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SAUER, S. 'Reforma agrária de mercado' no Brasil: um sonho que se tornou dívida". In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, vol. 18, nº 1, abril, 2010, p. 98-125.

SILVA, D. F. **Existência e resistência da escola itinerante herdeiros da luta de Porecatu**. 2019. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal do Paraná. Porecatu – PR. 2019.

SILVA, J. C. da. **Terra Roxa de Sangue**. Londrina: UEL, 1996.

SKOVSMOSE, O. **Educação Crítica: Incerteza, Matemática**, Responsabilidade, tradução de Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Cortez Editora: São Paulo, 2007.

STÉDILE, J. P. O MST e a luta pela terra. In: **Teoria e Debate**. n. 24, 1994.

TURATTI, M. C. M. Os filhos da lona preta. São Paulo: Editora Alameda, 2005.

VIANA, M. **À Gazeta**, Viana questiona ‘descolonização da matemática’. s.l. 2021.

Disponível em: <https://impa.br/noticias/a-gazeta-do-povo-viana-questiona-descolonizacao-da-matematica/> Acesso em: 31 ago, 2023.

WEIDE, D. F. **Que fazer pedagógico em acampamento da reforma agrária no Rio Grande do Sul**. Santa Maria, 1998. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 1998.

ZAMPIVA, S. **Diário de Campo na Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu**, 2013.